



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLOTECONOMIA

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Recife
2018

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú.

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

R7671 Romualdo, Fabiana Silva
O livro como signo e objeto cultural de leitura e o perfil leitor do estudante de Biblioteconomia da UFPE / Fabiana Silva Romualdo. – Recife, 2018.
71f.: il.

Orientador: Hélio Márcio Pajeú.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia, 2018.

Inclui referências e apêndice.

1. História cultural. 2. Signo semiótico. 3. Livro. 4. Leitura. 5. Biblioteconomia. I. Pajeú, Hélio Márcio (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-25)

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 30/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Hélio Márcio Pajeú (Orientador)
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Márcia Ivo Braz (Examinadora Interna 1)
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Georgia Ramine Silva de Lira (Examinadora Externa)
Bibliotecária

*E você fica com o livro por quanto tempo quiser.
Entendem? Valia mais do que me dar o livro. Pelo tempo
que eu quisesse! É tudo o que uma pessoa, grande ou
pequena, pode ter a ousadia de querer.*

(LISPECTOR, 1998)

RESUMO

Esta pesquisa materializa uma revisão bibliográfica a respeito dos conceitos de signo na perspectiva de Sanders Pierce e da teórica seguidora de seus preceitos, Lucia Santaella, no que concerne as categorias universais do signo semiótico com respeito Primeiridade, Secundidade e Terceiridade e suas relações com o representamen, interpretante e objeto para a partir delas refletir o livro como objeto cultural de leitura, transformador social e um item de grande valor afetivo para os seus leitores. O objetivo geral desse trabalho foi compreender o livro como signo a partir dos pressupostos teóricos da semiótica e as relações de afetividade que os estudantes de Biblioteconomia da UFPE constituem com esse objeto cultural. Como objetivos específicos procurou-se refletir a história e desenvolvimento do livro como um objeto cultural; discutir as concepções teóricas sobre a leitura; caracterizar o livro como um signo a partir das teorias da Semiótica; elaborar o perfil leitor dos alunos do curso de biblioteconomia em relação a leitura literária; e descrever as relações de afetividade constituídas pelos sujeitos no processo de mediação de leitura com o livro. Trata-se de um Estudo de Usuário que utilizou como instrumentos de coleta de dados questionários e entrevista semiestruturada pelo princípio do protocolo verbal. As relações de afetividade que os leitores desenvolvem pelo objeto cultural livro foram identificadas, analisadas e relacionadas aos conceitos semióticos do signo nos levando a concluir que tais relações se dão a partir de suas vivências, sentimentos, necessidades.

Palavras-chave: História cultural. Signo semiótico. Livro. Leitura. Biblioteconomia.

ABSTRACT

This research materializes a bibliographical revision regarding the concepts of sign in the perspective of Sanders Pierce and the follower of its precepts, Lucia Santaella, in what concerns the universal categories of the semiotic sign with respect to Primeirity, Secundity and Terceiridade and its relations with the representant, interpretant and object for them to reflect the book as cultural object of reading, social transformer and an item of great affective value to its readers. The general objective of this work was to understand the book as a sign from the theoretical presuppositions of semiotics and the relations of affection that UFPE Library students constitute with this cultural object. Specific objectives were to reflect the history and development of the book as a cultural object; discuss theoretical conceptions about reading; characterize the book as a sign from the theories of Semiotics; to elaborate the reader profile of the students of the librarianship course in relation to literary reading; and describe the relations of affectivity constituted by the subjects in the process of reading mediation with the book. It is a User Study that used as instruments of data collection questionnaires and interview semistructured by the principle of verbal protocol. The affective relationships that readers develop through the cultural object book have been identified, analyzed and related to the semiotic concepts of the sign leading us to conclude that such relationships are given from their experiences, feelings, needs.

Keywords: Cultural history. Semiotic sign. Book. Reading. Librarianship.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *mainha* **Ana Lucia**, por ter sido durante toda a vida um firme esteio, exemplo de confiança, incentivo amor e respeito. Ao senhor **Luann Rafaell**, que me apadrinhou espiritualmente e fisicamente, por me ter dado apoio e abrigo em todos os momentos de adversidade em que estive exposta. Ao senhor **Glauberto Junior** e sua genitora pelo apoio e abrigo oferecidos, a mão amiga e zelosa que foi de fundamental importância para o início de minha permanência na universidade. Sou grata ainda pela amizade e companheirismo da senhorita, **Rayane Rafaela** que expressivamente ajudou-me desde o início de minha vida acadêmica, que me viu passar por todos os processos e dramas universitários. A você minha amiga-irmã toda gratidão e carinho. A senhora **Ariany Corando** minha madrinha por todo incentivo e carinho durante a trajetória de vida e do curso. A senhorita **Luiza Mayara** pela amizade e guarida oferecidas em momentos oportunos durante a graduação. A senhora **Emmely Cristiny**, por ter sido uma chefia, e profissional exemplar da biblioteconomia. A **Isis Cunha** pela honrosa amizade, companheirismo e auxílio durante o árduo trajeto do curso. Toda a minha gratidão e estima a **Geovani Oliveira** pela amizade e contribuições para minha formação, sendo este um profissional que é exemplo nato de liderança e do verdadeiro trabalho em equipe. Aos meus colegas de curso: **Anderson Souza**, **Cássia Pergentino**, **Daniele Caetano**, **Kelly Paula**, **Marília Silveira**, **Letícia Felix**, **Wérleson Santos** e **Marcycleis Cavalcanti** por todos os momentos divertidos, palavras de carinho e incentivo, por toda colaboração para a construção deste trabalho e principalmente por terem ajudado em minha formação como pessoa mais humana; pelo aprendizado mais do que acadêmico que cada um destes, em particular me ensinou. Ao professor **Hélio Márcio Pajeú**, pessoa a qual tenho expressiva estima e respeito, agradeço por meio desta, por todo incentivo e acolhimento ao tema desta pesquisa. Por ter olhado este trabalho com carinho seriedade e respeito.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gostos pelos livros	44
Quadro 2 – Primeiros que são sentimentos e sensações	46
Quadro 3 - Reações físicas que a leitura provocou nos leitores	48
Quadro 4 - Livros preferidos e suas características	50
Quadro 5 - Depoimentos dos leitores	53
Quadro 6 - Qual o primeiro sentimento que você tem quando vê o seu livro preferido?.....	54
Quadro 7 - Este livro sempre terá a mesma representação ou lembrança para você?	55
Quadro 8 - Quais são suas reações durante a leitura?.....	57
Quadro 9 - O seu livro tem marcas que faz com que você passe a gostar mais dele?.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos leitores.....	33
Gráfico 2 - Faixa etária dos leitores.....	34
Gráfico 3 - Renda familiar.....	34
Gráfico 4 - Gênero Dramático.....	35
Gráfico 5 - Gênero Lírico 1/2.....	35
Gráfico 6 - Gênero Lírico 2/2.....	36
Gráfico 7 - Gênero Narrativo 1/4.....	36
Gráfico 8 - Gênero Narrativo 2/4.....	37
Gráfico 9 - Gênero Narrativo 3/4.....	37
Gráfico 10 - Gênero Narrativo 4/4.....	37
Gráfico 11 - Outros meios de leitura.....	38
Gráfico 12 - Locais onde os leitores têm acesso à internet.....	38
Gráfico 13 - Leitores digitais mais utilizados.....	39
Gráfico 14 - Formatos eletrônicos mais utilizados.....	39
Gráfico 15 - Estimativa de leitura dos estudantes.....	40
Gráfico 16 - Ambientes de leitura.....	40
Gráfico 17 - Posições preferidas para leitura.....	41
Gráfico 18 - Atitudes dos leitores com o livro.....	41
Gráfico 19 - Sugestão de itens para marcar páginas.....	42
Gráfico 20 - Características físicas do livro.....	43
Gráfico 21 - Hábitos desenvolvidos com o livro.....	43
Gráfico 22 - Leitores que afirmam ter lembranças a partir do objeto livro.....	46
Gráfico 23 - A respeito de emprestar o livro preferido.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A LEITURA E O LIVRO COMO OBJETO CULTURAL.....	16
3	O SIGNO NA SEMINÓTICA PIERCEANA.....	25
3.1	A relação triádica do signo semiótico.....	26
3.2	As categorias universais do signo.....	28
4	O PERFIL DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE E SEUS HÁBITOS DE LEITURA.....	33
5	AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE O LEITOR E O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL.....	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE.....	65

1 INTRODUÇÃO

O livro é visto atualmente como um instrumento de comunicação; de produção e transmissão de conhecimento e foi uma das primeiras de muitas formas de registrar o conhecimento depois das tábuas de argila e dos papiros. O suporte em forma de códex (livro), que por muito tempo foi essencialmente considerado como um item detido de sabedoria e uma grande ferramenta de pesquisa que foi responsável pelo desenvolvimento de estudos de significativa importância e também muito tardiamente um objeto que passou a fazer parte das atividades para distração e lazer. Goulart (2009) diz que não se pode considerar somente o aspecto material e externo do livro. As letras e símbolos só passam a ter sentido quando se leva em conta o entendimento do leitor. É importante não descartar a capacidade de compreender e interpretar o que se lê como uma atividade de afeto.

Durante séculos em sua trajetória evolutiva, o livro foi concebido como importante objeto informacional e passou a ganhar mais visibilidade. Além de carregar um grande valor histórico, facilitou a construção intelectual da sociedade. O livro tornou-se um objeto de caráter subjetivo a diversos povos já que possuir livros não era tão descomplicado e economicamente mais acessível como nos dias atuais. O acesso a esse tipo de material já esteve limitado apenas para pessoas em posições de poder; como as comunidades eclesásticas e a burguesia. Assim como a confecção do livro encadernado foram muitos os avanços que se desenvolveram a partir do conhecimento escrito contido nos livros, desse modo, possibilitou-se o compartilhamento do conhecimento e novas descobertas que puderam ser repassadas mais facilmente às gerações posteriores.

Esta pesquisa pretende abordar o tema dentro da biblioteconomia observando os aspectos distintos no que se refere à leitura como instrumento de poder, conhecimento, comunicação e entretenimento, compreendendo a extensão e a existência da diversidade de conceitos quanto a cultura de leitura; o objeto cultural livro e a relação de afetividade que o leitor tem por ele; a leitura como ação provocadora de reações que envolvem o emocional além do cognitivo, fazendo com que o leitor possa assimilar ideias e com isso direcionar pensamentos e ações ao contexto qual está inserido, a leitura como parte integrante de momentos particulares e íntimos do leitor, a fim de perceber expressões emotivas. Bem como, discutir e analisar, o comportamento leitor das turmas do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco. Pretendendo averiguar o contato entre leitor e livro

Segundo Ferreira (2018, p. 27) a natureza da CI é especialmente interdisciplinar, por ser ela uma ciência social aplicada. Interdisciplinaridade é uma palavra chave na Biblioteconomia contemporânea, pois, ela está diretamente relacionada com áreas do saber como a Linguística, a Comunicação, a Ciência da Computação, a Estatística, a Semiótica e muitas outras.

É por tal razão, que está pesquisa traz um olhar semiótico a respeito dos signos, desenvolvidos por Charles Sanders Peirce, demonstrando como um objeto pode ser signo para alguém; como se apresenta e se representa em diferentes contextos e dimensões. Esta pesquisa sobre o livro como objeto cultural de leitura começou a partir do momento em que pude ouvir pela voz de um professor no início da graduação a narração do conto: **Felicidade Clandestina** da autora Clarice Lispector (1998):

[...] As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. (...) Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. (...) Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

É possível identificar a partir dessa estória o que a personagem ainda menina sentiu ao ter o livro “As reinações de Narizinho.” Perceber elementos semióticos contidos no signo que o livro se tornou para ela ao poder abraçar, tocá-lo e senti-lo repousando em seu colo; por momentos provocou-lhe sensações incomparáveis a qualquer outra experiência já vivida pela menina. Que somente aquele livro pôde lhe proporcionar. Proporcionar a felicidade clandestina que está em cada livro que permite, transmite e provoca sentimentos únicos. Essas sensações físicas e lembranças, que estão adormecidas e só se libertam a partir desse contato, quando o sujeito se encontra diante do seu livro-signo.

Deste modo, algumas questões pessoais suscitaram a materialização dessa pesquisa: os estudantes de graduação em biblioteconomia da UFPE gostam de ler? Qual o significado que tem o livro para estes estudantes? Os estudantes de biblioteconomia são geralmente

apontados como indivíduos que têm gosto pela leitura e deliberadamente pelo livro, e diante disso, constitui-se um estereótipo a ser contestado. Que tipo de literatura que não está contida ou relacionada com as atividades acadêmicas, estes sujeitos costumam ler? Romances, terror, poesias, contos, outros gêneros? Torna-se necessário apurar a importância que o livro tem para o estudante de biblioteconomia, e os seus respectivos hábitos de leitura. Outro ponto importante para esta pesquisa; o leitor se emociona ao ler? E partindo disso, investigar juntamente a estes sujeitos a manifestação de alguns sentimentos que a prática e contato com determinadas leituras é capaz de lhes causar fisicamente. Por exemplo, alguns tipos de sentimentos expressos durante a leitura e o contato com o livro podem ser: o choro, a alegria, a raiva, o riso. Todas essas reações são de certo modo, descritas e representadas com propriedade dentro do livro, ou são provocadas pelo objeto-livro em si.

Chartier (1991) nos traz o conceito de representação do signo a partir da leitura entre a imagem presente fisicamente e o objeto ausente, o livro como objeto cultural integrado na formação cultural das sociedades, e impregnado de significações, que divergem a cada pessoa. E na realização da leitura interna paginada ou externa é possível identificá-las através dos signos. O tipo de signo a que Chartier se refere são os signos lingüísticos, simbólicos de representação da escrita; ou seja, as letras. O leitor interpretante será afetado pelo significado que ele atribuir à situação expressa dentro do contexto o qual está inserido, no que representa, ou supostamente se aproxima de sua realidade e das experiências cotidianas vivenciadas e particularmente sentidas que foram percebidas devido à freqüente incidência desses possíveis fatores ao ler livros, que contenham assuntos de gêneros específicos e que são existentes em seu meio. “[...] Pois, a leitura é um ato social, entre dois sujeitos; leitor e autor que interagem entre si, obedecendo aos objetivos e necessidades socialmente determinados.” (KLEIMAN, 2013 p. 12). O poder persuasivo e compenetrante da leitura de alguns livros e textos é impressionantemente capaz de despertar o lado emotivo de alguns leitores, é interessante notar as possíveis reações dos que são acometidos por esse estado desencadeado pelo contato com o livro observando algumas das situações emotivas citadas. Por fim, compreender a leitura como agente transformador social, e também destacar a importância das mudanças intrínsecas, efetivadas pela vivência da realidade contida nos livros.

Este trabalho se justifica ao trazer uma temática que trata o livro além de somente um objeto visto como de cunho intelectual. Ele pode proporcionar também o desenvolver de práticas de lazer. Este estudo está preocupado em investigar a representação do livro físico para os estudantes do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco e qual o significado do livro para os mesmos, com ênfase na investigação das emoções que a

leitura e o contato com este objeto cultural podem proporcionar aos leitores. Entre reações e expressões de sentimentos intrínsecos que podem vir a ser apresentados de modo externo; identificadas através de expressões físicas, faciais, pelo choro, através do gargalhar e todas estas sendo estimuladas pela leitura.

Todo bibliotecário necessita ter a curiosidade como ferramenta de sua profissão e principalmente como uma das peças primordiais à sua formação. É com este pensamento que se iniciou a questão desse estudo sobre o relacionamento dos estudantes de biblioteconomia com o objeto livro. A preocupação em descobrir o que realmente representa o perfil desse público. Sabendo-se também que o material que se é desenvolvido a respeito das questões emocionais está relacionado e pertence essencialmente a áreas distintas da biblioteconomia. E acreditando que a ciência da informação também pode pertencer a este ramo, contida em suas limitações, e que de certo modo pode-se propor a investigar sobre questões como estas citadas inicialmente, compondo uma nova perspectiva sobre a leitura, e rompendo com os estereótipos lançados aos profissionais e estudantes da área da biblioteconomia.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho é compreender o livro como signo a partir dos pressupostos teóricos da semiótica e as relações de afetividade que os estudantes de biblioteconomia constituem com esse objeto cultural. Como objetivos específicos tem-se a pretensão de: refletir a história e desenvolvimento do livro como um objeto cultural; discutir as concepções teóricas sobre a leitura; caracterizar o livro como um signo a partir das teorias da Semiótica; elaborar o perfil leitor dos alunos do curso de biblioteconomia em relação a leitura literária; e descrever as relações de afetividade constituídas pelos sujeitos no processo de mediação de leitura com o livro.

O foco dessa pesquisa foi realizar uma análise do perfil leitor de um determinado grupo de estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, investigando-os a respeito da sua interação com o livro físico; deste modo, nosso caminho metodológico arquitetou uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010, p. 29-30), se trata de uma pesquisa “elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.” A respeito da leitura, do livro e da semiótica.

Como procedimento metodológico trabalho se enquadra como um estudo de usuário, que segundo Cunha (1982, p. 40)

podem ser de dois tipos: a. Estudos centrados na biblioteca: a investigação de como as bibliotecas e os centros de informação são utilizados; b. Estudos centrados no

usuário: como um grupo particular de usuários obtém a informação necessária para conduzir o seu trabalho. (CUNHA, 1982, p. 40)

Nesse caso, arquitetou-se um estudo centrado no usuário, que se trata de um método que engloba entrevistas, questionários a respeito de uma temática ou/e determinados serviços oferecidos por uma unidade de informação, ou instituição. É um método multidisciplinar, que cabe também utilizar durante a investigação dessa pesquisa a respeito dos livros com quarenta alunos do curso de Biblioteconomia do segundo período ao oitavo período. E a fim de obter os resultados esperados; se fará uso de um questionário online e de uma entrevista.

O primeiro consiste em um modelo eletrônico de questionário (disponível no apêndice desse trabalho). O questionário é uma “[...] sequência de perguntas feitas para servir de guia a uma investigação, uma entrevista” (HOUAISS; VILLAR, 2009). A aplicação do questionário eletrônico proposto para coleta de dados e informações desta pesquisa é visto como um instrumento prático e didático para elaboração de perguntas. Assim, como apresentará melhor descrição visual dos resultados obtidos após o recebimento das respostas.

O segundo componente do método de coleta de dados, será uma entrevista que [...] “permitirá captar reações, sentimentos, hábitos do entrevistado e possibilita que o entrevistador esclareça alguma pergunta ou terminologia não compreendida pelo entrevistado [...]” (BAPTISTA; CUNHA, 2007, p. 11). O que facilitará a descrição dos resultados e o melhor entendimento a respeito das perguntas e respostas pela pesquisadora.

Os alunos que responderam ao primeiro questionário que será realizado online, serão selecionados para a segunda etapa de coleta de dados da pesquisa; que consiste na entrevista quando demonstrarem veemente interesse pelo livro físico, evidenciando sua preferência pelo objeto, bem como certa afetividade e representação do signo como resgatador de alguma memória e provocador de sentimentos. Que podem ser externados ao ter contato com este objeto cultural. Durante a entrevista semiestruturada, será utilizada também nesta pesquisa, a metodologia do modelo de Protocolo Verbal (PV), que consiste em procedimento de coleta de dados que permite o

pensar alto, são usados para fazer referência a verbalizações do pensamento, feitas por determinados indivíduos, durante o processamento de uma tarefa cognitiva. O objetivo principal de sua utilização é o de instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos BALDO (2011, p. 152, apud ESPINO, 2007).

A realização da entrevista presencial de Protocolo verbal, foi com 05 dos estudantes do 2º ao 8º período do curso de Biblioteconomia que participaram da pesquisa respondendo

ao questionário online e que nele demonstraram interesse extremo pelo livro físico como instrumento importante para construção de suas práticas de leitura e principalmente o vê como um objeto que lhe desperta sentimentos, reações e memórias de afetividade. Foi utilizado na entrevista de protocolo verbal; os livros preferidos dos entrevistados, indicados anteriormente no questionário online. Com a finalidade de captar as relações afetivas do leitor diante do livro. As informações particulares dos entrevistados que não são de interesse crucial para o andamento da pesquisa foram mantidas em sigilo.

Deste modo, nesse trabalho no primeiro capítulo discute-se a leitura e o livro como objeto cultural, trazendo uma breve explanação sobre como os hábitos de leitura e o livro foram se expandindo na sociedade durante os séculos, também reflete questões como o acesso a leitura e ao livro, e a transformação social que a leitura é capaz de causar nos indivíduos. O segundo capítulo trata da modificação do suporte da leitura, do papiro ao livro em formato de códice, o percurso que o livro fez até chegar ao suporte atual e o valor a que este objeto cultural vem ganhando ao longo do tempo. O terceiro capítulo explana a respeito da semiótica e do signo, discutindo o conceito de signo, e como surgiu a semiótica Pierciana, o que ela estuda e com o que se relaciona com base em teóricos que seguem os preceitos deste autor, bem como acerca da relação triádica do signo semiótico Pierciano. E fechando a discussão o quinto momento da pesquisa expõe os resultados da pesquisa e análise das entrevistas feitas com os leitores.

2 A LEITURA E O LIVRO COMO OBJETO CULTURAL

O livro é um objeto cultural de leitura porque assim a sociedade o fez. Por pertencer a uma das eras mais importantes do desenvolvimento da história letrada e disseminação da informação. “História cultural, é a predileção de significação, ou seja, o sentido que tanto criadores quanto receptores atribuem aos objetos culturais.” (NAVARRETE, 2011, p.32). A produção de livros elevou a produção literária, a literatura tornou-se um bem social atemporal, enraizada desde cedo como representação dinâmica da sociedade. Visto que a leitura se designa em variados aspectos, podendo alcançar um olhar diverso dependendo do lugar onde se é realizada, assim, se constrói também um objeto cultural. Marcia Abreu comenta a respeito disso especificamente em seu texto “*Diferentes formas de ler*”, sobre os tipos de leituras que as pessoas geralmente leem, e os suportes em que essas leituras são encontradas. Considera ler, mais do que ler apenas livros. Ler jornais, revistas, placas e anúncios pelas ruas

também é um modo de realizar constantemente a leitura, e são atos que não devem ser desprezados para se valorizar uma cultura elitista de leitura.

[...] Esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia. Homens e mulheres bem instalados socialmente parecem ter ficado satisfeitos em associar-se a certos sinais exteriores de sucesso: boas casas, belos vestidos, ambientes confortáveis, e *livros*. (ABREU, 2001).

A valorização do texto e da leitura ocupou um lugar essencial para a igreja, a administração pública e a classe burguesa. Toda boa casa de magistrados; da elite que compunha a alta camada social possuiriam bons e estimados livros. Ter esses itens em casa, num escritório ou sala de leitura a parte significava ter poder e conhecimento. A partir daí, já se pode observar a importância que tinha o livro e a leitura como agentes transformadores de mentes e da sociedade. E os pobres em pequena escala que também sabiam ler, apreciavam ter posse dos mesmos objetos culturais de leitura. Com isso, o livro passa a tomar lugar nas casas e logo mais, nas prateleiras das primeiras bibliotecas.

É necessário abraçar os vários modos de leitura e de textos em diversos suportes; sejam eles convencionais ou não, como válidos. Pensar o conhecimento advindo da leitura como instrumento de prestígio, mas também com uma fonte vasta de comunicação e lazer. O tipo de lazer que a leitura oferece está nas sensações de prazer, alegria e curiosidade; entre outros sentimentos que podem ser despertados ao ler. Tudo isso faz parte de um processo que vai se tornando uma extensão do texto escrito, do suporte para o corpo. Digamos que uma espécie de elo de leitura.

[...] Com efeito, existe na leitura de divertimento (e em toda leitura) uma posição do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé... Além das atitudes próprias às gerações ou aos dados técnicos (a vela, o abajur, por exemplo) ou climáticos, uma disposição pessoal de cada um para a leitura. Diria um rito. (CHARTIER, 2001, p.108-109)

Analisar como se dá o contato entre leitor e livro, não somente o objeto livro, mas a relação de afetividade que o leitor desenvolve por ele. A prática de leitura envolve não somente a cognição, mas perpassa as linhas do texto, até o corpo do leitor que participa espontaneamente desse processo. Sendo o livro considerado um dos meios de comunicação pelo qual as informações chegam diretamente aos indivíduos Lucia Santaella discorre o seguinte:

Entretanto, a grande expansão do sentido de “meios” só seria alcançada com a repercussão produzida pela obra de McLuhan. À luz de sua concepção dos “meios como extensões do homem” (1969), a palavra “meios” passou a se referir a todos os

meios de comunicação: a oralidade, os meios impressos (livros, quadrinhos, revistas, e jornais) e os meios de comunicação de massa (foto, cinema, rádio e televisão). McLuhan dividiu esses meios em quentes e frios. São quentes os meios de alta definição, isto é, aqueles meios que se fixam exclusivamente em um canal sensorio para a transmissão da mensagem, como, por exemplo, o telefone, que depende apenas do ouvido. Também a linguagem escrita, no livro, se fixa na exclusividade da visão. Meios frios são aqueles que exigem uma participação mais ativa do receptor. Por serem de baixa definição, implicam uma mistura sensorio-perceptiva que envolve ativamente o receptor na mensagem. (SANTAELLA; NORTH, 2004, p. 58)

O relacionamento que uma pessoa pode desenvolver a respeito de um determinado objeto e as significações que lhe são atribuídas, surgem a partir do contato com este objeto. Um meio de comunicação não se atém unicamente a transmissão de informações prontas; esse processo envolve uma mediação entre o objeto que transmite a informação e o receptor da mesma. Neste sentido, o livro pode ser classificado como um meio de comunicação quente, pois, necessita envolver a ótica do leitor e posteriormente suas percepções intrínsecas sobre o objeto ou texto lido. Vejamos a seguinte descrição de Bellei (2008) a respeito da forma em que a informação encontra-se disposta, e os valores que o sujeito leva em conta na hora de significar o contato físico com o livro.

Um livro ou qualquer outro objeto impresso, tenha ele saído de uma tipografia do século XVII ou do século XXI, é um objeto físico formado por diversos materiais e cores, para além de uma estrutura interna que é influenciada pela sua forma física. Para além do texto, o leitor e atribui seu significado a esses elementos que também fazem parte do livro e que vão influenciar a sua percepção. (BELLEI, 2008, p.34)

Alguns dos primeiros livros a serem produzidos custavam caro, principalmente pelo material de sua composição mais do que pelo conteúdo que continham. Antigamente eram produzidos com tinta de boa qualidade e decorações a ouro; capas elaboradas a veludo ou a couro. O livro passou a ter o formato *códice* (cadernos unidos), tornando mais fácil a realização da leitura e o manuseio. Diferente do pergaminho *Volumen* que anteriormente era utilizado para os registros. Esse novo formato do livro permitiu melhor estado de conservação e durabilidade do material. O formato do livro muda o modo de realizar a leitura, tanto fisicamente, como cognitivamente porque o ato de ler capta a todo tempo mensagens externas ao texto.

A afetividade que um determinado item é capaz de provocar e transmitir aos leitores vai muito além de um mero apreço ou uma simples atividade de lazer. É necessário não descartar as possibilidades de comunicação que existem entre o objeto e o ser humano. Seu modo de interpretação e leitura sobre determinados signos. Signos estes, que são de uma

espécie particularmente. Assim como Chartier, o autor acima cita as formas físicas que o livro pode ter, garantindo que esse aspecto também tem grande influência na escolha do leitor e principalmente no ato da leitura que irá realizar, no desenvolver da relação de estima pelo objeto, e que se torna vivida durante a leitura e após ela. Silveira (2007) diz que “um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido.” Para compreender o mundo das significações é preciso compreender antes o mundo que os cerca. A realização de uma construção de sentido se dá por meio dos contatos com os mundos particulares de cada um, assim se dá a singularização do signo e posteriormente do seu interpretante. De acordo com (Simões 2001 Apud Dias 2014, p.39)

[...] cremos que examinar algo numa perspectiva semiótica consiste em reeducar-se a percepção do mundo; redirecionar a capacidade de captação dos signos e significações resultantes da interação do homem com o seu mundo e com o mundo que o cerca. (SIMÕES, 2001 Apud DIAS, 2014, p.39)

A exemplo pode-se mencionar alguém que possui algum livro ou outro objeto; e que por ele desenvolve um relacionamento de afetividade, assim como fazem também alguns colecionadores. O valor histórico, cultural ou emocional agregado ao objeto, ultrapassa o seu significado genérico, e principalmente o seu valor monetário. Mas não deixa de continuar sendo subjetivo a sua compreensão, que não limita-se a apresentar a todos um único sentido. O sentimento que cada indivíduo desencadeia ao ter contato com o objeto cultural neste caso, o livro que ele prefere, traz o sentimento de lembrar que é provocado exatamente por aquele objeto-livro, que representa para esta pessoa uma memória de algo ou algum momento importante. Podendo ser um resgate de uma situação feliz, ou não. O livro neste caso adquire a função de signo. De acordo com Pereira (2012) signos são elementos de uma mensagem “[...] Se a mensagem for comparada a uma casa, os signos seriam os tijolos que usamos na construção.”

Apesar de tudo, um signo faz resgate de memórias particulares para alguém, o que não é a mesma memória para todas as pessoas, quando se trata de um contato de secundidade. “A secundidade é a categoria do reagir e interagir, é o plano da interação dialógica (SOUZA, 2006, p.159). As categorias Piercianas do signo são:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa. Secundidade é o modo de ser daquilo tal como é, com respeito a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o

modo daquilo que é tal como é, colocando em relação recíproca um segundo e um terceiro. (PIERCE [1958]V.8§ 328 Apud SILVEIRA, 2007, p.41)

Ao ter contato com um novo objeto, seja ele, livro ou não, a percepção que o sujeito tem conta com a influência da sua experiência como leitor; e sua vivência de mundo. São duas leituras que se interseccionam para dar sentido a algo e formar um signo para alguém. Já dizia McKenzie, “a forma afeta o sentido.” In (BELLEI, 2002). O entendimento sobre algo sempre carregará julgamentos distintos para grande parte da sociedade, justamente por ela ser composta por diferentes pessoas e culturas. De acordo com (FREIRE, 1998) “A leitura do mundo transporta a leitura da palavra”, tornando-se também uma atividade social. A leitura da palavra não significa o rompimento da leitura de mundo que é desenvolvida partindo das experiências sociais do indivíduo. O livro é genericamente associado ao conhecimento, e o ato de ler é comumente relacionado a decodificação das palavras e a sua interpretação. Sem preferenciar o seu significado a partir da experiência de mundo, e que por isso não resulta em conhecimento o que é lido sem se ter uma noção da vivência e dos sentidos.

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. (CHARTIER, 2001, p.108)

A leitura para Chartier consiste na produção da novidade, e não na reprodução esquemática de sentido pretendida pelo escritor do texto. Renovar os sentidos diz respeito, às vivências particulares de modo singular. A incorporação do sentido se dá de forma livre, e independe do que algo representa para outro sujeito no momento. Ainda sobre signos; vejamos a possibilidade do que pode ser considerado signo. Pereira (2012, p.43-44) diz o seguinte: “Em primeiro lugar, o signo é algo que se vê, ou se ouve, ou se toca, ou se cheira, ou se sente o sabor, em suma algo que é captado pelos sentidos, algo perceptível. Em segundo lugar, esse algo que se percebe transporta uma ideia, um conceito, um conteúdo.” Assim, o livro pode também tomar o lugar de signo, assim como o é. Suas características físicas o permitem ser. Pelos sentidos, pelo cheiro de livro novo ou velho. Pelos variados formatos que pode vir a ter, pelo barulho das páginas ao ser manuseado, o livro é um signo mesmo quando não é realizada a sua leitura de modo verbal.

A ligação do signo ao objeto se dá sob algum aspecto ou qualidade, quer dizer: o signo está ligado ao objeto não em virtude de todos os aspectos do objeto, porque se assim fosse, ele seria o próprio objeto. Pois bem, ele é signo justamente porque não pode ser o objeto. (SANTAELLA, 200, p.30)

O signo é formado por aspectos exteriores a ele, a ligação do signo ao objeto ocorre de modo original, peculiar, porém, imperfeito em determinados termos. Assim, o trabalho de se fazê-lo conhecer como signo não é somente da mente do sujeito. Para se reconhecer como tal, ele percorre um processo socialmente externo e, é concebido como tal por agregar valores que lhe são atribuídos através de concepções e de vivências externas.

O livro segundo Tragino (2013) é posto socialmente como um tipo de suporte da escrita, que é meramente manipulado pelo leitor para compreensão de um discurso que o livro traz consigo. De acordo com o dicionário, defini-se o conceito de “Livro coleção de folhas de papel, impressa ou não, reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente.” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Ao longo da história nota-se que o livro foi ganhando uma visibilidade, ainda que diferentemente do modo que hoje podemos compreender este objeto cultural. O livro passou a ser concebido como um item literário valioso para o consumo, e que no século XVIII teve seu apogeu como um dos suportes mais comercializados da época.

Graças ao invento do tipógrafo alemão, o texto impresso deixou de ser privilégio de poucos, ganhando com isso usos e repercussões bastante variadas. Por exemplo, o jornal diário, os panfletos de divulgação e, em especial a disseminação em massa de inúmeros gêneros literários. (EL FAR, 2006, p.11)

Como afirma (TRAGINO, 2013, p.7) o livro foi embutido num conceito implícito de leitura. Ambos os conceitos se confundiam na maior parte do tempo. Então o suporte incorporou o texto, e não anda separado dele. Tragino, ainda observa que o livro tem seu valor estimado por se tratar de um objeto de transporte da comunicação, e que comunica por si mesmo ao leitor, sendo ele considerado uma peça fundamental sem a qual a literatura não poderia ser feita, porque o livro e o texto juntos fazem uma ligação entre o mundo e o sujeito leitor. O leitor complementa a existência do livro, sendo esta a etapa final do seu ciclo de criação, que vai da escrita realizada pelo autor até a editoração, distribuição e da livraria para o leitor. Todo o processo compõe não somente a história de confecção do livro, mas passa a fazer parte das raízes de uma história que o leitor terá com o produto final.

O texto impresso, em toda a sua variedade, já não era mais algo raro, mas ainda requisitava a imaginação dos livreiros e editores, que a toda hora procuravam fazer do livro um produto constantemente desejado, seja por seu conteúdo, ou por sua aparência atraente e lúdica. (EL FAR, 2006, p.38)

As etapas da criação de um livro não constituem o sentido integral se não se relacionarem com o todo. O formato do livro é importante para o leitor, a cor das folhas, o tamanho, e os tipos de caracteres utilizados para uma melhor compreensão do texto. “O rolo deu lugar a folhas presas por costura e encadernadas, formando o códice, objeto que já representa o formato de livro. Aos poucos, esses livros artesanais foram se impondo, inclusive como bens preciosos da realeza” (MILANESI, 2013, p.25), a modernidade e as novas técnicas de fabricação deram margem para que o pergaminho fosse a ponte do papiro para a imprensa que era utilizada como novos meios de disseminação da informação mais a frente. “ Já se afirmou, aliás, que o códice significou uma mudança radical na história do livro, talvez mais importante que a de Gutenberg, pois o atingiu em sua forma.” (ARAÚJO,2008,p.41) A invenção da imprensa por Gutenberg permitiu a flexibilidade e rapidez na elaboração do livro, com isso, também diminuíram os custos de fabricação, a descoberta da nova invenção tipográfica propiciou grandes mudanças nos hábitos de leitura. “ Naquela época fosse no ambiente requintado da corte ou no humilde recanto dos camponeses e trabalhadores pobres, um livro, por ser ainda objeto raro, era lido e relido várias vezes.” (EL FAR, 2006, p.28). O livro passou a ser acessível não a toda população, mas a algumas minorias significativas ao mesmo tempo que ocorre a evolução do livro acontece também a evolução das práticas de leitura da sociedade. Para Chartier (2001) as mudanças culturais são fruto das transformações que acontecem na sociedade. O livro é resultado dos avanços sociais e econômicos de uma sociedade, o desenvolvimento da técnica da tipografia dos textos conta com o desenvolvimento educacional. A tipografia traz consigo a evolução de uma sociedade de letras. Uma sociedade com uma boa escolarização remete a um número maior de leitores, a invenção do livro mudou a maneira de se ler o mundo.

Mais do que um objeto, por tanto, um livro é uma entidade que institui valores comunitários e econômicos e identidades grupais e individuais. Vale dizer, o livro, em certa medida, define subjetividades e o que elas significam na sociedade humana. (BELLEI, 2002, p.13)

O livro é um objeto cultural porque muda o pensamento da sociedade e suas ações. O acesso à informação é permite que o sujeito tenha o deleite da mudança. A leitura constitui a identidade do sujeito. Chartier (2001), afirma que as formas que dão a ler, a ouvir ou ver os

textos, elas também dão a construção de sua significação. Antes se fazia na maioria das vezes a leitura em voz alta. Para que as pessoas que não soubessem ler ouvissem, e mais do que isso para que as pessoas que lessem em voz alta fossem vistas com certo prestígio diante da sociedade letrada e semianalfabeta.

A palavra impressa, o “escrito, representa o conhecimento possível apenas a uma camada da população: a elite, os dominantes. A classe popular, induzida a se considerar incapaz de interpretar aqueles significantes, acaba por considerá-los verdadeiros a partir do momento em que, para eles, são incompreensíveis. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p.32)

A palavra falada fez parte dos ritos culturais desde os primórdios, eram inseridas em diferentes contextos sociais. A memória e a história eram repassadas desse modo e foi durante muito tempo um forte veículo de comunicação antes do texto escrito.

A leitura silenciosa é o retrato da intimidade e de uma relação individual do leitor com o texto lido (livro). Diferente da leitura realizada em voz alta. “[...] A diferença entre leitura oral e leitura silenciosa também pode ser entendida como um índice das distâncias socioculturais em uma dada sociedade.” (CHARTIER, 2001, p.82).

A oralidade predominante na camada social mais baixa e sem acesso à escolarização não era a leitura silenciosa, a leitura que permite que o leitor realize intermediações entre o texto e sua cultura, e o misturar da cultura do autor com a sua cultura. Ir além do que o diz o papel, instigar, imaginar, fazer relações reais e prontamente sentidas, reagir fisicamente às palavras lidas no momento. Os efeitos causados pela leitura em silêncio não forçam o cognitivo e não é meramente decoreba. Não é uma atitude cognitiva por si só, acabada. É o aprender e o envolver de um relacionamento com vias de trocas mútuas, o texto dá ao leitor e o leitor dá ao texto, significação e vida aos sentidos. A respeito da prática de leitura Tragino (2013, p. 29), discorre o seguinte: “[...] Os atos físicos de se praticar a leitura assim como os de reagir a sua recepção são comportamentos que, juntos, efetivam caminhos de entendimento do texto, e esse entendimento requer tanto uma manipulação do objeto, quanto uma imaginação aplicada sobre ele.” A liberdade que a leitura permite que a mente do sujeito tenha o faz transpassar do imaginário para o real. Suas percepções físicas e intrínsecas, abstratas se unem num só. Chartier afirma que cada sujeito leitor faz uma resignificação do valor do objeto que lê. É esse um dos ângulos pelo qual é possível ver a representação dos objetos culturais. “Ler é portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiamos o desconhecido.” (CHARTIER, 2001, p. 113). Um olhar Freiriano sobre este trecho, faz refletir mais uma vez, que a leitura traz um viés diferente por cada pessoa em particular e que é uma releitura que se contrapõe a

um passado de outras leituras, de todo conhecer que antecede a leitura verbal que o sujeito realiza no momento. Como conta Chartier em seu livro do *Palco a página*, a história de um professor que de tanto ler havia perdido a visão. E decidiu por contratar uma pessoa para ler seus livros em voz alta, essa experiência de ouvir os textos o irritava, porque uma voz que não era dele dava vida a narrativa de forma diferente. Então, pediu para que a moça que havia contratado lesse em silêncio. Que para ele já era uma grande alegria que alguém estivesse viajando nas leituras do seu mundo. Em outra situação a moça contou ao professor que havia viajado para o lugar citado no livro, e que lá era muito diferente do que estava escrito. O professor coberto por irritação, não aceitava que ela descrevesse de outra forma uma realidade imaginada por ele. Cada leitor recebe o texto de uma forma, como afirma Navarrete (2011, p.41) são leitores diferentes, leituras diferentes, sentidos diferentes.

3 O SIGNO NA SEMINÓTICA PIERCEANA

Charles Sanders Peirce (1839-1914) é considerado um dos precursores dos estudos semióticos modernos. Após os estudos de vários autores entre os séculos XVII e XVIII, como Santo Agostinho, Roger Bacon e os filósofos John Lock e Johann H. Lambert. (DIAS; VIEIRA, 2014). De acordo com Santaella, Peirce foi filósofo, matemático, físico, químico e fez enormes contribuições para a psicologia. E ainda dedicou-se ao estudo da lógica, linguística e história. A semiótica ficou inicialmente conhecida como semiologia e na medicina, começou a ser utilizada como um meio de compreender os sintomas dos pacientes. A semiótica teve várias denominações etimológicas, a palavra grega *semeion*, que significa “signo”, e *sema*, que também corresponde a “signo” ou “sinal.” Hoje em dia ainda há confusão quanto às terminologias como “semiologia”, “semântica” “semasiologia” que são termos que se referem a estudos lingüísticos dos séculos XVII e VIII, a semântica apresentou os sentidos semióticos mais gerais. O maior rival terminológico da semiótica ainda tem sido a *semiologia*, que foi fundada na lingüística de Ferdinand Saussure. Logo após começaram-se a elaborar distinções a cerca do conceito de semiótica e semiologia. De acordo com Noth (2003, p.23) A semiótica corresponderia a uma ciência mais geral dos signos, incluindo os signos animais e da natureza, quanto á semiologia passou a se referir de modo único a teoria dos signos humanos, culturais e, especificamente, textuais.

A semiótica é a ciência que estuda os signos. A presença dos signos nos guia durante todo o tempo nos afazeres diários, sem os signos, não poderíamos nos comunicar tão bem uns com os outros. E muito menos realizar atividades complexas.

A semiótica permite que a representação do mundo seja feita por meio de signos.

Mas o que é um signo? Vamos tentar conceituar o signo por si mesmo, sem o recurso a conceitos derivados dele. O termo vem do latim *signum*, de onde vieram diversas outras palavras bastante comuns na língua portuguesa: *sinal*, *senha*, *sino*, *insígnia*, *designar*, *desenho*, *aceno*, etc. Todas essas palavras têm algo em comum, passam a ideia de *sinalizar*, *indicar*, *representar* alguma coisa. Representar talvez seja o termo que melhor se relaciona com o conceito de signo. (PEREIRA, 2012, p.41-42).

Os signos são uma forma de substituir as palavras pelas coisas, assim desse modo pode-se identificá-las sem ter a presença dos objetos fisicamente. Por exemplo; na maioria das vezes quando se fala a palavra: “faca” logo se sabe que este signo verbal representa um objeto afiado e cortante que é utilizado nos afazeres domésticos sem precisar ter uma faca em mãos para apresentá-la. Umberto Eco define signo com “algo que está no lugar de outra coisa”. “Ou uma presença que substitui uma ausência” (ECO, 1980 Apud PEREIRA, 2012, p.43). É

válido ressaltar que um signo não representa fielmente uma coisa ou objeto, um signo não é acabado. Ele é um elemento de representação importante no processo de semiose que se desenvolve na mente, ou seja; o Interpretante, porque um signo gera um segundo signo, que é equivalente ao primeiro, e que tem por objetivo representar este primeiro de forma mais rica.

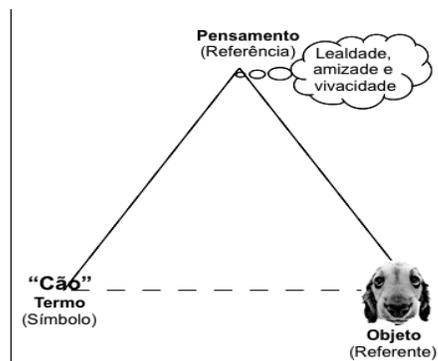
De fato como queria Pierce, o universo está permeado de signos. Há signos em todas as partes. Esse se constitui no objeto de estudo da semiótica [...] Para a semiótica o que interessa são todos os tipos possíveis de signos, verbais, não verbais e naturais, seus modos de significação, de denotação e de informação; e todo o seu comportamento e propriedades. Que poderes de referência eles têm, como se contextualizam, como se estruturam em sistemas e processos, como são emitidos, produzidos, que efeitos podem provocar nos receptores, como são usados, que consequências podem advir deles a curto, médio e longo prazo? Eis aí um quadro de questões que cabe a semiótica investigar. (NOTH; SANTAELLA, 2004, p.7)

A semiótica trata dos signos e seus objetos de representação de modo não unilateral; os signos produzem sentido socialmente, e, contém duas faces que fazem parte de um processo de mediação em que se pensa um objeto que remete a outro posterior. Signos não são somente objetos físicos, palpáveis, mas podem ser também coisas abstratas. Podem ser caracterizados como sons, imagens, palavras, cheiros, sentidos e etc. “De modo que o significado dos signos não está nos próprios signos, nem nos objetos, mas nos conceitos ou imagens firmados na mente das pessoas.” (BORDENAVE, 2013, p. 67). O signo faz parte de um processo de referência, sem passar por isso, ele não pode ser completo em sua essência e seu sentido. Já que a constituição do signo depende particularmente da gama de ligações externas que está enraizada no sujeito e suas vivências com relação á coisa ou objeto que lhe é apresentado é que dará a forma de como estará representado. “O que é uma coisa e o que é um signo?” essa pergunta foi feita por Agostinho, e respondida pelo mesmo, dessa forma: “uso a palavra “coisa” num sentido estrito para referir-me ao que nunca foi usado como signo de outra coisa, como madeira, pedra, gado ou outras tantas coisas desse gênero. As coisas são conhecidas por meio dos signos.” (NOTH, 2003, p.33). Para ser signo é necessário compreender que para Pierce há três coisas essenciais; sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei.

3.1 A relação triádica do signo semiótico

O signo tem algumas particularidades, pois um signo não é signo por si só. Ele só pode ser assim considerado se fizer parte de uma relação triádica. Vejamos o que compõe um signo: SIGNO - OBJETO - INTERPRETANTE.

A relação triádica de Peirce é representada por um triângulo:



Fonte: Schiessl (2012)

Não se pode considerar qualquer coisa existente como um signo, para ser signo é preciso possuir algumas qualidades essenciais, quais sejam:

[...] é que nem tudo aquilo que existe e é representável é, necessariamente, um signo, contrariamente ao suposto por muitas teorias pan-sígnicas. Nem tudo é signo, sob este aspecto. Um signo é uma relação triádica ordenada e completa. Quer dizer - e isto é de particular importância: ao contrário do que pode fazer o triângulo de OGden & Richards, o signo não é um dos elementos do triângulo, uma de suas pontas, um dos seus membros da relação. O signo é a reunião das três pontas, a relação toda e completa, a totalização dos três vértices do triângulo. (NETTO, 1980, p.89).

“Ora, um signo possui três referenciais: primeiro, é signo para algum pensamento que o interpreta; segundo, é signo para algum objeto que se equivale nesse pensamento; terceiro, é signo sob algum aspecto ou qualidade que o liga ao objeto.” (SANTAELLA, 2000, p.29) Mas e como dá sentido a um signo? A particularidade do que representa um determinado signo, está em para quem este signo será direcionado, esse sujeito é quem vai atribuir uma determinada significação.

Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercitar seu efeito total; é o resultado interpretativo o que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração. (NETTO, 1980, p.72)

Já o significado de um signo se dá de maneira diferente “Significado é o feito direto realmente produzido no intérprete pelo signo; é aquilo que é concretamente experimentado em cada ato de interpretação, dependendo portanto, do intérprete e da condição do ato e sendo diferente de outra interpretação” (NETTO,1980, p.72). Lembrando que interpretação e Interpretante possuem conceitos distintos, neste caso o Interpretante não é a pessoa em

relação ao signo; mas um signo primeiro carregado de qualidades. O que seria um Interpretante? O interpretante é o receptor do signo:

De fato, seria possível dizer com Peirce, que o interpretante seria aquilo que se forma na mente do intérprete e que valida o signo mesmo na ausência do Intérprete. Isto é, que o interpretante seria uma cadeia infinita de signos, ou ainda, que o interpretante seria um signo do signo. (NETTO, 1980, p.89)

O Interpretante é formado por signos que remetem ao primeiro signo visto por alguém. Ao observar ou ter contato com alguma coisa que é considerada um signo, o indivíduo de modo inerente irá fazer uso de outros signos para compreender o primeiro, o que dará início ao processo de semiose na mente do sujeito. Mas o que é semiose? (FERNANDES, 2002, p. 163) “[...] “Semiose”, que é a reprodução continuada de um sinal, que é um sinal de outro, e assim sucessivamente.” Santaella (2000), afirma que nenhum Interpretante de nenhum signo pode ser tido como absoluto ou definitivo. O Interpretante é resultado de uma ideia que se forma na mente de alguém que observou o objeto que está representado num signo. O Interpretante é ainda uma determinação do signo, é o que um signo é capaz de provocar na mente de alguém, e que não deve ser tomado como um intérprete do signo. Interpretar será o resultado da ação do Interpretante do signo que está numa esfera posterior. Já o objeto faz parte da segunda esfera de um signo, torna-se um meio pelo qual é possível dar vida ao signo e suas possíveis significações. “Significação para Peirce é o processo dinâmico em movimento chamado de semiose.” (SOUZA, 2006, p. 160), fazendo do signo um influenciador poderoso nesse processo. Daí a relação triádica que se forma a respeito do signo, do objeto e do Interpretante que caracteriza a mediação entre um signo e outros signos futuros. Epstein (1997) define assim um Interpretante: Algo que interpreta um signo. Pode ser tanto um “signo interpretativo” como uma “consciência interpretadora.” Diferente de Saussure, que faz uma relação direta entre objeto e coisa, não fazendo referência a outras, sendo esta uma diádica do signo com o seu significado. Para Saussure tudo ocorre na mente da pessoa. Já Peirce não anula o Interpretante, fazendo dele parte de uma relação triádica entre o representamen, o objeto, a ação do objeto e seu possível significado.

3.2 As categorias universais do signo

Peirce desenvolveu três categorias universais do signo e as chamou de *Firstness*, *Secondness* e *Thirdness*, traduzidas como: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade é tudo que está no presente de nossa mente, aquilo que nesse exato momento

você pensa a respeito desse estudo sobre semiótica. Podemos tomar como exemplo, sentir o sabor de uma fruta em seu primeiro momento. Segundo Noth (2003, p.63) [...] primeiridade é aquilo que é tal como é independente de qualquer outra coisa. Você sabe o que é um sabor e que provavelmente corresponderá há algum fruto. Mas não tem em sua mente a imagem, nem seu formato e pode sentir também o cheiro. Mas sem analisá-los, associar, nem comparar a alguma coisa existente que seja anterior a esse primeiro contato. Santaella (1990) explica que:

[...] a qualidade de sentir é o modo mais imediato, mas já imperceptivelmente medializado do nosso estar no mundo. Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.

A primeiridade é a consciência do estar e do ser das coisas de modo puro, sem interrupções. É todo sentimento que ainda não passou, porque se passa, já não é mais original e intacto, já corresponde a uma segunda coisa, e não é mais primeiridade porque se permite ser descrito. Primeiridade é a qualidade do sentir sem motivos anteriores. O primeiro sentir a respeito das coisas em sua originalidade; é qualificar o sentimento com imprecisão e estar ainda num nível distante do que causa esse sentir. A primeiridade “é a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência.” (CP,1.302-303, 1.328,1.531). (NOTH, 2003, p. 63). A primeiridade é um pressuposto para a secundidade, e antes dela não há outros signos. Essa primeira categoria é o que alegoriza o que vem a ser a secundidade do signo, é o ponto que não norteia, mas que lança possibilidades futuras de uma existência. Ela é ainda o gene que forma a secundidade, e para se tornar real se sujeita a secundidade dando vida material a sua existência, que se encontra na abstração do processo cognitivo. Porém, ligada a secundidade que é algo existente e concretizado porque houve a primeiridade, que não é ela mesma sem haver outro que venha após ela, para que ela funcione como a essência que motiva o existir do objeto.

Ainda sobre primeiridade, pode-se afirmar que esta, é a qualidade do signo; neste caso, o livro como objeto pronto. A descoberta do que é um livro, sem comparar esta descoberta a outra. Sem atribuir propriedades advindas da experiência, qualquer que seja; o que diz respeito á primeiridade é o prazer do mistério que há em descobrir. Na existência sem motivo, e sem atributos anteriores a oferecer ao seu estar no mundo.

Quando um sujeito por ventura ouve a palavra: livro. Em sua mente se configura a imagem de um objeto de forma quadrada ou retangular, contido de páginas, mas esta representação não seria igual a nenhuma outra, mesmo que muito parecidas em seus aspectos. A fisionomia

do que significa a palavra, esta no entender de cada pessoa individualmente quando questionada sobre o que seria um livro? Diferente da relação de secundidade, que permite que a pessoa imagine o objeto pronto, não fantasioso, sobre como seria representado fisicamente no espaço, como na relação de imprecisão que se tem na primeiridade. Porque a primeiridade é a apresentação de alguma coisa aos sentidos de alguém, e que logo em seguida a pessoa virá a ter o seu primeiro contato com esse objeto. É a natureza de algo que surge sem pretensão, que chega a ser tão rápido, a ponto de não permitir uma elaboração precisa sobre o seu ser, ou existir. A primeiridade ainda deve ser observada como uma categoria da *semiose* cercada por sensibilidade e que compreende as ações do impacto emocional; por esta razão ela afeta à princípio os sentidos do sujeito, pois, a primeiridade, ligeiramente falando seria compreendida como a popular primeira impressão que temos sobre as coisas.

A secundidade é uma qualidade que está encarnada na matéria. O livro como objeto feito, com características particulares a ele; ao seu formato, textura, a sua figuração simbólica com respeito ao que se configura como livro: um artefato de leitura. É o sentir que resulta num concreto, agora corporificado fora do abstrato, não deixando de advir e ser uma sensação mediada pelo pensamento, representada no estado de secundidade pelas reações que tem o sujeito em contato com as coisas existentes. Santaella (1990) “Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binaridade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.” Onde se fará jus ao que há de fantástico na primeira categoria dos signos de Pierce; tem-se no momento a palavra junto ao seu significado, e ainda mais, junto à sua representação real. O que corresponde toda descrição do objeto, agora, o signo possui um corpo vivo, é mais do que imaginável. Ele existe, esse objeto está ligado ao conceito e a constatação de ser o que é, que passam anteriormente pelo processo de *semiose*. Já terceira “[...] É a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro.” (NOTH, 2003, p.64). Faz uma síntese entre a primeiridade e a secundidade, ela define e qualifica as coisas, como que atribuindo adjetivos. É o modo como se percebe as coisas, traduzindo-as, fazendo uma interpolação entre o pensamento e o objeto observado. “O homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação, que Pierce denomina Interpretante da primeira.” (SANTAELLA, 1990). Um signo que representa outro. É o que Santaella chama de signo mais desenvolvido. Que diante da primeira idéia de signo que se dá no processo de *semiose*, é como se fosse uma escultura terminada de um signo primeiro que será considerado como protótipo de uma obra, agora, acabada. Mas que antes foi idealizada e existiu somente na mente de uma pessoa. Nesse processo, o signo se intensifica e

se desenvolve de modo a amadurecer em conceitos, e neste caso principalmente no aspecto físico, já que diz respeito a sua referência e ao que há por trás de sua formação e de sua essência. O *representamen* é o que traz algo de fora, um veículo que carrega para a mente da pessoa relações a respeito do objeto observado.

Resaltando que Segundo Coelho Netto (2005) em Pierce temos como “mente” ou “pensamento” o processo de *semiose* que corresponde á formação de significação. Um signo provoca na mente de alguém algo que é diretamente ligado a este objeto. Que só ele, e através dele é possível ter determinada certeza e sensação; o que reflete por exemplo sobre o livro-signo de alguém, assim, de forma única, o livro: A hora da Estrela” provocará em alguma pessoa determinadas inquietações. Assim, outra pessoa pode ter o mesmo livro, mas o contato e as sensações com este objeto será terminantemente diferenciado.

O signo é um fenômeno semiótico que está de certa maneira direcionado para alguém; pelo fato de criar na mente dessa pessoa outro signo equivalente ao primeiro, porém, também mais desenvolvido. Esse signo que deriva do primeiro é chamado de *Interpretante*, e como conseqüência tem como finalidade representar o objeto do signo, algo que anteriormente era nebuloso de ser percebido apenas pelo primeiro signo. Não esquecendo que representar não é ter propriamente ou se tornar o signo em questão, tomando assim suas características fiéis, como alerta Santaella, se assim fosse, um signo não seria signo e, portanto, o objeto propriamente dito. Desse modo, não necessitando ter uma representação através do signo. Deve-se notar que com respeito a este estudo sobre os livros como signos, é necessário atentar para o fato de que o livro só toma o lugar de signo porque ele é o objeto que provoca inquietações no indivíduo, estando este associado á primeiridade, secundidade e terceiridade. O livro dentro destas categorias torna-se o *representamen* das reações que o leitor pratica ao ter contato físico com ele, e ao realizar sua leitura. A similaridade tem papel claro dentro dessas categorias signicas.

Dimensões do signo:

SÍGNO	REPRESENTAMEN	OBJETO
O que se pensa que é	Como é representado.	Como realmente é.

A primeira dimensão é instável e carece da segunda para melhor compreensão do que seria o signo. A segunda dimensão é esclarecedora e tem características e propriedades que apontam para a confirmação do que é o objeto do signo. A terceira dimensão; podemos também não chamá-la assim, já que ela trata do objeto real. É a existência das duas dimensões

anteriores sem complexidade ou dúvidas. É o objeto original do signo, é o que faz sentido para a pessoa, se apresenta e representa para a mesma, este algo que lhe é particular. A terceira dimensão é o que dá fundamento as outras duas anteriores. As relações que produzem ideias e que se iniciam no primeiro estado do signo são expostas pelo *Interpretante* do signo. Na terceira dimensão o *Representamen* toma o lugar do objeto por possuir as qualidades próprias do signo.

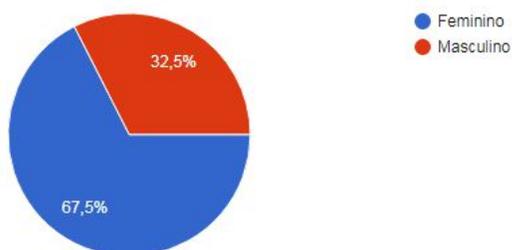
O signo pode ser observado sob certos aspectos, como um elemento que age cognitivamente ocasionando a mediação das ideias, que assim foi determinado por Pierce ao longo dos seus estudos linguísticos semióticos. O signo é, por tanto, “uma representação mediata que apresenta um conteúdo bem diferente daquela que tem em si mesmo.” (IBIDEM) In (NORTH, 2003, p.56) O que é signo, e o que é Símbolo? A teoria de Hegel (1830\$458) define símbolo como “uma percepção que pela sua natureza própria, é mais ou menos o conteúdo que manifesta.” Já o signo, pelo contrário, seu conteúdo perceptivo; e o conteúdo significativo não tem nenhuma relação. A formação de um signo diverge da construção de um símbolo, porque o signo é produzido inicialmente pelas ideias e não está ligado á sociedade de modo constante, sabendo-se que as primeiras instâncias de sua composição ocorrem na abstração do pensamento de uma pessoa. O símbolo, já nasce carregado de referências que lhe são atribuídas de modo rápido; sentidos diversos, que representam coisas e direcionamentos necessários para viver em sociedade.

4 O PERFIL DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE E SEUS HÁBITOS DE LEITURA

O curso de graduação em Biblioteconomia da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, tem duração mínima de 8 semestres, e no máximo 12 semestres, situado no CAC - Centro de Artes e comunicação; lotado no Departamento de Ciência da Informação, turno da tarde. O Curso propõe formar profissionais aptos a trabalhar, e desenvolver competências e habilidades para disseminar e mediar a informação seu principal objeto de trabalho. Os períodos investigados fazem parte do novo perfil do curso, perfil 0406 de acordo com o novo Projeto Pedagógico do Curso firmado em 2011.

De acordo com os dados coletados pelo questionário, a maioria dos estudantes respondentes é:

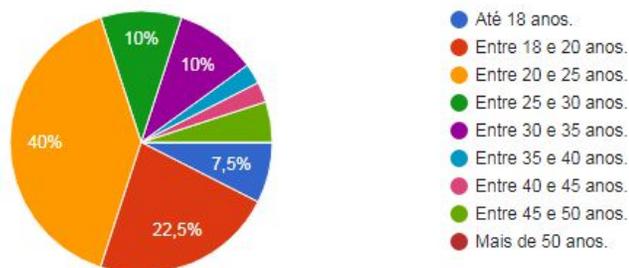
Gráfico 1 - Gênero dos leitores



Fonte: A autora.

Os alunos que responderam o questionário foram de períodos alternados do curso de Biblioteconomia, sendo respondentes do segundo período; quarto período do curso, do sexto período do curso e do oitavo. A seguir se vê a faixa etária dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, matriculados que responderam o questionário online:

Gráfico 2 – Faixa etária dos leitores

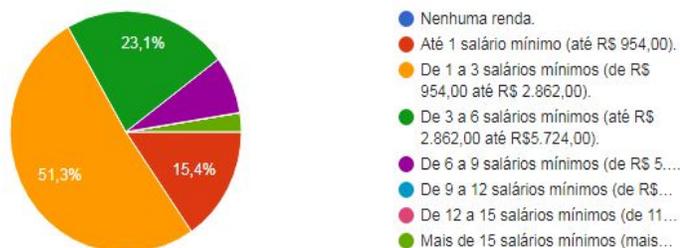


Fonte: A autora.

A renda mensal dos respondentes tem importância significativa para esta pesquisa; pois, no momento em que se pensa: como o leitor adquire os livros que lê? É necessário avaliar em quais condições financeiras o leitor encontra-se e assim pode-se ter uma ideia e estimar com que frequência seria possível comprar novos livros para realização de suas leituras. Até mesmo sabendo que muitos livros, hoje, estão disponibilizados para download em sites públicos, e também em outros que oferecem este serviço gratuitamente, mesmo os sites que vendem os livros em formatos de PDF, MOBI, TXT etc, para leitura em dispositivos eletrônicos de leitura.

A renda familiar mensal dos alunos será descrita pelo gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Renda familiar



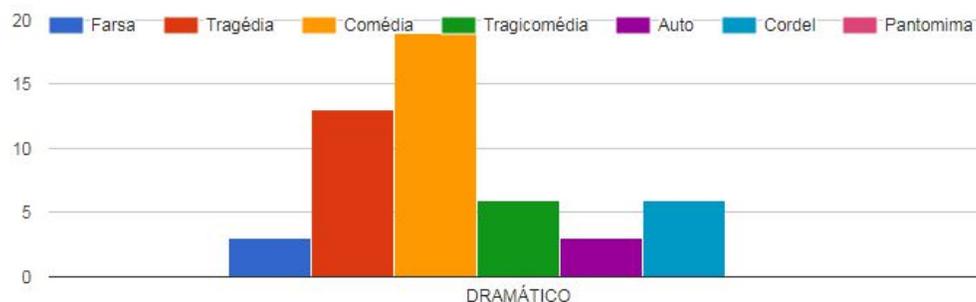
Fonte: A autora.

O próximo gráfico corresponde à questão do gênero dramático disposto em suas categorias: **Farsa, Tragédia, Comédia, Tragicomédia, Auto, Cordel, Pantomima.**

Quando questionados sobre o gênero literário Dramático nota-se que 19% dos leitores preferem a categoria **Comédia**, 13% dos leitores optaram pela leitura da categoria

Tragédia; já 6% dos leitores preferem **Trágico comédia**, enquanto outros 6% lêem a categoria **Cordel**; ao menos 3% dos leitores preferem ler a categoria **Auto** e somente 3% dos leitores preferem a leitura da categoria **Farsa**. Nenhum leitor optou pela leitura da categoria dramática **Pantomina**.

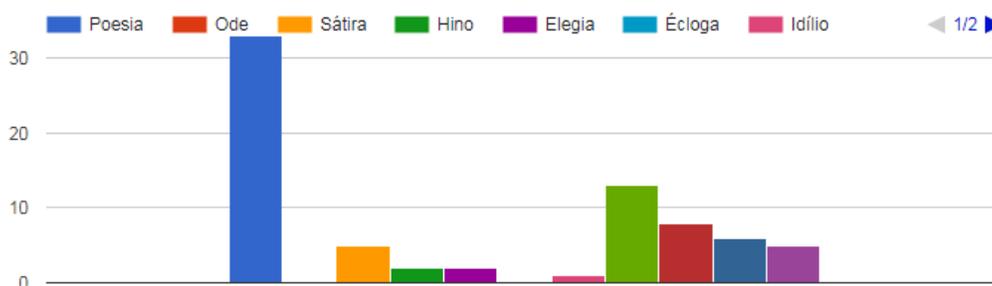
Gráfico 4 – Gênero Dramático.



Fonte: A autora.

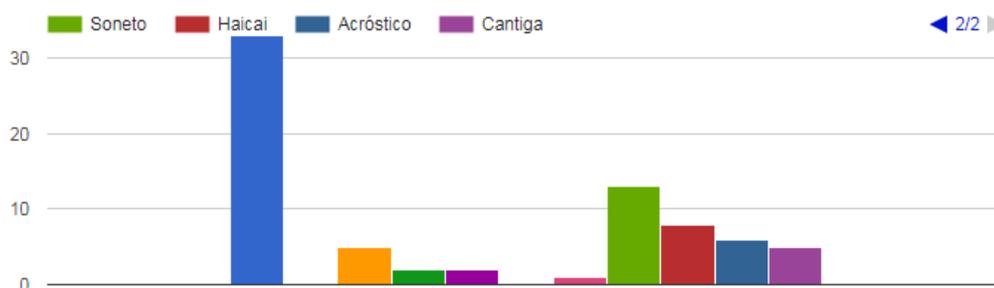
Já sobre o gênero literário Lírico percebe-se que 33% dos leitores preferem realizar a leitura da categoria lírica **Poesia**, em segundo com 13%, como preferência dos leitores fica a categoria **Soneto**. A **Sátira** 5% e o **Haicai** 8%, na preferência de leitura. As categorias **Acróstico** 6%, e **Cantiga** 5% nas opções de preferências. A categoria **Hino** e **Elegia**, correspondem cada uma a 2% de preferência de leitura no gráfico, e a categoria **Idílio** a apenas 1% de preferência.

Gráfico 5 – Gênero Lírico 1/2



Fonte: A autora.

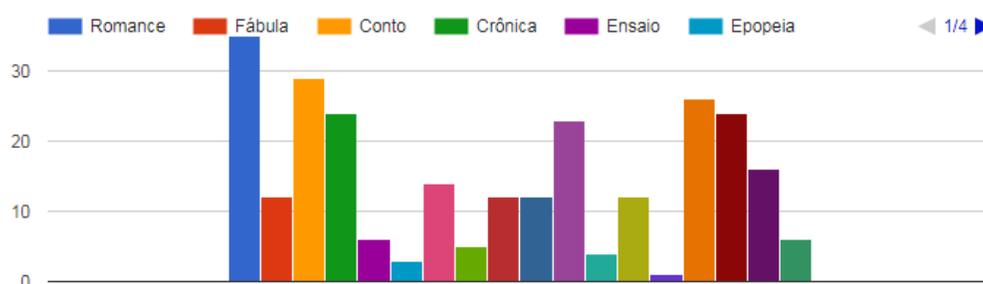
Gráfico 6 – Gênero Lírico2/2



Fonte: A autora.

Questionados sobre o gênero Literário Narrativo, 35% dos respondentes preferem ler a categoria **Romance**; já 29% optaram pela categoria narrativa **Conto**. Outros 26% dos leitores leem com mais frequência **Ficção científica**, os leitores que preferem as categorias: **Quadrinhos** são 23% dos respondentes, das **Crônicas** 24% e **Ficção fantástica** 24% de preferência de leitura. A categoria **Terror** tem 16% e a categoria **Biografia** corresponde a 14% das preferências de leitura. A categoria **Fábula** a 12%, as categorias: **Fanfic, Mito e Lenda** a 12% cada uma individualmente. Os que leem as categorias: **Auto-ajuda e Ensaio** também correspondem a 6% das escolhas cada uma. E a categoria **Parábola** a 5%, **Anedota** a 4%, **Epopéia** a 3% e **Apólogo** a 1% nas preferências dos leitores.

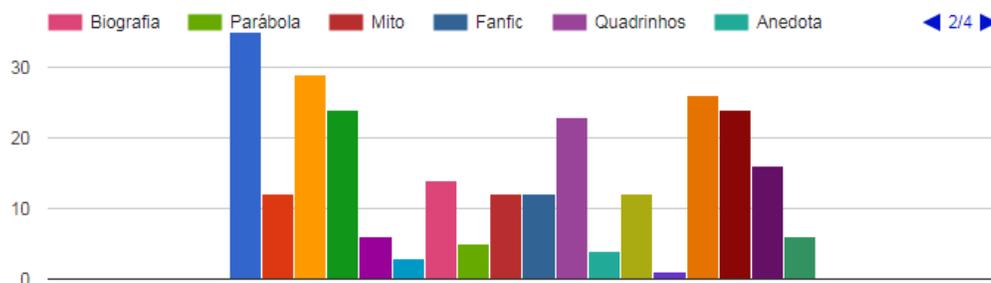
Gráfico 7 – Gênero Narrativo 1/4



Fonte: A autora.

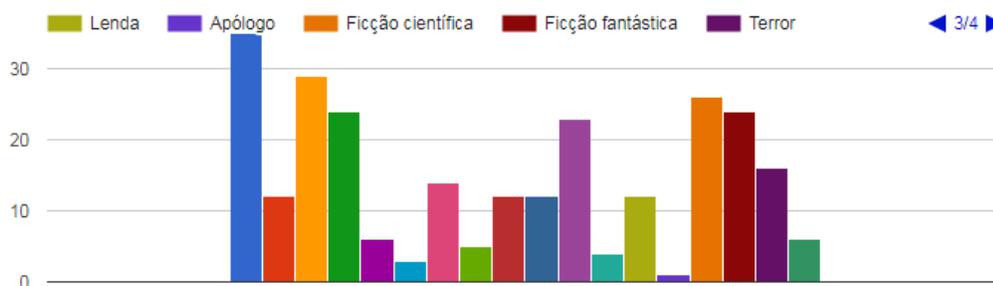
Outras categorias citadas pelos alunos foram: literatura de material acadêmico, suspense e roteiro de peças teatrais.

Gráfico 8 – Gênero Narrativo 2/4



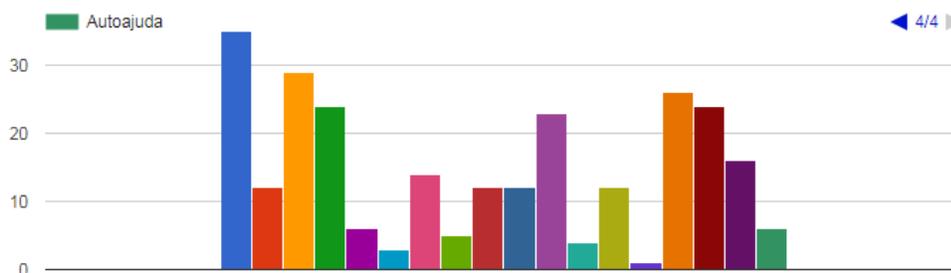
Fonte: A autora.

Gráfico 9 – Gênero Narrativo 3/4



Fonte: A autora.

Gráfico 10 – Gênero Narrativo 4/4

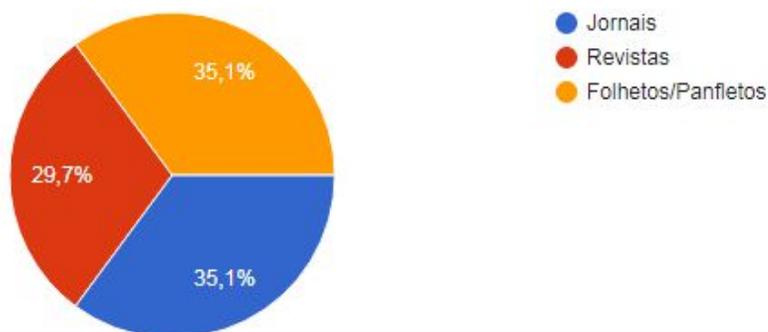


Fonte: A autora.

Perguntados se leem materiais como: Revistas, Jornais e Panfletos, 35,1% dos respondentes assinalaram que leem jornais impressos ou em formato digital. Outros 35,1% dos leitores afirmam que fazem a leitura de Panfletos, e 29,7% costumam ler revistas.

Considerando que estes materiais são geralmente encontrados pelos leitores em locais específicos, como redes sociais dos jornais, vendas em locais públicos como estações de metrô, bancas de jornal e revista; e paradas de ônibus. Outros locais onde os leitores podem encontrar com esses itens são salas de espera de consultórios médicos. Que deixam esse material à disposição dos pacientes e acompanhantes.

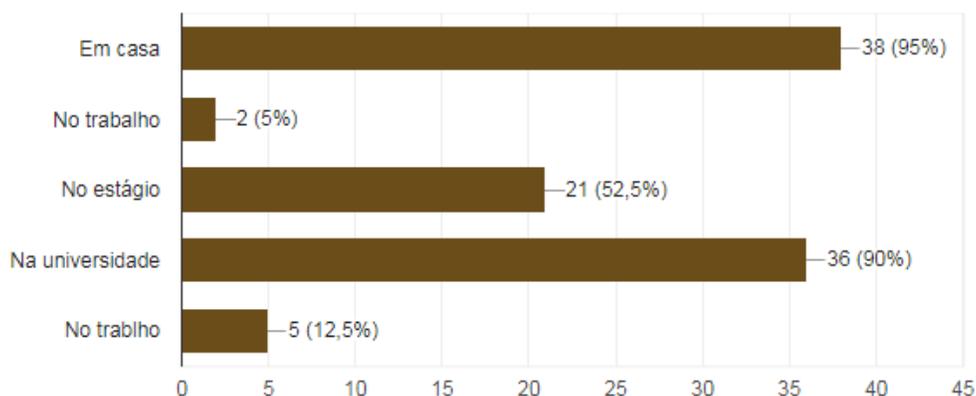
Gráfico 11 – Outros meios de leitura.



Fonte: A autora.

Aos alunos que não podem comprar os livros físicos e/ou em formatos digitais; nota-se que os leitores sempre dão um jeito de ter acesso aos materiais fazendo uso de outros meios que oferecem produtos e serviços de leitura. Muitos desses via internet e pensando nesse aspecto, questionou-se sobre os locais onde os leitores têm acesso à internet, vejamos:

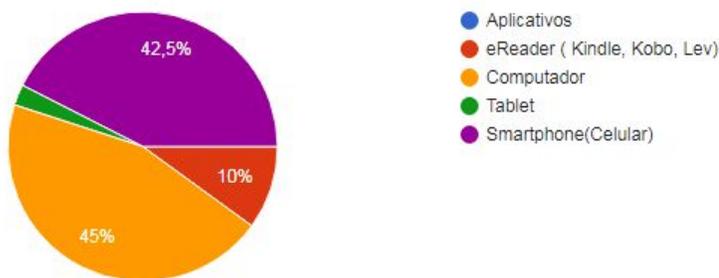
Gráfico 12 – Locais onde os leitores têm acesso à internet.



Fonte: A autora.

Os leitores digitais mais utilizados pelos alunos são:

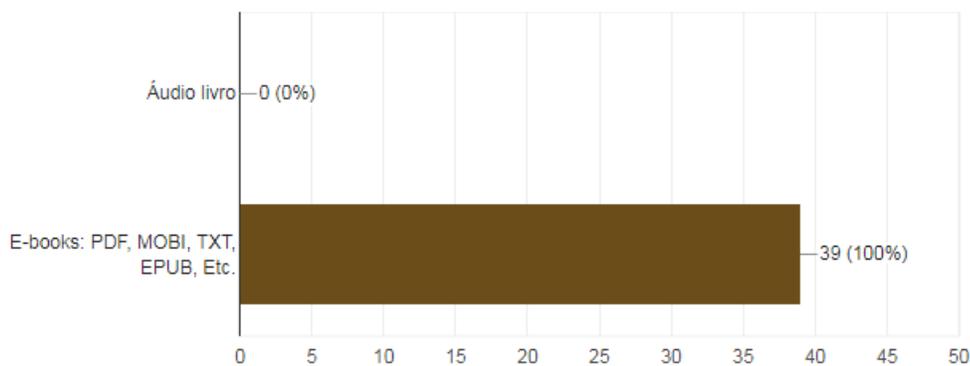
Gráfico 13 – Leitores digitais mais utilizados



Fonte: A autora.

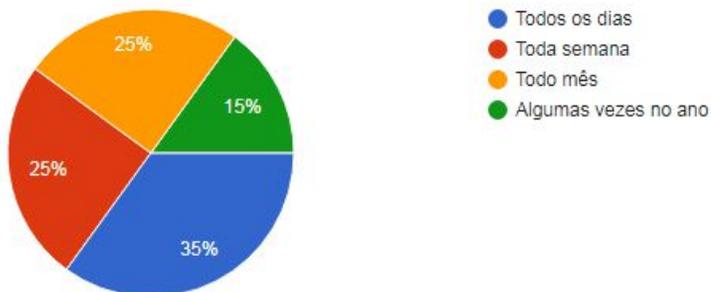
Tudo isso influencia na maneira em como as pessoas conseguem ter acesso a leitura, e ao livro. Com acesso a internet é possível realizar downloads de livros em pdf, áudio books, renovar livros no sistema da biblioteca, ler livros online e nos aplicativos e ainda há a possibilidade de fazer a compras de livros físicos pela internet em lojas virtuais. A respeito dos formatos digitais que mais são utilizados pelos leitores para ler:

Gráfico 14 – Formatos eletrônicos mais utilizados.



Fonte: A autora.

Sobre a questão “com que frequência você costuma ler livros físicos?”

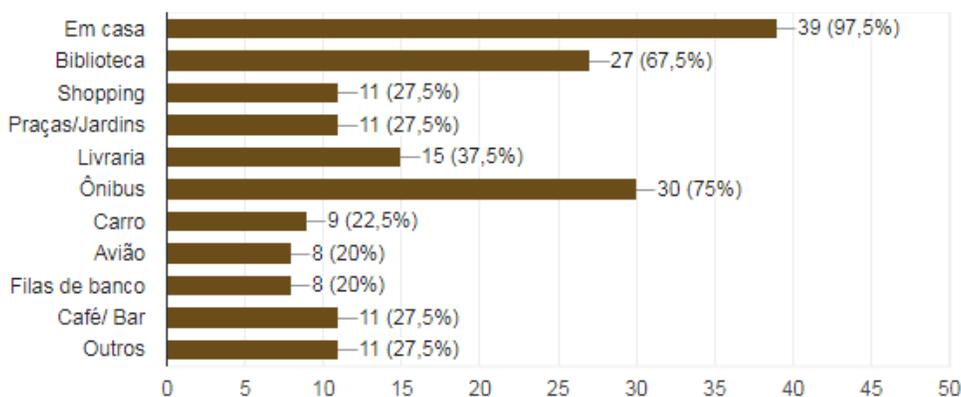
Gráfico 15 – Estimativa de leitura dos estudantes.

Fonte: A autora.

Sabe-se que a leitura é uma prática que pode ser realizada em diversos ambientes sendo os entrevistados universitários esta pesquisa leva em conta investigar por curiosidade os lugares em que os leitores costumam ler; e que acreditam ser mais confortáveis para realização desta prática. Segundo Márcia Abreu (2001):

O espaço público mostrou abrigar grandes quantidades de leitores, que se recostavam em árvores de praças, deitavam em gramados de parques, acomodavam-se em bancos de jardins, realizavam malabarismos equilibrando-se em ônibus, apoiavam-se em colunas de metrô.

As respostas foram às seguintes de acordo com as sugestões do gráfico:

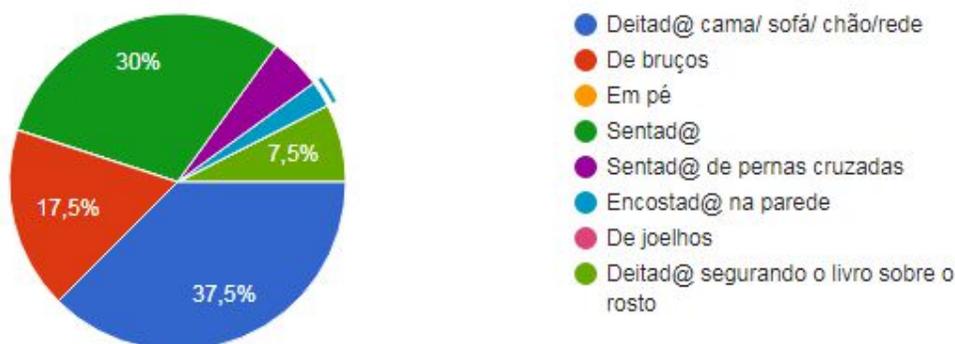
Gráfico 16 – Ambientes de leitura.

Fonte: A autora.

Alguns leitores ainda colocam que costumam ler nas filas do restaurante universitário, lojas, na praia e nos locais de trabalho e estágio. Após questionar sobre os possíveis lugares

onde os estudantes de Biblioteconomia costumam ler, foi-se questionado também sobre as posições de leitura em que os entrevistados costumam ler; foram sugeridas algumas pelo questionário, vejamos:

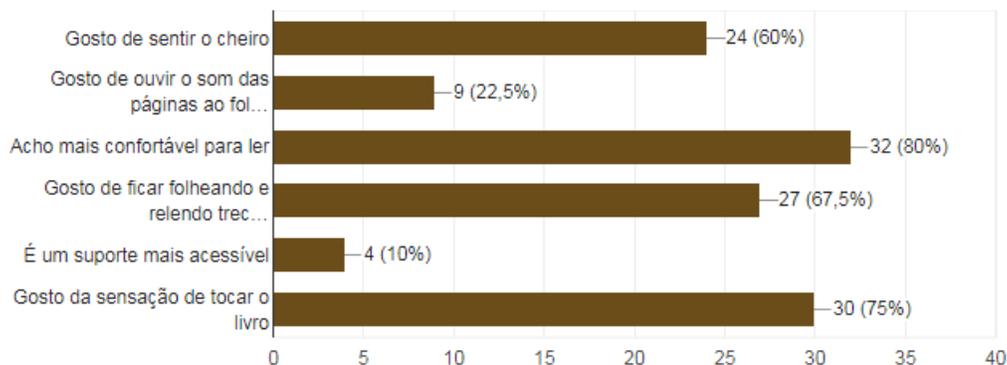
Gráfico 17 – Posições preferidas para leitura.



Fonte: A autora.

A categoria do signo que compõe a *primeiridade* é segundo Pignatari (1979, p.22) Uma experiência monódica: “uma qualidade de sentimento, por exemplo, certa cor vermelha pode ser imaginada como constituindo o todo da experiência de alguém, sem qualquer outro sentido de começo, fim ou continuação, sem qualquer autoconsciência distinta do sentimento da cor, sem comparação com outros sentimentos e ainda continuar a própria cor que vemos” o que se encontra nesta questão sobre o que motiva o leitor a preferir o livro físico.

Gráfico 18 – Atitudes dos leitores com o livro.



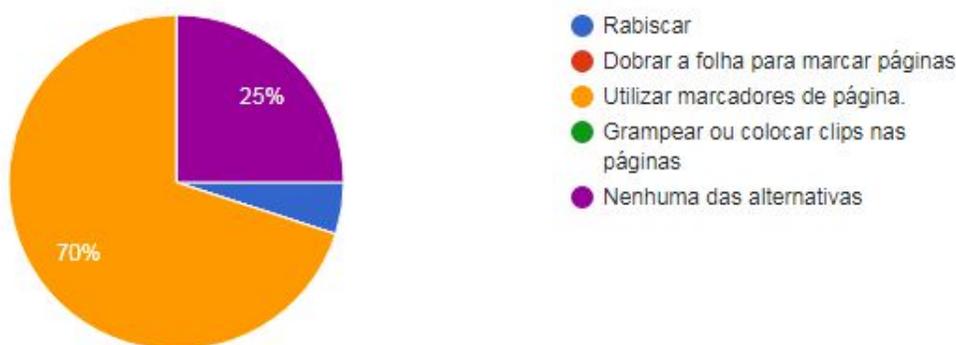
Fonte: A autora.

Nota-se que dos leitores afirmam que um dos motivos que os levam a preferir os livros físicos é pode sentir o cheiro da obra. Esta atitude é muito comum entre os leitores mais

assíduos. O suporte do livro físico com formato encadernado em brochura mais confortável para ler podendo levar esse critério em consideração para escolha do livro preferido. A importância do contato com o objeto físico pode ser percebida visto que os leitores afirmam que gostam da sensação de poder tocar o livro. Ainda dentro desta categoria semiótica do signo estão os sentidos; ouvir o som das páginas do livro inclui-se no nível de *primeiridade*

O leitor cuidadoso não costuma utilizar de artefatos e nem tomar atitudes que agridam a estrutura física do livro. Como rabiscar com canetas, lápis, ou marcadores; usar cliques de plástico ou ferro para marcar páginas; ou ainda dobrar folhas para marcar posição onde parou a leitura.

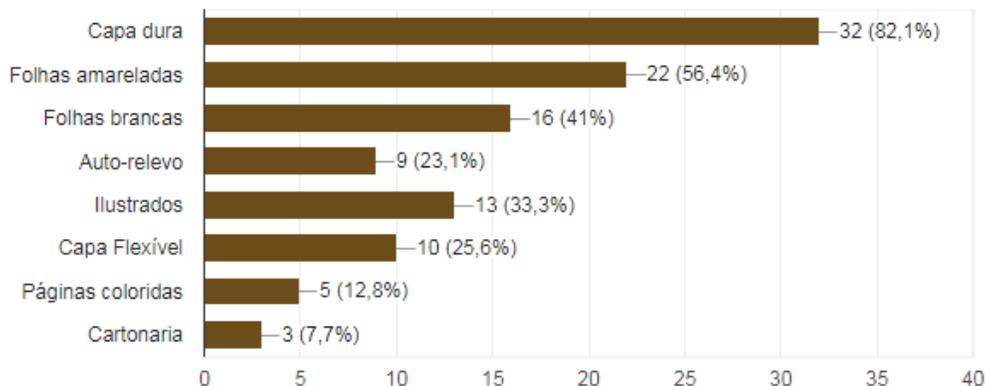
Gráfico 19 – Sugestão de itens para marcar páginas.



Fonte: A autora.

A característica física do livro é um ponto a ser observado neste estudo sobre os signos, a partir do momento em que se pensa o signo, se pensa também ao longo do processo de *semiose* sobre o seu formato o que caracteriza a categoria dos signos correspondente a *secundidade*. Os estudantes de biblioteconomia possuem preferências distintas como leitores de literaturas diversas ao responder sobre as características que mais prezam os formatos dos livros.

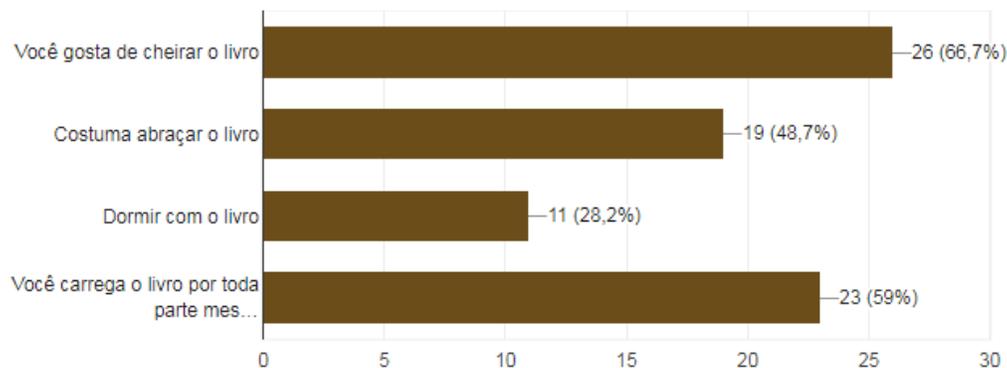
Gráfico 20 – Características físicas do livro.



Fonte: A autora

As outras características ainda citadas por alguns respondentes foram: livros esquecidos pelo tempo num sebo, com indícios de mofo, e livros que contenham letras grandes. A experiência diádica de acordo com Pignatari (1979) "O sentido do que passou será um ego rudimentar, o sentido do que ainda vem será um não-ego rudimentar. Pois a experiência passada, para cada um de nós, é nossa, e aquilo que o futuro traz não é nossa e só se torna presente no instante da assimilação (...). A mudança instantânea envolveria uma espécie de choque consistindo na consciência bilateral. Esta experiência de reação é a segunda categoria cenopitagórica" (7.531). Quando se desenvolve afetividade, tanto em relação a pessoas, como para com objetos que se tem grande estima; costuma-se expressar esses sentimentos através de atitudes e reações físicas. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 21 – Hábitos desenvolvidos com o livro.



Fonte: A autora.

Ao questionamento: “**O que um livro precisa ter para se tornar especial para você?**” Muitos leitores responderam que o livro precisa trazer um enredo que se misture com ou esteja próximo a sua realidade ao seu estar no mundo. Como o autor descreve os lugares e as culturas nos ambientes em que se passam as histórias. Assim, os desvinculando da realidade em que vivem, transportando-os para os ambientes narrados, fazendo-os se sentir participantes das histórias que estão lendo. Que tenham personagens com um perfil com qual o leitor se identifique por possuir características que lhe são familiares e o façam refletir sobre atitudes, situações, posicionamentos e acontecimentos. Que seja carregado de significado quanto aos sentimentos, e principalmente que o livro seja capaz de despertar alguma lembrança sobre acontecimentos que marcaram suas vidas de algum modo. Outros gostam de livros que são, por exemplo: De edições especiais, e levam em grande consideração a estética física do livro. A cerca desse questionamento foram destacados alguns dos seguintes depoimentos coletados no questionário¹:

Quadro 1 – Gostos pelos livros

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Não tem uma característica específica, eu gosto mesmo de ler. Não me importa muito se ele é novo ou velho, se tá bem cuidado ou se iam jogar fora. Inclusive, eu esqueço tanto que há diferenças entre os livros que vez ou outra eu me pego cheirando livros que não tem lá um cheiro muito bom.
Adam	Uma história que eu me identifique, que me faça fugir da realidade ou que apele pra minha imaginação e gostos pessoais em outras coisas. Principalmente se eu sentir que o livro daria um ótimo filme/série.
Hawk	Uma história envolvente. Que me faça querer ler a cada tempo que eu tiver disponível. As folhas precisam ser amarelas, pois, não preciso fazer esforço pra ler (páginas brancas refletem muita luz e eu sou fotossensível).
Nadhine	“Uma história que me marque e que me deixe alguma lição pra vida.”
Célia	Que fale das questões relacionadas à como

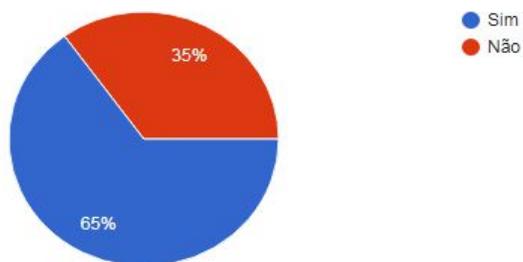
¹ Os nomes dos sujeitos que responderam os questionários foram omitidos por questões éticas. Em seu lugar foram inseridos nomes dos personagens de suas obras preferidas.

	os indivíduos relacionam-se com o mundo, seus sentimentos, medos, expectativas, histórias. Livros que trabalhem o ser nas suas interlocuções com os demais, os objetos e consigo próprio. É uma maneira de conhecer os seres por outras perspectivas e conseqüentemente à mim mesma.
Virginia	“Me fazer esquecer da realidade.”
Herminone	Ter sido um presente de alguém que eu ame, ou ter alguma historia envolvendo a maneira que ele chegou a mim.
Ma La La	Antes de qualquer coisa, olho a ilustração da capa. Se ela for agradável, representar de fato o título do livro; pra mim o livro torna-se especial. No caso do livro “A Cabana”, a ilustração me ajuda a idealizar aquele ambiente, e de certo modo posso também criar outras imagens mentais diferentes do lugar, questionar!
Caetano	Ele tem que me fazer viajar, fazer com que eu tenha vontade de está dentro da história, ou desejar ser algum personagem e que me prenda a ele de uma maneira em que eu fique muito ansiosa pelo término da história e ao mesmo tempo triste quando percebo que ela está chegando ao fim. Há também algumas leituras que ao término me deixam algumas reflexões, esses também costumam ser especiais pra mim.
Dhayun	Uma história cativante, uma capa (fonte do título, cores, imagem) bonita, e, principalmente, que tenha algum significado pra mim além do que está escrito.

Fonte: A autora

Sobre a questão: “O seu livro preferido traz consigo lembranças de algum momento especial para você?”.

Gráfico 22 – Leitores que afirmam ter lembranças a partir do objeto livro.



Fonte: A autora.

A seguir algumas respostas com os relatos dos estudantes que afirmam ter lembranças que são despertadas por seus livros preferidos. A lembrança é o um sentido recorrente do pensamento que faz parte da categoria do signo de Peirce pertencente à *Primeiridade*: Chamado por Pignatari (1979) de Primeiros que são sentimentos e sensações. A indeterminação no mundo físico, qualidades, crenças, artes.

Quadro 2 – Primeiros que são sentimentos e sensações

LEITOR	RESPOSTA
Adam	Quando li o livro, eu tinha 13/14 anos e me identifiquei logo de cara com a personalidade de um dos personagens. Inclusive brincava dizendo que o livro tinha sido escrito sobre mim.
Lizzie Bennett	Orgulho e Preconceito foi um dos primeiros livros físicos que eu li depois que entendi que gostava MESMO de ler. Tipo, no começo eu lia os livros indicados pela escola, ou os livros que tinha em casa (que nem sempre era de literatura). Também não tinha biblioteca nas escolas que eu estudei, nem perto de casa. Quando comecei a ler por prazer lia em pdf, porém sempre quis ler Orgulho e Preconceito, mas não queria ler em pdf. Acho que ele foi o primeiro livro que comprei real oficial com meu dinheiro. PS.: o primeiro que eu comprei foi roubado. Bem trágico.
Hawk	Com certeza a minha infância no sertão do estado na casa dos meus avós.
Florence Green	Eu o ganhei num momento em que estava em duvida sobre o curso, ele me lembra de nunca desistir dos meus sonhos.
Cristal	Minha melhor amiga me deu em um dos

	nossos encontros antes dela se mudar para Fortaleza.
Célia	Oliver Twist me trás lembranças da minha infância, este foi de todos os livros infantis que possui o que achava mais bonito e mais me intrigou com sua história. Lembro da minha mãe me fazendo contar a ela a história do livro e tirando minhas dúvidas.
Charllote	Foi uma das primeiras vezes em que saí sozinha. Foi para ir ao centro da cidade para a sessão de autógrafos com o autor do livro.
Afrodite	Foi o primeiro livro físico que ganhei da minha mãe na primeira vez que fui na Bienal.
Hermione	Era um livro que eu já havia lido, e disse aos meus pais que era fantástico, e que eu queria muito que os personagens fossem reais para abraça-los. Na noite de natal eu ganhei o box da trilogia inteira: Se eu não podia abraçar os personagens, eu poderia abraçar os livros (eu preferi abraçar meus pais).
Malala	Ganhei de presente de minha sogra logo no início do meu namoro com quem meu marido! Foi a primeira vez que fui pra Bienal do livro e fiquei encantada com aquele ambiente e no mesmo dia ganhei esse livro dela.
June	Meu livro favorito fala da perda de alguém muito querido pela protagonista. Era uma pessoa da família dela, e além de tudo isso, ele fala de como a gente precisa ter empatia e amor pra ajudar as pessoas que estão ao seu redor; que sentem a falta dessa pessoa tanto quanto você. E, isso fala muito da história que eu tive com meu pai; de como eu aprendi a lidar com as faltas e perdas da vida.
Vestida de Sol	Uma pessoa que eu não tinha muito contato me emprestou ele, ai desde esse dia viramos amigos.

Fonte: A autora

Foi perguntado também aos estudantes de Biblioteconomia: **“Como você costuma guardar o seu livro preferido?”** Grande maioria responde que guarda o livro nas estantes que tem em casa, no quarto ou sala. Muitos costumam guardar seus livros em armários, bem como em guarda roupas, prateleiras e gavetas. Outros estudantes demonstraram ter um cuidado bem mais especial a seu modo com os livros preferidos, relatam que: Embalam os

livros com papel plástico, que guardam em caixas de plástico e/ou de madeira ou de outros materiais que possam conservá-los longe da poeira e da umidade.

Alguns leitores costumam se empolgar com as leituras que realizam, durante determinadas leituras é possível perceber que o nível de envolvimento do leitor chega a ser intrigante aos olhos alheios. “E, a respeito disso temos a seguinte questão:” **Você expressa sentimentos e reações ao ler? Quais? Exemplo: você ri, se surpreende, grita, chora, sente raiva. Poderia dissertar sobre?”**

A maioria dos estudantes de Biblioteconomia, dizem se emocionar ao ler certos livros, e dependendo da situação se permitem chorar enquanto estão lendo. Um dos leitores respondeu que nunca parou para pensar nisso, mas que de modo involuntário já deve ter expressado qualquer tipo de reação a respeito da leitura que fazia. Alguns responderam que já assustaram os familiares por aparecer chorando sem ter um motivo aparente, e tiveram que se refazer e explicar que tinham chegado a tal situação porque se encontravam lendo determinado livro.

Além de sentir emoções de estilo romântico ou triste, alguns enredos podem provocar também sentimentos de raiva e injustiça. Os leitores chegam a desenvolver afeto pelos personagens e dependendo dos gêneros podem despertar o lado bem humorado dos leitores que se deleitam em risos.

É interessante verificar as reações físicas que a leitura pode provocar no sujeito leitor como: arrepios, choro, gritos, expressões faciais, e etc. Que se encaixam bem na categoria dos signos que pertence a *secundidade*. Pignatari (1979, p.24) Diz que: a secundidade “realiza-se ou é percebida nos estados de “choque”, surpresa, ação e percepção. Metafisicamente, caracteriza-se pela alteridade, pelo não-ego. O aqui-e-agora de uma qualidade constitui uma secundidade: “não é um conceito, nem uma qualidade peculiar: é uma experiência.”Vejam a seguir alguns depoimentos coletados no questionário online que se encaixam nesse pensamento.

Quadro 3 - Reações físicas que a leitura provocou nos leitores

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Ah sim, eu choro, grito, fecho o livro em um momento de vergonha alheia, depois abro de novo e continuo a ler. Às vezes tô lendo e acontece alguma coisa ai paro e fico imaginando. Quando fico com raiva dos personagens xingo muito. Quando tem expressões como: "deu de ombros",

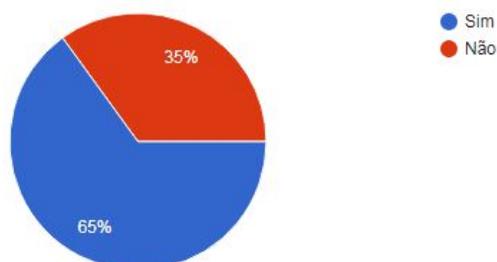
	"revirou os olhos", "arregalou os olhos", coisas desse tipo, eu sempre reproduzo. Eu cheguei até a levar um susto uma vez, sendo que: Como uma pessoa leva um susto lendo??
Greyce	Costumo rir, fico surpresa quando acontece algo inesperado ou tem alguma revelação e também choro ou fico emocionada.
Florence Green	Me arrepio, choro e sinto raiva de alguns personagens.
Célia	Sorrisos, lágrimas, reclamações, xingamentos, palavrões, suspiros de alívio, me envolvo com a história completamente e costumo exprimir isso de variadas formas, até mesmo comprimindo o corpo numa passagem de maior tensão da história
Hermione	Sim, expresso. Eu faço caretas, rio, choro, fico com a cara fechada, faço barulhos de surpresa, arregalo os olhos. Muitas vezes isso resulta em uma pessoa envergonhada: eu mesma, que costumo ler em lugares públicos. Quando leio em casa, muitas vezes assusto meus parentes ao aparecer chorando, o que muitos desprezam com um gesto afirmando "Ela estava lendo"
João	É muito fácil eu me surpreender e dizer um palavrão. Ainda mais fácil é chorar, só que a maioria das vezes são umas poucas lágrimas, uma vez ou outra eu fiquei mais acabado. Também acontece muito de eu me arrepiar, tanto na hora da leitura quanto em outros momentos onde eu me lembro de alguma parte de algum livro.

Fonte: A autora

Ao questionamento “**Por qual razão você indicaria a leitura do seu livro preferido?**” Os leitores responderam que os motivos se dão pelo fato de as histórias serem interessantes e muitas vezes porque trazem nelas, mensagens de motivação, como ensinamentos de que não se deve nunca desistir; seguir os sonhos, acreditar em si mesmo; mensagens que trazem visões sobre como perceber os valores das pessoas, prezando o melhoramento dos relacionamentos sociais. Aprendizado sobre áreas específicas, ou até mesmo como uma forma de relaxamento e reflexão, entre outras razões que motivariam outras pessoas a desejar ler o mesmo livro.

Após essa pergunta vem o questionamento que pode se tornar um drama para muitos leitores: **”Emprestaria o seu livro preferido?”**

Gráfico 23 - A respeito de emprestar o livro preferido.



Fonte: A autora.

Os leitores que se dispuseram a emprestar o livro preferido pra alguém, afirmam que fariam tal coisa porque desejam que outras pessoas possam ler a história e compartilhar à experiência seria gratificante; ou ainda para que outros pudessem ter a oportunidade de sentir as mesmas emoções ao ler; também por acreditar que o assunto que o livro traz é de suma importância e precisa ser visto por todas as pessoas possíveis; outros respondentes fariam isso sob condições de que as pessoas a quem emprestariam o livro seriam cuidadosas ao manipular o objeto.

Os leitores que não emprestariam os livros preferidos seriam por temer que as pessoas pudessem causar danos físicos aos seus livros, e ainda afirmaram que por motivos de sentir ciúmes também não emprestariam o seu livro preferido.

Como leitores temos que admitir que alguns livros sempre chamam mais a nossa atenção, então, a memória afetiva que o leitor tem pelo livro pode ser observada a partir da descrição que o dono faz do objeto que lhe pertence. Foi-se questionado sobre quais seriam os livros preferidos dos leitores e estudantes de Biblioteconomia. E as características físicas que eles possuem. Vejamos algumas respostas:

Quadro 4 - Livros preferidos e suas características

OBRA	CARACTERÍSTICAS
COBEN, Harlan. Confie em mim : até onde você iria por amor à sua família?. São Paulo:	“Confie Em Mim (Harlan Coben). Capa flexível, folhas amareladas, está danificado por conta de uma chuva que eu levei em 2012 quando estava

Arqueiro, 2011. 320 p.	indo com ele pra escola.”
AUSTEN, Jane. Orgulho e preconceito . São Paulo: Principis, 2018, 256 p.	Meu livro preferido é “Orgulho e Preconceito” da Jane Austen. Eu já (ou seria ainda?) tenho duas edições deste livro, uma em capa dura que é a coisa mais linda que você vai ver na sua frente e a outra é brochura, mas também é muito lindo.”
FITZGERALD, Penelope. A livraria . 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018, 160 p.	“A livraria. Um livro de capa flexível, pequeno, mas não de bolso.”
ROWLING, JK. Morte Súbita . 1.ed. São Paulo: Harper Collins BR, 512 p.	“Morte súbita. A capa dele é vermelha e amarela; bem chamativo. Tamanho normal, mais ou menos grosso, folhas amarelas.”
DICKENS, Charles. Oliver Twist . São Paulo: Richard Bentley, 1992.	“São dois, Oliver Twist e A Cabana. Oliver Twist (versão infantil) - Capa dura, folhas brancas, auto-relevo na capa, Ilustrado. A Cabana - Capa flexível, folhas brancas.”
MÁRQUEZ, Gabriel García, Cem anos de Solidão . Rio de Janeiro: Record, 1928.	“Cem Dias de Solidão de Amyr Klink. É uma edição antiga autografada pelo autor.”
MASS, Sarah J. Corte de Espinhos e Rosas . 1ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.	“Corte de Espinhos e Rosas. As folhas são amareladas, a capa preta e enfeitada com espirais em alto relevo, o livro possui orelha.”
YOUNG, William P. A cabana . 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, 340p.	“A Cabana, foi um presente da minha sogra que é uma pessoa por quem tenho um apreço imenso! É um livro sem ilustração, de capa flexível e folhas amareladas. Sou apaixonada pela capa do livro.”
ZUSAK, Markus. A menina que roubava livros . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007, 480p.	“A menina que roubava livros. Ele tem as páginas amareladas, umas poucas ilustrações e possui a capa flexível.”
BRUNT, Carol Rifka. Diga aos lobos que eu estou em casa . São Paulo: Novo Conceito Editora, 2014.	“Meu livro favorito é “Diga aos lobos que estou em casa”, é um livro de capa verde, com um bule, um urso e o busto de uma menina na frente. O título está escrito numa caixa de texto tipo uma fita branca.”
HIGSMITH, Patricia. Carol . São Paulo: L&M Pocket, 2015.	“Carol, capa mole, folhas brancas.”
ITURBE, Antonio G. A bibliotecária de Auschwitz . 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2014.	“A bibliotecária de Auschwitz, brochura, folhas amarelas, sem ilustrações.”
MAAS, Sarah J. Corte de névoa e fúria . 1.ed. Rio de Janeiro: Galera, 2016.	“No momento um livro que mistura ficção e fantasia chamado: "Corte de Névoa e Fúria", segundo livro da série de Sarah J. Mas. Ele me parece aveludado, sinto o nome do livro em auto-relevo, tem folhas amareladas fora que amei os personagens...”
RAMOS, Graciliano. S. Bernardo . 89.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 270 p	“São Bernardo, de Graciliano Ramos. O livro tem a capa flexível, é um pouco maior que o de bolso.”

DOSTOIEVSKI, Fiodor. O idiota . 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1952	“O idiota. Ele é grande e tem muitas páginas e gravuras dos personagens principais.”
MELVILLE, Herman, Moby Dick . London: Longman, 1959 96p.	“Moby Dick. Livro com capa dura, com um pouco de auto-relevo. É a edição da cosac naify”
A Bíblia Sagrada : Antigo e Novo Testamento . 2. ed. rev. e atual. no Brasil	“Bíblia Sagrada. Capa dura, folhas brancas, papel macio, letras grandes.”
FLYNN, Gillian. Garota exemplar . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 446 p	“Garota Exemplar (Gone Girl), é um livro relativamente grosso, preto com detalhes brancos, e fonte de título vermelha.”
COLLINS, Suzanne. Jogos vorazes . 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 397 p.	“Eu sou nervosa, não consigo escolher um livro favorito. Mas um que eu era apaixonada, era: jogos vorazes, mas aí, eu só li o primeiro. Ele tem páginas flexíveis e as folhas brancas, a capa dele é preta com a escrita branca e o símbolo amarelo. Cores que em minha opinião conversam muito bem; e traz beleza ao livro. E tem um que é meu favorito pra chorar que é: a culpa é das estrelas.”
KINNEY, Jeff. Diário de um banana : apertem os cintos. São Paulo: Vergara & Riba, 2017. 217 p	“Diário de um banana. Vermelho, capa dura e, ilustrado.”
JONES, Diana Wynne. O castelo animado . São Paulo: Editora Galera, 2007, 320p.	“O Castelo Animado. É um livro com pouco mais de 300 páginas, de capa azulada, com a ilustração de uma velhinha, a protagonista, caminhando de encontro a um Castelo de aparência bizarra, com várias chaminés e dois pés que utiliza para se locomover.”
GILBERT, Elizabeth; ABREU, Fernanda (Trad.). Comer, rezar, amar : a busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 342p	“Comer, Rezar e amar. Livro de porte médio, com páginas meio amareladas...”.

Fonte: A autora

Para ter preferência por um livro, ou qualquer outro objeto precisamos desenvolver afeto por ele, assim desse modo, as características que a questão pede que o leitor descreva são válidas para a escolha do livro, e principalmente para que ele se torne o seu preferido. O que motivaria alguém a gostar tanto de um livro? Sua história? Seu formato, tamanho, cores e textura? Foi-se questionado então: “**Você já quis ler um livro por causa da sua aparência física/capa? Qual livro? Você teve a oportunidade de ler o tal livro?**” As maiorias dos leitores confirmam esta questão dizendo que já sentiram muita vontade ou curiosidade de ler

determinados livros porque a sua aparência, a capa ou título chamavam a sua atenção. E que puderam ler os livros cobiçados, e muitas vezes se surpreenderam ou se decepcionaram com a narrativa encontrada dentro dos livros. Seguem-se alguns depoimentos coletados pelo questionário desta pesquisa:

Quadro 5 - Depoimentos dos leitores

LEITOR	RESPOSTA
Jennie	Já. 'Em algum lugar nas estrelas' da Clare Vanderpool, ele é da darkside, a capa é linda, e o livro também. Ganhei de aniversário ano passado, ainda não li porque quero que seja em um momento que eu esteja completamente livre (tchau tcc) e que eu possa viver essa experiência.
Célia	Sim, vários. O último livro que me causou essa sensação foi No seu pescoço de Chimamanda Ngozi Adichie, por me identificar com a figura na capa. Este último que citei ainda não.
Ma lala	Sim. O pequeno príncipe, mas não gostei muito a obra é superestima trás uma mensagem bonita porem não é tudo isso!
Sabrina	Sim. Vampirologia a historia dos anjos caídos, é um livro bem simples juvenil, mas eu fiquei doida quando via a capa dele ai compre. e estou com uma paixão pelas capas de uma coleção de livros de Agatha Christie, já tenho dois com essa capa, é linda.
Buffy	Sim, é um livro que tenho e sempre terei uma vontade de ler, não apenas pela capa, mas por todo conteúdo que despertou meu desejo: Obra Poética - Sophia de Mello Breyner Andresen
Willow	Sim, A Biblioteca Invisível. Além de o título ser sobre biblioteca a capa era da minha cor favorita, com detalhes em azul. Não resisti, comprei, e acabou sendo uma leitura tão maravilhosa quanto à capa.
Alice	Sim, eu amo a série de livros A rainha vermelha, e a primeira coisa que me chamou atenção foi a linda capa do primeiro livro (que na época só tinha o primeiro) então eu pesquisei mais sobre a história e ela é tão bonita quanto a capa, eu não li nenhum até agora por falta de money pra comprar e por não conhecer ninguém que tenha.
Tara	Sim, A Bruxa. Não li porque acabei perdendo o interesse com o tempo.
Giles	Já na infância quis ler um livro de estudo sem mestre em alemão. Li um pouco, mas não houve identificação com o idioma.

Fonte: A autora

5 AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE O LEITOR E O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL.

A sequência desta pesquisa agora irá tratar das entrevistas de protocolo verbal (PV) realizadas com alguns leitores que responderam ao questionário online do Google, e que, em suas respostas demonstraram interesse pelo livro físico. Além de descrever com propriedade a sua relação com este objeto cultural, que incorporam e se qualificam nas três categorias Piercianas do signo: *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

O primeiro quadro trata dos sentimentos de *primeiridade* do signo que são descritos pelos sentimentos e reações que permeiam o primeiro contato com o objeto que é signo de alguém, no caso o livro preferido dos leitores entrevistados apresentado a eles no modo natural.

Quadro 6 - Qual o primeiro sentimento que você tem quando vê o seu livro preferido?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Orgulho, e não é porque tem orgulho escrito na capa. É porque quando eu li esse livro pela primeira vez eu li em pdf, a história. E aí, tipo, eu me apaixonei pela história, aí eu queria ter o livro de todo jeito. E aí, eu acho que o livro que eu comprei com o meu dinheiro foi esse livro. Aí, tipo, não era nem esse. Era um que teve toda uma história, ele foi roubado e eu, fiquei bem triste. E aí, eu comprei esse livro, e eu acho essa edição muito linda e ele é todo lindo pra mim, e então eu fico com orgulho de mim mesma de ter conseguido ele.
Cristal	Eu tenho a sensação muito de...Eu não sei explicar, é como se eu não estivesse naquele momento. Eu lembro muito da época que eu tava lendo ele. Que no caso é o livro Morte súbita, né? É que pra mim foi um fase muito boa, assim... Foi quando eu estava me descobrindo E foi uma amiga minha que me deu quando estava se mudando, então eu, eu lembro muito desse sentimento de... Sei lá, eu me senti muito acolhido pelo livro mesmo, então toda vez que eu olhava pra ele eu lembrava de coisas muito boas.
June	Ah, sei lá é muito amor envolvido, muito amor mesmo assim, eu sinto... É como se o livro fosse uma pessoa e cada vez que eu pegasse nele eu sinto um carinho enorme por ele, assim quisesse cuidar e andar com ele de mãos dadas na rua.
Célia	Não sei se o sentimento é saudade... Eu acho que é aconchego. O sentimento é aconchego porque eu lembro da infância, e assim eu lembro muito da minha mãe. Não exatamente da pessoa dela, mas sim o clima que ela gostava de proporcionar. Então, o primeiro sentimento que vem assim, até mesmo quando eu não vejo, mas me lembro do livro é de aconchego, assim desse clima propício para ler, pra imaginar, pra exercitar essa leitura. Eu acho também que tem a forma como ela me trouxe esse livro; dizendo que era um livro legal. Que eu lesse, que era um livro importante. Que eu acho que pela história dele. Dessa

	coisa de tipo, as coisas podem acontecer, mas você vai dar um jeito e enfim, vai funcionar depois.
Adam	Ah, eu fico tipo sinto um calorzinho no coração sabe? Tipo, eu fico “Own” [expressão de fofura, segurando o livro próximo ao rosto]. Se eu fosse descrever meu sentimento é isso: Eu fico feliz, eu sinto um amorzinho, sabe quando você encontra uma pessoa que gosta muito? Então, eu fico: Ele é tão bonitinho! Oh, não só o livro, mas qualquer livro deste autor quando eu vejo tipo, na loja ou na livraria ou enfim. Eu fico tipo, meu Deus do céu! Aaaahh... [Cara de entusiasmo]

Fonte: A autora

De acordo com Machago e Dos Santos Neto (2014, p.5) A *primeiridade* contempla a mera qualidade que um signo possui. E age como suporte das significações que são extraídas do signo.

Diferente da *secundidade* que apresenta o objeto físico do signo, o que dá sentido e caráter de existência para o mesmo. Agindo dessa forma e trazendo as lembranças a quais o leitor tem a observar o objeto que remete ao signo. A relação de existência compete à veracidade mesmo que não contenha as mesmas características iguais a do objeto. A *secundidade* na sua amplitude é díspar e o signo nesse estágio não necessita e não é, igual ao objeto se comparado fisicamente, porque a sua função é de indicar e identificar e não a de ser propriamente aquilo que representa. Tem-se a exemplo disso, as lembranças que os livros são capazes de trazer a tona aos leitores. Já que o signo para se formar depende também de um hábito adquirido para existir.

Esta categoria também faz parte da *Terceiridade*, onde aponta a imprecisão que o signo causa, no sujeito quando está em processo de compreensão do que seria a representação do objeto que tem em mente, ou diante de si. Segundo Niemeyer (2003, p.39-40) Conforme citado por Machado e Santos Neto (2014, p.9) é o primeiro nível em relação ao significado impreciso, indefinido no sentido, “uma sensação, uma indeterminação, que se dá no instante inicial de contato com o novo — um certo espanto, uma surpresa”.

Quadro 7 - Este livro sempre terá a mesma representação ou lembrança para você?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Sim, eu acredito que sim. Faz muito tempo que eu li ele, mas eu to sempre com vontade de ler ele. Sempre é uma coisa nova. Ele sempre vai ter a mesma lembrança. Em casa ele não fica na estante, ele fica em cima da mesa. E tipo, ele fica numa pilha de livros ele fica em pé, assim, tipo eu sempre quero ver ele, no topo meio aberto. E vira e mexe eu sento na cadeira pra estudar ou pra fazer alguma coisa. Aí eu pego, aí eu abro, aí eu vejo alguma parte e aí eu cheiro e fico passando a mão. Aí mainha entra no quarto e fica rindo da minha cara. Ah, eu

	acho ele muito lindo, meu Deus. Espero que ele nunca perca esse cheiro, mas se ele perder eu vou continuar cheirando igual.
June	É tipo reconhecimento, reconhecer a si mesmo como pessoa. A primeira coisa que eu lembro quando eu vejo o livro é realmente assim a representação dele na minha cabeça, entende? A capa dele é um bulezinho que a personagem principal recebe no começo do livro que foi um presente do tio dela que faleceu. E era a única pessoa que ela considerava que conhecia ela verdadeiramente. Então eu lembro e penso muito assim, tipo, em como as pessoas são e representam na nossa vida, sabe? E o que cada uma particularmente tem de especial na nossa vida, sabe? O que cada um mudou um ponto ou outro, porque no meio da história a gente vê que ela cresce, é.. de forma significativa pessoalmente com a relação dela com o mundo, eu acho que a representação do bule é dizendo assim: que mesmo que o tio dela não esteja presente na vida dela mais, assim fisicamente , mas ele deixou coisas pra ela poder seguir.
Célia	Ah, então, minhas lembranças são comigo lendo o livro. Eu gostava muito de ler, na minha casa tinha uma escada e era uma escada, assim realmente de passagem que separava terraço, sala e o cômodo que tinha em baixo da cozinha, banheiro e os demais quartos. Então assim, a noitezinha no entardecer eu gostava de sentar na escada, mesmo sendo passagem, então as lembranças que me remetem é... Eu lendo o livro na escada. Os momentos em que minha mãe chegava e me perguntava como tinha sido o livro. E o que de novo eu tinha descoberto no livro. Então a gente tinha aquela conversa, eu consigo me lembrar disso também.
Adam	Então, ele lembra muito minha adolescência porque eu ganhei esse livro de aniversário, no meu aniversário de uns 13 para 14 anos. E, no ensino médio no caso e foi uma fase bem complicada da minha vida e tal, em que eu passa muito tempo muito triste. E aí quando eu li esse livro eu gostei muito dele porque eu me identifiquei com o protagonista logo de cara. Entendeu? E aí toda vez que eu leio o livro ou que eu penso nele ou que eu vejo ele em determinado lugar, eu lembro automaticamente desta fase da minha vida.
Cristal	É, acho que sim porque não só essa minha amiga que me deu o livro, mas pelo contexto de todas as coisas que aconteceram ao redor na época que eu ganhei ele. Ai eu tenho esse sentimento de acolhimento, e ele vai sempre representar isso. Todas às vezes.

Fonte: A autora

As reações que os leitores tem durante a leitura competem também a terceira categoria que é conhecida como: “Terceiro (Trid)- experiências *triádicas* ou *compreensões*; sendo, cada uma, uma experiência direta que liga outras experiências possíveis.” (PIGNATARI, 1979). Já que as reações são um indicio de que o leitor está envolvido em determinada situação lembramos também que está questão se fere a *secundidade*. Diz Souza (2006, p.160) a uma experiência que cabe a categoria da secundidade do signo. Quando ele afirma que: “O objeto

é uma forma de representação do referente. Faz parte da secundidade, da experiência existencial, é o que o Interpretante envia o signo em um processo de semiose.”.

Quadro 8 - Quais são suas reações durante a leitura?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Ah, eu vou lendo. Aí tem uma coisa comigo que é assim, aí a moça diz: Num sei quem deu de ombros. Aí eu dou de ombros. Num sei quem franziu o rosto, aí eu franzo assim o meu rosto. Num sei quê rio, eu rio. Num sei que tomou um susto. Ah teve uma vez que eu tava lendo esse livro e eu levei um susto porque a personagem levou um susto, porque eu estava tão presa na história tipo, meu Deus o que vai acontecer agora aqui, Aaaahhh... levei um susto! Aí tipo, eu fico rindo, fico passando a mão. Aí eu fecho assim o livro e fico meu Deus! Aí depois eu volto pra ler, aí depois eu fecho assim e digo: ah eu não vou ler. Aí depois, mentira! Eu quero! É bem assim, e tipo eu já li esse livro eu acho que bem umas dez vezes. E toda vez que eu leio eu tenho uma reação, pode não ser a mesma reação, pode não ser nas mesmas partes, mas eu sempre tenho alguma reação. Eu choro, eu fico rindo, eu fico com vergonha. Eu me coloco mesmo na história, sou dessas.
Cristal	Ah, todos os sentimentos que eu pude sentir eu senti. Têm um aparte que você sente muito medo com as coisas que vão acontecer, tem as partes que você fica muito triste, principalmente no final da história. Tem as partes de alegria que você vê que os personagens estão conseguindo; você tem o sofrimento junto com o personagem porque são muitos personagens e cada personagem passa por uma história então você vai acompanhando aquilo e você vai sentindo tudo aquilo, então eu chorei eu ri eu fiquei desesperado, eu fiquei com medo. Eu, eu tive todos os sentimentos possíveis. Até nojo eu tive.
Célia	Ah, eu tenho reações diversas, choro logo mesmo de montão. Sorrio também. Eu tenho também muita mania de fazer assim, muitas pessoas percebem porque isso acontece mesmo eu estando na rua, ônibus, fila de banco. Então eu sempre leio, não tem essa! E, aí eu sempre suspiro, assim, tipo o personagem está correndo, tá fugindo de alguém. Aí eu tô lá [A leitora faz cara de espanto] e solto um suspiro assustado. Ah, meu Deus! Tipo assim, tá nojento aí eu faço careta. E já aconteceu de pessoas virem me dizer que observaram, que viram que perceberam. Eu me lembro de um outro livro que eu estava lendo: A cabana, e aí eu meio que presumia o que iria acontecer, e quando se confirmava eu já estava em prantos, chorei muito. Passei a madrugada inteira lendo e chorei demais. Mas eu tenho muitas reações, assim, é... Eu adoro romance policial, gosto muito me entrete bastantes, eu me lembro dos meus primeiros romances policiais até hoje: Sherlock Holmes, Agatha Christie. Eu lembro que costumava colocar no espelho da cama, o máximo de travesseiros que eu podia. E que me recostava, porque eu lembro que sentia um frio na espinha, assim, daquele mistério a coisa acontecendo a história se afunilando. E eu lembro que ficava assim me contorcendo, minhas costas reta e naquela posição colocando os ombros para trás, tensa. Assim, sentindo aquele frio na espinha e lendo

	o livro. Acontecia muito. Hoje, às vezes acontece, mas aí quando você tá noutros lugares, o tempo de ler é muito menor. Aquela imersão não é da mesma maneira de quando você era criança. As coisas não tocam mais você da mesma maneira, aí hoje eu não me vejo tanto, mas ainda dá aquele susto. Eu solto aquele: Não acredito! [Fazendo cara de espanto]. Acontece bastante, choro muito, fico indignada.
June	Ah, é muito misturado que no início é.. eu fiquei muito assim, eu fiquei meio chateada com a personagem principal, que ela era muito infantil assim, meio coisada. Meio ante social por nada e depois assim eu fui vendo é.. que ela.. ela.. era praticamente, eu não sei, sei lá. Eu me identifiquei muito com ela, sabe? Porque de início que lembrei assim da pessoa que eu era e da pessoa que eu me tornei e aí, primeiro eu tive raiva depois eu tive empatia. Mas assim eu senti muito, muito assim, em uma determinada parte do livro que é quando ela descobre a vida secreta que o tio dela tinha, eu senti tipo traição porque ele não compartilhou essa parte da vida dele com ela. E depois eu senti que não era bem isso, era, não é nem reconciliação, era entender, entendimento mesmo do porque ele fez isso e no final eu senti que... Não sei... Sabe como é aquele sentimento de quando você partilha muitas coisas com várias pessoas diferentes e você em determinado momento para pra ouvir tudo o que todos eles estão dizendo é como se fosse um quebra cabeças. É eu acho que esse sentimento não tem nem nome, é... Foi isso, eu comecei com raiva, meio chateada, mas depois eu passei pra uma área de saudade depois eu fui pra parte da traição, do entendimento e depois eu juntei tudo isso e parece que tudo virou uma pessoa.

Fonte: A autora

Todo livro existe de uma forma cores, tamanho e texturas são diferentes uns dos outros. O livro existe de uma forma e o sentimento que o leitor desenvolve por ele, existe de outra maneira, e essa maneira nem sempre é física, porém depende da forma física do livro para existir.

Quadro 9 - O seu livro tem marcas que faz com que você passe a gostar mais dele?

LEITOR	RESPOSTA
June	Eu tenho, eu coloquei um adesivo no livro que era um adesivo antigo meu, que a minha mãe tinha me dado quando eu era pequena e eu o coloquei na capa. Não na capa, na contra capa do livro. E aí ficou lá registradinho que é meu.
Célia	Eu me lembro das características, agora assim, eu não sei dimensionar em centímetros o tamanho, mas ele não era muito grande. Mas era grosso e eu também me lembro que assim, ele não tinha marcas que ele ganhou ao longo do tempo. Essa questão da lombada rasgadinha, isso já foi quando eu reencontro o livro depois que passou aquela fase de eu ler e tudo mais. E aí dentro da minha casa, nas minhas coisas eu acabo reencontrando ele que é justamente com a lombada rasgada. Porque eu me mudei de repende e o livro não foi comigo.

Cristal	Eu sei que é o meu livro porque ele tem uma dedicatória da minha amiga, logo na primeira página onde está o título do livro e , eu emprestei ele a uma amiga minha que ele voltou com o plástico soltando na frente, e aí eu sei que é ele por isso.
----------------	--

Fonte: A autora

Conclui-se que “A primeiridade é o reino dos possíveis; a secundidade, dos existentes; a terceiridade, das generalizações.” (PIGNATARI,p.29,1979). Sendo que o livro é, e pode ser visto como um objeto cultural de leitura e representação. E não somente como um item essencial aos estudos e pesquisas acadêmicas, mas ao lazer e ao encontro do indivíduo leitor com significações e vivências que são particulares a ele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa o livro como signo e objeto cultural de leitura, para os estudantes de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de pernambuco, trouxe um novo olhar a respeito dos hábitos de leitura. Propondo-se a investigá-los e constatar através do questionário e da entrevista, sinais e elementos que fazem parte dos conceitos semióticos que foram propostos por esta pesquisa.

A leitura foi validada como um hábito comum entre os estudantes, e as reações advindas da mesma, como consequência do ato de ler. Os leitores investigados nesta pesquisa tem uma forte tendência a realizar leituras fora de casa em ambientes diversos e até não muito comuns. A leitura é ainda uma forma de realização e de fuga do estar no mundo de cada sujeito, é principalmente subjetiva em seu significado para cada leitor individualmente. A mesma leitura que o leitor faz do livro, é a leitura que o leitor leva para o seu mundo, seja ele fantástico ou não, seguindo o pensamento Freiriano citado durante a pesquisa. Lê-se até o que não é escrito, porque a leitura também depende dos fatores externos e sociais em que o leitor está inserido.

O livro foi considerado como um objeto detido de significado e significações particulares a cada leitor. Um objeto cultural valoroso desejado historicamente e atualmente. Pode-se perceber que o livro é um corpo onde a leitura habita, e o leitor é o corpo onde a leitura reage, interage e modifica. E que tanto nos séculos passados, como no século atual, este objeto continua a ter um valor cultural expressivo para um vasto público de leitores. O que implica que sempre haverá um sujeito com desejo de ler, de ter e de interagir com o livro. E isto é o que individualiza os modos de se praticar a leitura.

E a partir disso, discorre-se também sobre o que o objeto livro passa a significar para os leitores atualmente. O signo semiótico que o livro se torna para cada leitor. O juízo de valor atribuído a cada livro pelo leitor que o leu. Foi visto de acordo com a investigação sobre as características físicas dos livros, que este é um ponto que chama muito a atenção do leitor e pode se tornar um incentivo para a escolha do objeto, num processo onde o leitor necessita fazer um empréstimo ou até mesmo a compra do item. Lembrando que esta pesquisa trata o livro como um objeto pessoal, um item de companhia para nas ocasiões de lazer. O que o livro representa e apresenta para os leitores, vem a ser o signo semiótico.

O perfil leitor dos estudantes de Biblioteconomia baseou-se em seus atos e hábitos de leitores, leitores que provaram não serem somente acadêmicos, mas leitores de ficções e fantasias, de poesias, e canções entre tantos outros gêneros citados dentro deste trabalho. São

leitores que têm apreço pelos vários tipos de leitura, que se identificam com ela e a partir disso constituem-se.

As relações de afetividade que os leitores desenvolvem pelo objeto cultural livro, foram analisadas e comparadas aos conceitos semióticos do signo com respeito às categorias Piercianas da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, tiveram o resultado esperado com respeito a se relacionarem aos conceitos apontados dentro desta pesquisa. Ao desejo de ler e de obter um livro o leitor se enquadra na categoria de primeiridade, da qualidade que desperta o querer, possuir esse objeto cultural de leitura. Dentro da secundidade estão incorporadas as reações, expressões que o leitor apresenta durante a leitura, e principalmente do contato físico com o livro, pois, a secundidade é uma categoria do existir, o signo apresentado fisicamente ao sujeito. E diante disso, surge a Terceiridade, momento onde o sujeito leitor completa o processo de semiose e passar reconhecer o livro como um signo, como objeto que tem certa influência sobre ele, suas vivências, sentimentos, é neste momento que o livro dentro da terceira categoria torna-se o representamen que contempla a junção das categorias anteriores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.120p.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.p635.
- BALDO, Alessandra. **Protocolos verbais como recurso metodológico: evidência de pesquisa**. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewFile/3976/5020>. Acesso em: 02 de Mai. de 2018.
- BAPTISTA, S. G. O.; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 168-184, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/4700>. Acesso em: 30 Abr. 2018.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: UFSC, 2002.
- BELO, André. História e livro e literatura. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.133p.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.105p
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 24 de nov. de 2017.
- DA CUNHA, Murilo Bastos. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Universidade de Brasília**, p. 1, 1982. Disponível em: http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CUNHA_1982.pdf. Acesso em: 24 de Mai. de 2018.
- DIAS, A. T. B. B. B.; VIEIRA, L. Análise semiótica de capas de livros didáticos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 10, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/32076>. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.
- DOS SANTOS NETO, J. G.; MACHADO, G.F. A semiótica e o processo de significação: uma análise da propaganda da coca-cola. In: Encontro de comunicação e mídia – Ecom. 2014, Campina Grande- PB. Disponível em: http://cesrei.com.br/site/wp-content/uploads/2015/08/CESREI-a_semiotica_e_o_processo_de_significacao-.pdf. Acesso em: 16 Nov. 2018.
- EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática,1997.80,p.
- EP Far, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.71.p.
- FERREIRA, Marilucy da Silva. **Introdução á Biblioteconomia: Curso Técnico em Biblioteconomia**. Recife: Secretaria Executiva de Educação Profissional de Pernambuco, 2018.

FERNANDES, José David Campos. Introdução à Semiótica. **Linguagens: usos e reflexões**, v. 8, p. 1-185. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1998.
GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULART, I.C.V. **O livro**: objeto de estudo e memória de leitura. Disponível em: http://encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_7_10.pdf. Acesso em: 22 de nov. de 2017.
GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In CHATIER, Roger. (Org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.p.107-116.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 15.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, p. 23-56, 2011.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.118 p.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria do signo. Editora Perspectiva, 1980.

NORTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Pierce.3.ed. São Paulo: Annablume,2003.149p.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.127p.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**: icônico e verbal, Oriente e Ocidente. 2.ed. São Paulo:Cortes &Moraes, 1979.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTAELLA, Lucia; NORTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. 248.p.

SANTOS, Hudson. Quase definitivo: Um local voltado pra falar de tudo um pouco. Disponível em: <http://blogs.ua.pt/bibliotecainforma/?p=3284>. Acesso em: 31 de Jul. de 2018

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: QuartierLatin, 2007. 237.p

SCHIESSL, Marcelo. **Triângulo Semiótico de Ogden e Richards adaptado**. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Triangulo-Semiotico-de-Ogden-e-Richards-adaptado_fig1_263268803. Acesso em: 19 de Nov. de 2018.

SOUZA, Lucia Soares de. **Introdução às teorias Semióticas**. Petrópolis, RJ: Salvador, BA, 2006.2010.p.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural. **Revista Mosaicum**, n. 18, p. 25, 2013.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO *ONLINE* – PROJETO DE PESQUISA 2

O presente questionário propõe identificar os estudantes de biblioteconomia que são leitores de livros físicos (impresso), e analisar sob perspectiva semiótica a relação dos leitores com respeito a este objeto cultural. Dentro das categorias do signo de Pierce: *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*.

INFORMAÇÕES SOBRE O LEITOR

Nome:

Nome social: Você faz uso do nome social conforme o decreto nº 8.727 de 28 de Abril de 2016?

Curso:

Período:

Email:

Gênero: M () F ()

Faixa etária:

() Até 18 anos

() Entre 18 e 23 anos

() Entre 20 e 25 anos

() Entre 25 e 30 anos

() Entre 30 e 35 anos

() Entre 35 e 40 anos

() Entre 45 e 50 anos

() Entre 45 e 50 anos

() Mais de 50 anos.

Qual aproximadamente é a sua renda mensal?

() Nenhuma renda.

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00).

- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 954,00 até R\$ 2.862,00).
- De 3 a 6 salários mínimos (até R\$ 2.862,00 até R\$5.724,00).
- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.724,00 até R\$8.586,00).
- De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.586,00 até R\$ 11.448,00).
- De 12 a 15 salários mínimos (de 11.448,00 até R\$ 14.310,00).
- Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$14.310,00).

Quais gêneros literários você geralmente costuma ler?

LÍRICOS	NARRATIVOS	DRAMÁTICOS
POESIA	ROMANCE	FARSA
ODE	FÁBULA	TRAGÉDIA
SÁTIRA	CONTO	COMÉDIA
HINO	CRÔNICA	TRAGICOMÉDIA
ELEGIA	ENSAIO	AUTO
ÉCLOGA	EPOPEIA	CORDEL
IDÍLIO	BIOGRAFIA	PANTOMIMA
SONETO	PARÁBOLA	
HAICAI	MITO	
ACRÓSTICO	FANFIC	
CANTIGA	QUADRINHOS	
	ANEDOTA	
	LENDA	
	APÓLOGO	
	FICÇÃO CIENTÍFICA	
	FICÇÃO FANTÁSTICA	
	TERROR	
	AUTOAJUDA	

Outros _____

Você costuma ler:

- Jornais
- Revistas
- Folhetos/panfletos

Em quais locais você tem acesso à internet?

- Em casa
- Universidade
- Trabalho
- Estágio
- Na rua (Telefone móvel)

Livros digitais

- Áudio livro
- E-books: PDF, MOBI, TXT, EPUB Etc.

Leitores digitais

- Aplicativos**
- eReader (*Kindle, Kobo, Lev*)
- Computador
- Tablet
- Smartphone/Celular

Com que frequência você costuma ler *livros físicos*?

- Todos os dias
- Toda semana
- Todo mês
- Algumas vezes no ano

Em que locais costuma ler:

- Em casa
- Biblioteca

() Shopping

() Praças/Jardins

() Livraria

() Ônibus

() Carro

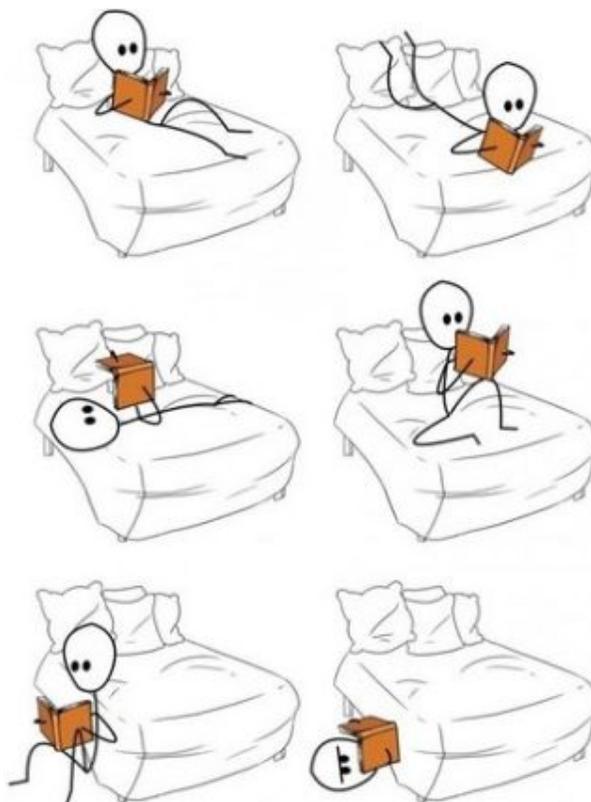
() Avião

() Filas de banco

() Café/ Bar

Outros _____

Posições para ler:



Posições para leitura.

Fonte: SANTOS (2011)

Deitad@ cama/ sofá/ chão/rede

De braços

Em pé

Sentad@

Sentad@ de pernas cruzadas

Encostad@ na parede

De joelhos

Deitad@ segurando o livro sobre o rosto

Outras _____

Quais desses motivos o faz preferir o livro físico?

Acho mais confortável para ler Gosto da sensação de tocar o livro

Gosto de sentir o cheiro Gosto de folhear

Gosto de ficar folheando e relendo trechos

É um suporte mais acessível

Você costuma:

Rabiscar

Dobrar a folha para marcar a página

Utilizar marcadores de página.

Grampear, colocar clips nas páginas

Nenhuma das alternativas

Qual o nome/ título do seu livro preferido?

Você prefere livros que contenham quais características físicas em seu formato:

- Capa dura
- Folhas amareladas
- Folhas brancas
- Auto-relevo
- Ilustrados
- Capa Flexível
- Colorido
- Cartonaria

Outras características:

Marque algumas das atitudes que você costuma tomar com os seus livros preferidos:

- Você gosta de cheirar o livro
- Costuma abraçar o livro
- Você dorme com o livro
- Você carrega o livro por toda parte mesmo que não o leia, aguardando a oportunidade de em algum momento lê-lo.

O que um livro precisa ter para se tornar especial para você?

O livro traz consigo alguma lembrança de um momento particular para você?

- Sim Não

Se você respondeu sim, explique. (Colocar opção de dissertar quando o respondente optar por sim)

Como você costuma guardar o seu livro preferido?

Você expressa sentimentos e reações ao ler? Quais? Exemplo: você ri, se surpreende, grita, chora, sente raiva. Poderia dissertar sobre?

Por qual razão você indicaria a leitura do seu livro preferido?

Emprestaria o seu livro preferido? Sim () Não ()

Por quê? _____

Já quis ler um livro por causa de sua aparência física/capa? Qual livro? Você teve a oportunidade de ler tal livro?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLOTECONOMIA

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Recife
2018

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú.

Recife

2018

FABIANA SILVA ROMUALDO

**O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL DE LEITURA E O PERFIL
LEITOR DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 30/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Hélio Márcio Pajeú (Orientador)
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Márcia Ivo Braz (Examinadora Interna 1)
DCI/Universidade Federal de Pernambuco

Georgia Ramine Silva de Lira (Examinadora Externa)
Bibliotecária

*E você fica com o livro por quanto tempo quiser.
Entendem? Valia mais do que me dar o livro. Pelo tempo
que eu quisesse! É tudo o que uma pessoa, grande ou
pequena, pode ter a ousadia de querer.*

(LISPECTOR, 1998)

RESUMO

Esta pesquisa materializa uma revisão bibliográfica a respeito dos conceitos de signo na perspectiva de Sanders Pierce e da teórica seguidora de seus preceitos, Lucia Santaella, no que concerne as categorias universais do signo semiótico com respeito Primeiridade, Secundidade e Terceiridade e suas relações com o representamen, interpretante e objeto para a partir delas refletir o livro como objeto cultural de leitura, transformador social e um item de grande valor afetivo para os seus leitores. O objetivo geral desse trabalho foi compreender o livro como signo a partir dos pressupostos teóricos da semiótica e as relações de afetividade que os estudantes de Biblioteconomia da UFPE constituem com esse objeto cultural. Como objetivos específicos procurou-se refletir a história e desenvolvimento do livro como um objeto cultural; discutir as concepções teóricas sobre a leitura; caracterizar o livro como um signo a partir das teorias da Semiótica; elaborar o perfil leitor dos alunos do curso de biblioteconomia em relação a leitura literária; e descrever as relações de afetividade constituídas pelos sujeitos no processo de mediação de leitura com o livro. Trata-se de um Estudo de Usuário que utilizou como instrumentos de coleta de dados questionários e entrevista semiestruturada pelo princípio do protocolo verbal. As relações de afetividade que os leitores desenvolvem pelo objeto cultural livro foram identificadas, analisadas e relacionadas aos conceitos semióticos do signo nos levando a concluir que tais relações se dão a partir de suas vivências, sentimentos, necessidades.

Palavras-chave: História cultural. Signo semiótico. Livro. Leitura. Biblioteconomia.

ABSTRACT

This research materializes a bibliographical revision regarding the concepts of sign in the perspective of Sanders Pierce and the follower of its precepts, Lucia Santaella, in what concerns the universal categories of the semiotic sign with respect to Primeirity, Secundity and Terceiridade and its relations with the representant, interpretant and object for them to reflect the book as cultural object of reading, social transformer and an item of great affective value to its readers. The general objective of this work was to understand the book as a sign from the theoretical presuppositions of semiotics and the relations of affection that UFPE Library students constitute with this cultural object. Specific objectives were to reflect the history and development of the book as a cultural object; discuss theoretical conceptions about reading; characterize the book as a sign from the theories of Semiotics; to elaborate the reader profile of the students of the librarianship course in relation to literary reading; and describe the relations of affectivity constituted by the subjects in the process of reading mediation with the book. It is a User Study that used as instruments of data collection questionnaires and interview semistructured by the principle of verbal protocol. The affective relationships that readers develop through the cultural object book have been identified, analyzed and related to the semiotic concepts of the sign leading us to conclude that such relationships are given from their experiences, feelings, needs.

Keywords: Cultural history. Semiotic sign. Book. Reading. Librarianship.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *mainha* **Ana Lucia**, por ter sido durante toda a vida um firme esteio, exemplo de confiança, incentivo amor e respeito. Ao senhor **Luann Rafaell**, que me apadrinhou espiritualmente e fisicamente, por me ter dado apoio e abrigo em todos os momentos de adversidade em que estive exposta. Ao senhor **Glauberto Junior** e sua genitora pelo apoio e abrigo oferecidos, a mão amiga e zelosa que foi de fundamental importância para o início de minha permanência na universidade. Sou grata ainda pela amizade e companheirismo da senhorita, **Rayane Rafaela** que expressivamente ajudou-me desde o início de minha vida acadêmica, que me viu passar por todos os processos e dramas universitários. A você minha amiga-irmã toda gratidão e carinho. A senhora **Ariany Corando** minha madrinha por todo incentivo e carinho durante a trajetória de vida e do curso. A senhorita **Luiza Mayara** pela amizade e guarida oferecidas em momentos oportunos durante a graduação. A senhora **Emmely Cristiny**, por ter sido uma chefia, e profissional exemplar da biblioteconomia. A **Isis Cunha** pela honrosa amizade, companheirismo e auxílio durante o árduo trajeto do curso. Toda a minha gratidão e estima a **Geovani Oliveira** pela amizade e contribuições para minha formação, sendo este um profissional que é exemplo nato de liderança e do verdadeiro trabalho em equipe. Aos meus colegas de curso: **Anderson Souza**, **Cássia Pergentino**, **Daniele Caetano**, **Kelly Paula**, **Marília Silveira**, **Letícia Felix**, **Wérleson Santos** e **Marcycleis Cavalcanti** por todos os momentos divertidos, palavras de carinho e incentivo, por toda colaboração para a construção deste trabalho e principalmente por terem ajudado em minha formação como pessoa mais humana; pelo aprendizado mais do que acadêmico que cada um destes, em particular me ensinou. Ao professor **Hélio Márcio Pajeú**, pessoa a qual tenho expressiva estima e respeito, agradeço por meio desta, por todo incentivo e acolhimento ao tema desta pesquisa. Por ter olhado este trabalho com carinho seriedade e respeito.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gostos pelos livros	44
Quadro 2 – Primeiros que são sentimentos e sensações	46
Quadro 3 - Reações físicas que a leitura provocou nos leitores	48
Quadro 4 - Livros preferidos e suas características	50
Quadro 5 - Depoimentos dos leitores	53
Quadro 6 - Qual o primeiro sentimento que você tem quando vê o seu livro preferido?.....	54
Quadro 7 - Este livro sempre terá a mesma representação ou lembrança para você?	55
Quadro 8 - Quais são suas reações durante a leitura?.....	57
Quadro 9 - O seu livro tem marcas que faz com que você passe a gostar mais dele?.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos leitores.....	33
Gráfico 2 - Faixa etária dos leitores.....	34
Gráfico 3 - Renda familiar.....	34
Gráfico 4 - Gênero Dramático.....	35
Gráfico 5 - Gênero Lírico 1/2.....	35
Gráfico 6 - Gênero Lírico 2/2.....	36
Gráfico 7 - Gênero Narrativo 1/4.....	36
Gráfico 8 - Gênero Narrativo 2/4.....	37
Gráfico 9 - Gênero Narrativo 3/4.....	37
Gráfico 10 - Gênero Narrativo 4/4.....	37
Gráfico 11 - Outros meios de leitura.....	38
Gráfico 12 - Locais onde os leitores têm acesso à internet.....	38
Gráfico 13 - Leitores digitais mais utilizados.....	39
Gráfico 14 - Formatos eletrônicos mais utilizados.....	39
Gráfico 15 - Estimativa de leitura dos estudantes.....	40
Gráfico 16 - Ambientes de leitura.....	40
Gráfico 17 - Posições preferidas para leitura.....	41
Gráfico 18 - Atitudes dos leitores com o livro.....	41
Gráfico 19 - Sugestão de itens para marcar páginas.....	42
Gráfico 20 - Características físicas do livro.....	43
Gráfico 21 - Hábitos desenvolvidos com o livro.....	43
Gráfico 22 - Leitores que afirmam ter lembranças a partir do objeto livro.....	46
Gráfico 23 - A respeito de emprestar o livro preferido.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A LEITURA E O LIVRO COMO OBJETO CULTURAL.....	16
3	O SIGNO NA SEMINÓTICA PIERCEANA.....	25
3.1	A relação triádica do signo semiótico.....	26
3.2	As categorias universais do signo.....	28
4	O PERFIL DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE E SEUS HÁBITOS DE LEITURA.....	33
5	AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE O LEITOR E O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL.....	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE.....	65

1 INTRODUÇÃO

O livro é visto atualmente como um instrumento de comunicação; de produção e transmissão de conhecimento e foi uma das primeiras de muitas formas de registrar o conhecimento depois das tábuas de argila e dos papiros. O suporte em forma de códex (livro), que por muito tempo foi essencialmente considerado como um item detido de sabedoria e uma grande ferramenta de pesquisa que foi responsável pelo desenvolvimento de estudos de significativa importância e também muito tardiamente um objeto que passou a fazer parte das atividades para distração e lazer. Goulart (2009) diz que não se pode considerar somente o aspecto material e externo do livro. As letras e símbolos só passam a ter sentido quando se leva em conta o entendimento do leitor. É importante não descartar a capacidade de compreender e interpretar o que se lê como uma atividade de afeto.

Durante séculos em sua trajetória evolutiva, o livro foi concebido como importante objeto informacional e passou a ganhar mais visibilidade. Além de carregar um grande valor histórico, facilitou a construção intelectual da sociedade. O livro tornou-se um objeto de caráter subjetivo a diversos povos já que possuir livros não era tão descomplicado e economicamente mais acessível como nos dias atuais. O acesso a esse tipo de material já esteve limitado apenas para pessoas em posições de poder; como as comunidades eclesásticas e a burguesia. Assim como a confecção do livro encadernado foram muitos os avanços que se desenvolveram a partir do conhecimento escrito contido nos livros, desse modo, possibilitou-se o compartilhamento do conhecimento e novas descobertas que puderam ser repassadas mais facilmente às gerações posteriores.

Esta pesquisa pretende abordar o tema dentro da biblioteconomia observando os aspectos distintos no que se refere à leitura como instrumento de poder, conhecimento, comunicação e entretenimento, compreendendo a extensão e a existência da diversidade de conceitos quanto a cultura de leitura; o objeto cultural livro e a relação de afetividade que o leitor tem por ele; a leitura como ação provocadora de reações que envolvem o emocional além do cognitivo, fazendo com que o leitor possa assimilar ideias e com isso direcionar pensamentos e ações ao contexto qual está inserido, a leitura como parte integrante de momentos particulares e íntimos do leitor, a fim de perceber expressões emotivas. Bem como, discutir e analisar, o comportamento leitor das turmas do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco. Pretendendo averiguar o contato entre leitor e livro

Segundo Ferreira (2018, p. 27) a natureza da CI é especialmente interdisciplinar, por ser ela uma ciência social aplicada. Interdisciplinaridade é uma palavra chave na Biblioteconomia contemporânea, pois, ela está diretamente relacionada com áreas do saber como a Linguística, a Comunicação, a Ciência da Computação, a Estatística, a Semiótica e muitas outras.

É por tal razão, que está pesquisa traz um olhar semiótico a respeito dos signos, desenvolvidos por Charles Sanders Peirce, demonstrando como um objeto pode ser signo para alguém; como se apresenta e se representa em diferentes contextos e dimensões. Esta pesquisa sobre o livro como objeto cultural de leitura começou a partir do momento em que pude ouvir pela voz de um professor no início da graduação a narração do conto: **Felicidade Clandestina** da autora Clarice Lispector (1998):

[...] As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. (...) Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. (...) Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

É possível identificar a partir dessa estória o que a personagem ainda menina sentiu ao ter o livro “As reinações de Narizinho.” Perceber elementos semióticos contidos no signo que o livro se tornou para ela ao poder abraçar, tocá-lo e senti-lo repousando em seu colo; por momentos provocou-lhe sensações incomparáveis a qualquer outra experiência já vivida pela menina. Que somente aquele livro pôde lhe proporcionar. Proporcionar a felicidade clandestina que está em cada livro que permite, transmite e provoca sentimentos únicos. Essas sensações físicas e lembranças, que estão adormecidas e só se libertam a partir desse contato, quando o sujeito se encontra diante do seu livro-signo.

Deste modo, algumas questões pessoais suscitaram a materialização dessa pesquisa: os estudantes de graduação em biblioteconomia da UFPE gostam de ler? Qual o significado que tem o livro para estes estudantes? Os estudantes de biblioteconomia são geralmente

apontados como indivíduos que têm gosto pela leitura e deliberadamente pelo livro, e diante disso, constitui-se um estereótipo a ser contestado. Que tipo de literatura que não está contida ou relacionada com as atividades acadêmicas, estes sujeitos costumam ler? Romances, terror, poesias, contos, outros gêneros? Torna-se necessário apurar a importância que o livro tem para o estudante de biblioteconomia, e os seus respectivos hábitos de leitura. Outro ponto importante para esta pesquisa; o leitor se emociona ao ler? E partindo disso, investigar juntamente a estes sujeitos a manifestação de alguns sentimentos que a prática e contato com determinadas leituras é capaz de lhes causar fisicamente. Por exemplo, alguns tipos de sentimentos expressos durante a leitura e o contato com o livro podem ser: o choro, a alegria, a raiva, o riso. Todas essas reações são de certo modo, descritas e representadas com propriedade dentro do livro, ou são provocadas pelo objeto-livro em si.

Chartier (1991) nos traz o conceito de representação do signo a partir da leitura entre a imagem presente fisicamente e o objeto ausente, o livro como objeto cultural integrado na formação cultural das sociedades, e impregnado de significações, que divergem a cada pessoa. E na realização da leitura interna paginada ou externa é possível identificá-las através dos signos. O tipo de signo a que Chartier se refere são os signos lingüísticos, simbólicos de representação da escrita; ou seja, as letras. O leitor interpretante será afetado pelo significado que ele atribuir à situação expressa dentro do contexto o qual está inserido, no que representa, ou supostamente se aproxima de sua realidade e das experiências cotidianas vivenciadas e particularmente sentidas que foram percebidas devido à freqüente incidência desses possíveis fatores ao ler livros, que contenham assuntos de gêneros específicos e que são existentes em seu meio. “[...] Pois, a leitura é um ato social, entre dois sujeitos; leitor e autor que interagem entre si, obedecendo aos objetivos e necessidades socialmente determinados.” (KLEIMAN, 2013 p. 12). O poder persuasivo e compenetrante da leitura de alguns livros e textos é impressionantemente capaz de despertar o lado emotivo de alguns leitores, é interessante notar as possíveis reações dos que são acometidos por esse estado desencadeado pelo contato com o livro observando algumas das situações emotivas citadas. Por fim, compreender a leitura como agente transformador social, e também destacar a importância das mudanças intrínsecas, efetivadas pela vivência da realidade contida nos livros.

Este trabalho se justifica ao trazer uma temática que trata o livro além de somente um objeto visto como de cunho intelectual. Ele pode proporcionar também o desenvolver de práticas de lazer. Este estudo está preocupado em investigar a representação do livro físico para os estudantes do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco e qual o significado do livro para os mesmos, com ênfase na investigação das emoções que a

leitura e o contato com este objeto cultural podem proporcionar aos leitores. Entre reações e expressões de sentimentos intrínsecos que podem vir a ser apresentados de modo externo; identificadas através de expressões físicas, faciais, pelo choro, através do gargalhar e todas estas sendo estimuladas pela leitura.

Todo bibliotecário necessita ter a curiosidade como ferramenta de sua profissão e principalmente como uma das peças primordiais à sua formação. É com este pensamento que se iniciou a questão desse estudo sobre o relacionamento dos estudantes de biblioteconomia com o objeto livro. A preocupação em descobrir o que realmente representa o perfil desse público. Sabendo-se também que o material que se é desenvolvido a respeito das questões emocionais está relacionado e pertence essencialmente a áreas distintas da biblioteconomia. E acreditando que a ciência da informação também pode pertencer a este ramo, contida em suas limitações, e que de certo modo pode-se propor a investigar sobre questões como estas citadas inicialmente, compondo uma nova perspectiva sobre a leitura, e rompendo com os estereótipos lançados aos profissionais e estudantes da área da biblioteconomia.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho é compreender o livro como signo a partir dos pressupostos teóricos da semiótica e as relações de afetividade que os estudantes de biblioteconomia constituem com esse objeto cultural. Como objetivos específicos tem-se a pretensão de: refletir a história e desenvolvimento do livro como um objeto cultural; discutir as concepções teóricas sobre a leitura; caracterizar o livro como um signo a partir das teorias da Semiótica; elaborar o perfil leitor dos alunos do curso de biblioteconomia em relação a leitura literária; e descrever as relações de afetividade constituídas pelos sujeitos no processo de mediação de leitura com o livro.

O foco dessa pesquisa foi realizar uma análise do perfil leitor de um determinado grupo de estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, investigando-os a respeito da sua interação com o livro físico; deste modo, nosso caminho metodológico arquitetou uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010, p. 29-30), se trata de uma pesquisa “elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.” A respeito da leitura, do livro e da semiótica.

Como procedimento metodológico trabalho se enquadra como um estudo de usuário, que segundo Cunha (1982, p. 40)

podem ser de dois tipos: a. Estudos centrados na biblioteca: a investigação de como as bibliotecas e os centros de informação são utilizados; b. Estudos centrados no

usuário: como um grupo particular de usuários obtém a informação necessária para conduzir o seu trabalho. (CUNHA, 1982, p. 40)

Nesse caso, arquitetou-se um estudo centrado no usuário, que se trata de um método que engloba entrevistas, questionários a respeito de uma temática ou/e determinados serviços oferecidos por uma unidade de informação, ou instituição. É um método multidisciplinar, que cabe também utilizar durante a investigação dessa pesquisa a respeito dos livros com quarenta alunos do curso de Biblioteconomia do segundo período ao oitavo período. E a fim de obter os resultados esperados; se fará uso de um questionário online e de uma entrevista.

O primeiro consiste em um modelo eletrônico de questionário (disponível no apêndice desse trabalho). O questionário é uma “[...] sequência de perguntas feitas para servir de guia a uma investigação, uma entrevista” (HOUAISS; VILLAR, 2009). A aplicação do questionário eletrônico proposto para coleta de dados e informações desta pesquisa é visto como um instrumento prático e didático para elaboração de perguntas. Assim, como apresentará melhor descrição visual dos resultados obtidos após o recebimento das respostas.

O segundo componente do método de coleta de dados, será uma entrevista que [...] “permitirá captar reações, sentimentos, hábitos do entrevistado e possibilita que o entrevistador esclareça alguma pergunta ou terminologia não compreendida pelo entrevistado [...]” (BAPTISTA; CUNHA, 2007, p. 11). O que facilitará a descrição dos resultados e o melhor entendimento a respeito das perguntas e respostas pela pesquisadora.

Os alunos que responderam ao primeiro questionário que será realizado online, serão selecionados para a segunda etapa de coleta de dados da pesquisa; que consiste na entrevista quando demonstrarem veemente interesse pelo livro físico, evidenciando sua preferência pelo objeto, bem como certa afetividade e representação do signo como resgatador de alguma memória e provocador de sentimentos. Que podem ser externados ao ter contato com este objeto cultural. Durante a entrevista semiestruturada, será utilizada também nesta pesquisa, a metodologia do modelo de Protocolo Verbal (PV), que consiste em procedimento de coleta de dados que permite o

pensar alto, são usados para fazer referência a verbalizações do pensamento, feitas por determinados indivíduos, durante o processamento de uma tarefa cognitiva. O objetivo principal de sua utilização é o de instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos BALDO (2011, p. 152, apud ESPINO, 2007).

A realização da entrevista presencial de Protocolo verbal, foi com 05 dos estudantes do 2º ao 8º período do curso de Biblioteconomia que participaram da pesquisa respondendo

ao questionário online e que nele demonstraram interesse extremo pelo livro físico como instrumento importante para construção de suas práticas de leitura e principalmente o vê como um objeto que lhe desperta sentimentos, reações e memórias de afetividade. Foi utilizado na entrevista de protocolo verbal; os livros preferidos dos entrevistados, indicados anteriormente no questionário online. Com a finalidade de captar as relações afetivas do leitor diante do livro. As informações particulares dos entrevistados que não são de interesse crucial para o andamento da pesquisa foram mantidas em sigilo.

Deste modo, nesse trabalho no primeiro capítulo discute-se a leitura e o livro como objeto cultural, trazendo uma breve explanação sobre como os hábitos de leitura e o livro foram se expandindo na sociedade durante os séculos, também reflete questões como o acesso a leitura e ao livro, e a transformação social que a leitura é capaz de causar nos indivíduos. O segundo capítulo trata da modificação do suporte da leitura, do papiro ao livro em formato de códice, o percurso que o livro fez até chegar ao suporte atual e o valor a que este objeto cultural vem ganhando ao longo do tempo. O terceiro capítulo explana a respeito da semiótica e do signo, discutindo o conceito de signo, e como surgiu a semiótica Pierciana, o que ela estuda e com o que se relaciona com base em teóricos que seguem os preceitos deste autor, bem como acerca da relação triádica do signo semiótico Pierciano. E fechando a discussão o quinto momento da pesquisa expõe os resultados da pesquisa e análise das entrevistas feitas com os leitores.

2 A LEITURA E O LIVRO COMO OBJETO CULTURAL

O livro é um objeto cultural de leitura porque assim a sociedade o fez. Por pertencer a uma das eras mais importantes do desenvolvimento da história letrada e disseminação da informação. “História cultural, é a predileção de significação, ou seja, o sentido que tanto criadores quanto receptores atribuem aos objetos culturais.” (NAVARRETE, 2011, p.32). A produção de livros elevou a produção literária, a literatura tornou-se um bem social atemporal, enraizada desde cedo como representação dinâmica da sociedade. Visto que a leitura se designa em variados aspectos, podendo alcançar um olhar diverso dependendo do lugar onde se é realizada, assim, se constrói também um objeto cultural. Marcia Abreu comenta a respeito disso especificamente em seu texto “*Diferentes formas de ler*”, sobre os tipos de leituras que as pessoas geralmente leem, e os suportes em que essas leituras são encontradas. Considera ler, mais do que ler apenas livros. Ler jornais, revistas, placas e anúncios pelas ruas

também é um modo de realizar constantemente a leitura, e são atos que não devem ser desprezados para se valorizar uma cultura elitista de leitura.

[...] Esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia. Homens e mulheres bem instalados socialmente parecem ter ficado satisfeitos em associar-se a certos sinais exteriores de sucesso: boas casas, belos vestidos, ambientes confortáveis, e *livros*. (ABREU, 2001).

A valorização do texto e da leitura ocupou um lugar essencial para a igreja, a administração pública e a classe burguesa. Toda boa casa de magistrados; da elite que compunha a alta camada social possuiriam bons e estimados livros. Ter esses itens em casa, num escritório ou sala de leitura a parte significava ter poder e conhecimento. A partir daí, já se pode observar a importância que tinha o livro e a leitura como agentes transformadores de mentes e da sociedade. E os pobres em pequena escala que também sabiam ler, apreciavam ter posse dos mesmos objetos culturais de leitura. Com isso, o livro passa a tomar lugar nas casas e logo mais, nas prateleiras das primeiras bibliotecas.

É necessário abraçar os vários modos de leitura e de textos em diversos suportes; sejam eles convencionais ou não, como válidos. Pensar o conhecimento advindo da leitura como instrumento de prestígio, mas também com uma fonte vasta de comunicação e lazer. O tipo de lazer que a leitura oferece está nas sensações de prazer, alegria e curiosidade; entre outros sentimentos que podem ser despertados ao ler. Tudo isso faz parte de um processo que vai se tornando uma extensão do texto escrito, do suporte para o corpo. Digamos que uma espécie de elo de leitura.

[...] Com efeito, existe na leitura de divertimento (e em toda leitura) uma posição do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé... Além das atitudes próprias às gerações ou aos dados técnicos (a vela, o abajur, por exemplo) ou climáticos, uma disposição pessoal de cada um para a leitura. Diria um rito. (CHARTIER, 2001, p.108-109)

Analisar como se dá o contato entre leitor e livro, não somente o objeto livro, mas a relação de afetividade que o leitor desenvolve por ele. A prática de leitura envolve não somente a cognição, mas perpassa as linhas do texto, até o corpo do leitor que participa espontaneamente desse processo. Sendo o livro considerado um dos meios de comunicação pelo qual as informações chegam diretamente aos indivíduos Lucia Santaella discorre o seguinte:

Entretanto, a grande expansão do sentido de “meios” só seria alcançada com a repercussão produzida pela obra de McLuhan. À luz de sua concepção dos “meios como extensões do homem” (1969), a palavra “meios” passou a se referir a todos os

meios de comunicação: a oralidade, os meios impressos (livros, quadrinhos, revistas, e jornais) e os meios de comunicação de massa (foto, cinema, rádio e televisão). McLuhan dividiu esses meios em quentes e frios. São quentes os meios de alta definição, isto é, aqueles meios que se fixam exclusivamente em um canal sensorio para a transmissão da mensagem, como, por exemplo, o telefone, que depende apenas do ouvido. Também a linguagem escrita, no livro, se fixa na exclusividade da visão. Meios frios são aqueles que exigem uma participação mais ativa do receptor. Por serem de baixa definição, implicam uma mistura sensorio-perceptiva que envolve ativamente o receptor na mensagem. (SANTAELLA; NORTH, 2004, p. 58)

O relacionamento que uma pessoa pode desenvolver a respeito de um determinado objeto e as significações que lhe são atribuídas, surgem a partir do contato com este objeto. Um meio de comunicação não se atém unicamente a transmissão de informações prontas; esse processo envolve uma mediação entre o objeto que transmite a informação e o receptor da mesma. Neste sentido, o livro pode ser classificado como um meio de comunicação quente, pois, necessita envolver a ótica do leitor e posteriormente suas percepções intrínsecas sobre o objeto ou texto lido. Vejamos a seguinte descrição de Bellei (2008) a respeito da forma em que a informação encontra-se disposta, e os valores que o sujeito leva em conta na hora de significar o contato físico com o livro.

Um livro ou qualquer outro objeto impresso, tenha ele saído de uma tipografia do século XVII ou do século XXI, é um objeto físico formado por diversos materiais e cores, para além de uma estrutura interna que é influenciada pela sua forma física. Para além do texto, o leitor e atribui seu significado a esses elementos que também fazem parte do livro e que vão influenciar a sua percepção. (BELLEI, 2008, p.34)

Alguns dos primeiros livros a serem produzidos custavam caro, principalmente pelo material de sua composição mais do que pelo conteúdo que continham. Antigamente eram produzidos com tinta de boa qualidade e decorações a ouro; capas elaboradas a veludo ou a couro. O livro passou a ter o formato *códice* (cadernos unidos), tornando mais fácil a realização da leitura e o manuseio. Diferente do pergaminho *Volumen* que anteriormente era utilizado para os registros. Esse novo formato do livro permitiu melhor estado de conservação e durabilidade do material. O formato do livro muda o modo de realizar a leitura, tanto fisicamente, como cognitivamente porque o ato de ler capta a todo tempo mensagens externas ao texto.

A afetividade que um determinado item é capaz de provocar e transmitir aos leitores vai muito além de um mero apreço ou uma simples atividade de lazer. É necessário não descartar as possibilidades de comunicação que existem entre o objeto e o ser humano. Seu modo de interpretação e leitura sobre determinados signos. Signos estes, que são de uma

espécie particularmente. Assim como Chartier, o autor acima cita as formas físicas que o livro pode ter, garantindo que esse aspecto também tem grande influência na escolha do leitor e principalmente no ato da leitura que irá realizar, no desenvolver da relação de estima pelo objeto, e que se torna vivida durante a leitura e após ela. Silveira (2007) diz que “um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido.” Para compreender o mundo das significações é preciso compreender antes o mundo que os cerca. A realização de uma construção de sentido se dá por meio dos contatos com os mundos particulares de cada um, assim se dá a singularização do signo e posteriormente do seu interpretante. De acordo com (Simões 2001 Apud Dias 2014, p.39)

[...] cremos que examinar algo numa perspectiva semiótica consiste em reeducar-se a percepção do mundo; redirecionar a capacidade de captação dos signos e significações resultantes da interação do homem com o seu mundo e com o mundo que o cerca. (SIMÕES, 2001 Apud DIAS, 2014, p.39)

A exemplo pode-se mencionar alguém que possui algum livro ou outro objeto; e que por ele desenvolve um relacionamento de afetividade, assim como fazem também alguns colecionadores. O valor histórico, cultural ou emocional agregado ao objeto, ultrapassa o seu significado genérico, e principalmente o seu valor monetário. Mas não deixa de continuar sendo subjetivo a sua compreensão, que não limita-se a apresentar a todos um único sentido. O sentimento que cada indivíduo desencadeia ao ter contato com o objeto cultural neste caso, o livro que ele prefere, traz o sentimento de lembrar que é provocado exatamente por aquele objeto-livro, que representa para esta pessoa uma memória de algo ou algum momento importante. Podendo ser um resgate de uma situação feliz, ou não. O livro neste caso adquire a função de signo. De acordo com Pereira (2012) signos são elementos de uma mensagem “[...] Se a mensagem for comparada a uma casa, os signos seriam os tijolos que usamos na construção.”

Apesar de tudo, um signo faz resgate de memórias particulares para alguém, o que não é a mesma memória para todas as pessoas, quando se trata de um contato de secundidade. “A secundidade é a categoria do reagir e interagir, é o plano da interação dialógica (SOUZA, 2006, p.159). As categorias Piercianas do signo são:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa. Secundidade é o modo de ser daquilo tal como é, com respeito a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o

modo daquilo que é tal como é, colocando em relação recíproca um segundo e um terceiro. (PIERCE [1958]V.8§ 328 Apud SILVEIRA, 2007, p.41)

Ao ter contato com um novo objeto, seja ele, livro ou não, a percepção que o sujeito tem conta com a influência da sua experiência como leitor; e sua vivência de mundo. São duas leituras que se interseccionam para dar sentido a algo e formar um signo para alguém. Já dizia McKenzie, “a forma afeta o sentido.” In (BELLEI, 2002). O entendimento sobre algo sempre carregará julgamentos distintos para grande parte da sociedade, justamente por ela ser composta por diferentes pessoas e culturas. De acordo com (FREIRE, 1998) “A leitura do mundo transporta a leitura da palavra”, tornando-se também uma atividade social. A leitura da palavra não significa o rompimento da leitura de mundo que é desenvolvida partindo das experiências sociais do indivíduo. O livro é genericamente associado ao conhecimento, e o ato de ler é comumente relacionado a decodificação das palavras e a sua interpretação. Sem preferenciar o seu significado a partir da experiência de mundo, e que por isso não resulta em conhecimento o que é lido sem se ter uma noção da vivência e dos sentidos.

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. (CHARTIER, 2001, p.108)

A leitura para Chartier consiste na produção da novidade, e não na reprodução esquemática de sentido pretendida pelo escritor do texto. Renovar os sentidos diz respeito, às vivências particulares de modo singular. A incorporação do sentido se dá de forma livre, e independe do que algo representa para outro sujeito no momento. Ainda sobre signos; vejamos a possibilidade do que pode ser considerado signo. Pereira (2012, p.43-44) diz o seguinte: “Em primeiro lugar, o signo é algo que se vê, ou se ouve, ou se toca, ou se cheira, ou se sente o sabor, em suma algo que é captado pelos sentidos, algo perceptível. Em segundo lugar, esse algo que se percebe transporta uma ideia, um conceito, um conteúdo.” Assim, o livro pode também tomar o lugar de signo, assim como o é. Suas características físicas o permitem ser. Pelos sentidos, pelo cheiro de livro novo ou velho. Pelos variados formatos que pode vir a ter, pelo barulho das páginas ao ser manuseado, o livro é um signo mesmo quando não é realizada a sua leitura de modo verbal.

A ligação do signo ao objeto se dá sob algum aspecto ou qualidade, quer dizer: o signo está ligado ao objeto não em virtude de todos os aspectos do objeto, porque se assim fosse, ele seria o próprio objeto. Pois bem, ele é signo justamente porque não pode ser o objeto. (SANTAELLA, 200, p.30)

O signo é formado por aspectos exteriores a ele, a ligação do signo ao objeto ocorre de modo original, peculiar, porém, imperfeito em determinados termos. Assim, o trabalho de se fazê-lo conhecer como signo não é somente da mente do sujeito. Para se reconhecer como tal, ele percorre um processo socialmente externo e, é concebido como tal por agregar valores que lhe são atribuídos através de concepções e de vivências externas.

O livro segundo Tragino (2013) é posto socialmente como um tipo de suporte da escrita, que é meramente manipulado pelo leitor para compreensão de um discurso que o livro traz consigo. De acordo com o dicionário, defini-se o conceito de “Livro coleção de folhas de papel, impressa ou não, reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente.” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Ao longo da história nota-se que o livro foi ganhando uma visibilidade, ainda que diferentemente do modo que hoje podemos compreender este objeto cultural. O livro passou a ser concebido como um item literário valioso para o consumo, e que no século XVIII teve seu apogeu como um dos suportes mais comercializados da época.

Graças ao invento do tipógrafo alemão, o texto impresso deixou de ser privilégio de poucos, ganhando com isso usos e repercussões bastante variadas. Por exemplo, o jornal diário, os panfletos de divulgação e, em especial a disseminação em massa de inúmeros gêneros literários. (EL FAR, 2006, p.11)

Como afirma (TRAGINO, 2013, p.7) o livro foi embutido num conceito implícito de leitura. Ambos os conceitos se confundiam na maior parte do tempo. Então o suporte incorporou o texto, e não anda separado dele. Tragino, ainda observa que o livro tem seu valor estimado por se tratar de um objeto de transporte da comunicação, e que comunica por si mesmo ao leitor, sendo ele considerado uma peça fundamental sem a qual a literatura não poderia ser feita, porque o livro e o texto juntos fazem uma ligação entre o mundo e o sujeito leitor. O leitor complementa a existência do livro, sendo esta a etapa final do seu ciclo de criação, que vai da escrita realizada pelo autor até a editoração, distribuição e da livraria para o leitor. Todo o processo compõe não somente a história de confecção do livro, mas passa a fazer parte das raízes de uma história que o leitor terá com o produto final.

O texto impresso, em toda a sua variedade, já não era mais algo raro, mas ainda requisitava a imaginação dos livreiros e editores, que a toda hora procuravam fazer do livro um produto constantemente desejado, seja por seu conteúdo, ou por sua aparência atraente e lúdica. (EL FAR, 2006, p.38)

As etapas da criação de um livro não constituem o sentido integral se não se relacionarem com o todo. O formato do livro é importante para o leitor, a cor das folhas, o tamanho, e os tipos de caracteres utilizados para uma melhor compreensão do texto. “O rolo deu lugar a folhas presas por costura e encadernadas, formando o códice, objeto que já representa o formato de livro. Aos poucos, esses livros artesanais foram se impondo, inclusive como bens preciosos da realeza” (MILANESI, 2013, p.25), a modernidade e as novas técnicas de fabricação deram margem para que o pergaminho fosse a ponte do papiro para a imprensa que era utilizada como novos meios de disseminação da informação mais a frente. “ Já se afirmou, aliás, que o códice significou uma mudança radical na história do livro, talvez mais importante que a de Gutenberg, pois o atingiu em sua forma.” (ARAÚJO,2008,p.41) A invenção da imprensa por Gutenberg permitiu a flexibilidade e rapidez na elaboração do livro, com isso, também diminuíram os custos de fabricação, a descoberta da nova invenção tipográfica propiciou grandes mudanças nos hábitos de leitura. “ Naquela época fosse no ambiente requintado da corte ou no humilde recanto dos camponeses e trabalhadores pobres, um livro, por ser ainda objeto raro, era lido e relido várias vezes.” (EL FAR, 2006, p.28). O livro passou a ser acessível não a toda população, mas a algumas minorias significativas ao mesmo tempo que ocorre a evolução do livro acontece também a evolução das práticas de leitura da sociedade. Para Chartier (2001) as mudanças culturais são fruto das transformações que acontecem na sociedade. O livro é resultado dos avanços sociais e econômicos de uma sociedade, o desenvolvimento da técnica da tipografia dos textos conta com o desenvolvimento educacional. A tipografia traz consigo a evolução de uma sociedade de letras. Uma sociedade com uma boa escolarização remete a um número maior de leitores, a invenção do livro mudou a maneira de se ler o mundo.

Mais do que um objeto, por tanto, um livro é uma entidade que institui valores comunitários e econômicos e identidades grupais e individuais. Vale dizer, o livro, em certa medida, define subjetividades e o que elas significam na sociedade humana. (BELLEI, 2002, p.13)

O livro é um objeto cultural porque muda o pensamento da sociedade e suas ações. O acesso à informação é permite que o sujeito tenha o deleite da mudança. A leitura constitui a identidade do sujeito. Chartier (2001), afirma que as formas que dão a ler, a ouvir ou ver os

textos, elas também dão a construção de sua significação. Antes se fazia na maioria das vezes a leitura em voz alta. Para que as pessoas que não soubessem ler ouvissem, e mais do que isso para que as pessoas que lessem em voz alta fossem vistas com certo prestígio diante da sociedade letrada e semianalfabeta.

A palavra impressa, o “escrito, representa o conhecimento possível apenas a uma camada da população: a elite, os dominantes. A classe popular, induzida a se considerar incapaz de interpretar aqueles significantes, acaba por considerá-los verdadeiros a partir do momento em que, para eles, são incompreensíveis. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p.32)

A palavra falada fez parte dos ritos culturais desde os primórdios, eram inseridas em diferentes contextos sociais. A memória e a história eram repassadas desse modo e foi durante muito tempo um forte veículo de comunicação antes do texto escrito.

A leitura silenciosa é o retrato da intimidade e de uma relação individual do leitor com o texto lido (livro). Diferente da leitura realizada em voz alta. “[...] A diferença entre leitura oral e leitura silenciosa também pode ser entendida como um índice das distâncias socioculturais em uma dada sociedade.” (CHARTIER, 2001, p.82).

A oralidade predominante na camada social mais baixa e sem acesso à escolarização não era a leitura silenciosa, a leitura que permite que o leitor realize intermediações entre o texto e sua cultura, e o misturar da cultura do autor com a sua cultura. Ir além do que o diz o papel, instigar, imaginar, fazer relações reais e prontamente sentidas, reagir fisicamente às palavras lidas no momento. Os efeitos causados pela leitura em silêncio não forçam o cognitivo e não é meramente decoreba. Não é uma atitude cognitiva por si só, acabada. É o aprender e o envolver de um relacionamento com vias de trocas mútuas, o texto dá ao leitor e o leitor dá ao texto, significação e vida aos sentidos. A respeito da prática de leitura Tragino (2013, p. 29), discorre o seguinte: “[...] Os atos físicos de se praticar a leitura assim como os de reagir a sua recepção são comportamentos que, juntos, efetivam caminhos de entendimento do texto, e esse entendimento requer tanto uma manipulação do objeto, quanto uma imaginação aplicada sobre ele.” A liberdade que a leitura permite que a mente do sujeito tenha o faz transpassar do imaginário para o real. Suas percepções físicas e intrínsecas, abstratas se unem num só. Chartier afirma que cada sujeito leitor faz uma resignificação do valor do objeto que lê. É esse um dos ângulos pelo qual é possível ver a representação dos objetos culturais. “Ler é portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiamos o desconhecido.” (CHARTIER, 2001, p. 113). Um olhar Freiriano sobre este trecho, faz refletir mais uma vez, que a leitura traz um viés diferente por cada pessoa em particular e que é uma releitura que se contrapõe a

um passado de outras leituras, de todo conhecer que antecede a leitura verbal que o sujeito realiza no momento. Como conta Chartier em seu livro do *Palco a página*, a história de um professor que de tanto ler havia perdido a visão. E decidiu por contratar uma pessoa para ler seus livros em voz alta, essa experiência de ouvir os textos o irritava, porque uma voz que não era dele dava vida a narrativa de forma diferente. Então, pediu para que a moça que havia contratado lesse em silêncio. Que para ele já era uma grande alegria que alguém estivesse viajando nas leituras do seu mundo. Em outra situação a moça contou ao professor que havia viajado para o lugar citado no livro, e que lá era muito diferente do que estava escrito. O professor coberto por irritação, não aceitava que ela descrevesse de outra forma uma realidade imaginada por ele. Cada leitor recebe o texto de uma forma, como afirma Navarrete (2011, p.41) são leitores diferentes, leituras diferentes, sentidos diferentes.

3 O SIGNO NA SEMINÓTICA PIERCEANA

Charles Sanders Peirce (1839-1914) é considerado um dos precursores dos estudos semióticos modernos. Após os estudos de vários autores entre os séculos XVII e XVIII, como Santo Agostinho, Roger Bacon e os filósofos John Lock e Johann H. Lambert. (DIAS; VIEIRA, 2014). De acordo com Santaella, Peirce foi filósofo, matemático, físico, químico e fez enormes contribuições para a psicologia. E ainda dedicou-se ao estudo da lógica, linguística e história. A semiótica ficou inicialmente conhecida como semiologia e na medicina, começou a ser utilizada como um meio de compreender os sintomas dos pacientes. A semiótica teve várias denominações etimológicas, a palavra grega *semeion*, que significa “signo”, e *sema*, que também corresponde a “signo” ou “sinal.” Hoje em dia ainda há confusão quanto às terminologias como “semiologia”, “semântica” “semasiologia” que são termos que se referem a estudos lingüísticos dos séculos XVII e VIII, a semântica apresentou os sentidos semióticos mais gerais. O maior rival terminológico da semiótica ainda tem sido a *semiologia*, que foi fundada na lingüística de Ferdinand Saussure. Logo após começaram-se a elaborar distinções a cerca do conceito de semiótica e semiologia. De acordo com Noth (2003, p.23) A semiótica corresponderia a uma ciência mais geral dos signos, incluindo os signos animais e da natureza, quanto á semiologia passou a se referir de modo único a teoria dos signos humanos, culturais e, especificamente, textuais.

A semiótica é a ciência que estuda os signos. A presença dos signos nos guia durante todo o tempo nos afazeres diários, sem os signos, não poderíamos nos comunicar tão bem uns com os outros. E muito menos realizar atividades complexas.

A semiótica permite que a representação do mundo seja feita por meio de signos.

Mas o que é um signo? Vamos tentar conceituar o signo por si mesmo, sem o recurso a conceitos derivados dele. O termo vem do latim *signum*, de onde vieram diversas outras palavras bastante comuns na língua portuguesa: *sinal*, *senha*, *sino*, *insígnia*, *designar*, *desenho*, *aceno*, etc. Todas essas palavras têm algo em comum, passam a ideia de *sinalizar*, *indicar*, *representar* alguma coisa. Representar talvez seja o termo que melhor se relaciona com o conceito de signo. (PEREIRA, 2012, p.41-42).

Os signos são uma forma de substituir as palavras pelas coisas, assim desse modo pode-se identificá-las sem ter a presença dos objetos fisicamente. Por exemplo; na maioria das vezes quando se fala a palavra: “faca” logo se sabe que este signo verbal representa um objeto afiado e cortante que é utilizado nos afazeres domésticos sem precisar ter uma faca em mãos para apresentá-la. Umberto Eco define signo com “algo que está no lugar de outra coisa”. “Ou uma presença que substitui uma ausência” (ECO, 1980 Apud PEREIRA, 2012, p.43). É

válido ressaltar que um signo não representa fielmente uma coisa ou objeto, um signo não é acabado. Ele é um elemento de representação importante no processo de semiose que se desenvolve na mente, ou seja; o Interpretante, porque um signo gera um segundo signo, que é equivalente ao primeiro, e que tem por objetivo representar este primeiro de forma mais rica.

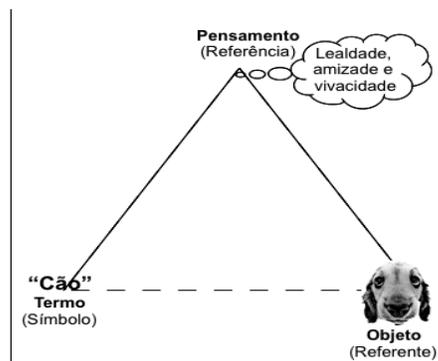
De fato como queria Pierce, o universo está permeado de signos. Há signos em todas as partes. Esse se constitui no objeto de estudo da semiótica [...] Para a semiótica o que interessa são todos os tipos possíveis de signos, verbais, não verbais e naturais, seus modos de significação, de denotação e de informação; e todo o seu comportamento e propriedades. Que poderes de referência eles têm, como se contextualizam, como se estruturam em sistemas e processos, como são emitidos, produzidos, que efeitos podem provocar nos receptores, como são usados, que consequências podem advir deles a curto, médio e longo prazo? Eis aí um quadro de questões que cabe a semiótica investigar. (NOTH; SANTAELLA, 2004, p.7)

A semiótica trata dos signos e seus objetos de representação de modo não unilateral; os signos produzem sentido socialmente, e, contém duas faces que fazem parte de um processo de mediação em que se pensa um objeto que remete a outro posterior. Signos não são somente objetos físicos, palpáveis, mas podem ser também coisas abstratas. Podem ser caracterizados como sons, imagens, palavras, cheiros, sentidos e etc. “De modo que o significado dos signos não está nos próprios signos, nem nos objetos, mas nos conceitos ou imagens firmados na mente das pessoas.” (BORDENAVE, 2013, p. 67). O signo faz parte de um processo de referência, sem passar por isso, ele não pode ser completo em sua essência e seu sentido. Já que a constituição do signo depende particularmente da gama de ligações externas que está enraizada no sujeito e suas vivências com relação á coisa ou objeto que lhe é apresentado é que dará a forma de como estará representado. “O que é uma coisa e o que é um signo?” essa pergunta foi feita por Agostinho, e respondida pelo mesmo, dessa forma: “uso a palavra “coisa” num sentido estrito para referir-me ao que nunca foi usado como signo de outra coisa, como madeira, pedra, gado ou outras tantas coisas desse gênero. As coisas são conhecidas por meio dos signos.” (NOTH, 2003, p.33). Para ser signo é necessário compreender que para Pierce há três coisas essências; sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei.

3.1 A relação triádica do signo semiótico

O signo tem algumas particularidades, pois um signo não é signo por si só. Ele só pode ser assim considerado se fizer parte de uma relação triádica. Vejamos o que compõe um signo: SIGNO - OBJETO - INTERPRETANTE.

A relação triádica de Peirce é representada por um triângulo:



Fonte: Schiessl (2012)

Não se pode considerar qualquer coisa existente como um signo, para ser signo é preciso possuir algumas qualidades essenciais, quais sejam:

[...] é que nem tudo aquilo que existe e é representável é, necessariamente, um signo, contrariamente ao suposto por muitas teorias pan-sígnicas. Nem tudo é signo, sob este aspecto. Um signo é uma relação triádica ordenada e completa. Quer dizer - e isto é de particular importância: ao contrário do que pode fazer o triângulo de OGden & Richards, o signo não é um dos elementos do triângulo, uma de suas pontas, um dos seus membros da relação. O signo é a reunião das três pontas, a relação toda e completa, a totalização dos três vértices do triângulo. (NETTO, 1980, p.89).

“Ora, um signo possui três referenciais: primeiro, é signo para algum pensamento que o interpreta; segundo, é signo para algum objeto que se equivale nesse pensamento; terceiro, é signo sob algum aspecto ou qualidade que o liga ao objeto.” (SANTAELLA, 2000, p.29) Mas e como dá sentido a um signo? A particularidade do que representa um determinado signo, está em para quem este signo será direcionado, esse sujeito é quem vai atribuir uma determinada significação.

Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercitar seu efeito total; é o resultado interpretativo o que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração. (NETTO, 1980, p.72)

Já o significado de um signo se dá de maneira diferente “Significado é o feito direto realmente produzido no intérprete pelo signo; é aquilo que é concretamente experimentado em cada ato de interpretação, dependendo portanto, do intérprete e da condição do ato e sendo diferente de outra interpretação” (NETTO,1980, p.72). Lembrando que interpretação e Interpretante possuem conceitos distintos, neste caso o Interpretante não é a pessoa em

relação ao signo; mas um signo primeiro carregado de qualidades. O que seria um Interpretante? O interpretante é o receptor do signo:

De fato, seria possível dizer com Peirce, que o interpretante seria aquilo que se forma na mente do intérprete e que valida o signo mesmo na ausência do Intérprete. Isto é, que o interpretante seria uma cadeia infinita de signos, ou ainda, que o interpretante seria um signo do signo. (NETTO, 1980, p.89)

O Interpretante é formado por signos que remetem ao primeiro signo visto por alguém. Ao observar ou ter contato com alguma coisa que é considerada um signo, o indivíduo de modo inerente irá fazer uso de outros signos para compreender o primeiro, o que dará início ao processo de semiose na mente do sujeito. Mas o que é semiose? (FERNANDES, 2002, p. 163) “[...] “Semiose”, que é a reprodução continuada de um sinal, que é um sinal de outro, e assim sucessivamente.” Santaella (2000), afirma que nenhum Interpretante de nenhum signo pode ser tido como absoluto ou definitivo. O Interpretante é resultado de uma ideia que se forma na mente de alguém que observou o objeto que está representado num signo. O Interpretante é ainda uma determinação do signo, é o que um signo é capaz de provocar na mente de alguém, e que não deve ser tomado como um intérprete do signo. Interpretar será o resultado da ação do Interpretante do signo que está numa esfera posterior. Já o objeto faz parte da segunda esfera de um signo, torna-se um meio pelo qual é possível dar vida ao signo e suas possíveis significações. “Significação para Peirce é o processo dinâmico em movimento chamado de semiose.” (SOUZA, 2006, p. 160), fazendo do signo um influenciador poderoso nesse processo. Daí a relação triádica que se forma a respeito do signo, do objeto e do Interpretante que caracteriza a mediação entre um signo e outros signos futuros. Epstein (1997) define assim um Interpretante: Algo que interpreta um signo. Pode ser tanto um “signo interpretativo” como uma “consciência interpretadora.” Diferente de Saussure, que faz uma relação direta entre objeto e coisa, não fazendo referência a outras, sendo esta uma diádica do signo com o seu significado. Para Saussure tudo ocorre na mente da pessoa. Já Peirce não anula o Interpretante, fazendo dele parte de uma relação triádica entre o representamen, o objeto, a ação do objeto e seu possível significado.

3.2 As categorias universais do signo

Peirce desenvolveu três categorias universais do signo e as chamou de *Firstness*, *Secondness* e *Thirdness*, traduzidas como: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade é tudo que está no presente de nossa mente, aquilo que nesse exato momento

você pensa a respeito desse estudo sobre semiótica. Podemos tomar como exemplo, sentir o sabor de uma fruta em seu primeiro momento. Segundo Noth (2003, p.63) [...] primeiridade é aquilo que é tal como é independente de qualquer outra coisa. Você sabe o que é um sabor e que provavelmente corresponderá há algum fruto. Mas não tem em sua mente a imagem, nem seu formato e pode sentir também o cheiro. Mas sem analisá-los, associar, nem comparar a alguma coisa existente que seja anterior a esse primeiro contato. Santaella (1990) explica que:

[...] a qualidade de sentir é o modo mais imediato, mas já imperceptivelmente medializado do nosso estar no mundo. Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.

A primeiridade é a consciência do estar e do ser das coisas de modo puro, sem interrupções. É todo sentimento que ainda não passou, porque se passa, já não é mais original e intacto, já corresponde a uma segunda coisa, e não é mais primeiridade porque se permite ser descrito. Primeiridade é a qualidade do sentir sem motivos anteriores. O primeiro sentir a respeito das coisas em sua originalidade; é qualificar o sentimento com imprecisão e estar ainda num nível distante do que causa esse sentir. A primeiridade “é a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência.” (CP,1.302-303, 1.328,1.531). (NOTH, 2003, p. 63). A primeiridade é um pressuposto para a secundidade, e antes dela não há outros signos. Essa primeira categoria é o que alegoriza o que vem a ser a secundidade do signo, é o ponto que não norteia, mas que lança possibilidades futuras de uma existência. Ela é ainda o gene que forma a secundidade, e para se tornar real se sujeita a secundidade dando vida material a sua existência, que se encontra na abstração do processo cognitivo. Porém, ligada a secundidade que é algo existente e concretizado porque houve a primeiridade, que não é ela mesma sem haver outro que venha após ela, para que ela funcione como a essência que motiva o existir do objeto.

Ainda sobre primeiridade, pode-se afirmar que esta, é a qualidade do signo; neste caso, o livro como objeto pronto. A descoberta do que é um livro, sem comparar esta descoberta a outra. Sem atribuir propriedades advindas da experiência, qualquer que seja; o que diz respeito á primeiridade é o prazer do mistério que há em descobrir. Na existência sem motivo, e sem atributos anteriores a oferecer ao seu estar no mundo.

Quando um sujeito por ventura ouve a palavra: livro. Em sua mente se configura a imagem de um objeto de forma quadrada ou retangular, contido de páginas, mas esta representação não seria igual a nenhuma outra, mesmo que muito parecidas em seus aspectos. A fisionomia

do que significa a palavra, esta no entender de cada pessoa individualmente quando questionada sobre o que seria um livro? Diferente da relação de secundidade, que permite que a pessoa imagine o objeto pronto, não fantasioso, sobre como seria representado fisicamente no espaço, como na relação de imprecisão que se tem na primeiridade. Porque a primeiridade é a apresentação de alguma coisa aos sentidos de alguém, e que logo em seguida a pessoa virá a ter o seu primeiro contato com esse objeto. É a natureza de algo que surge sem pretensão, que chega a ser tão rápido, a ponto de não permitir uma elaboração precisa sobre o seu ser, ou existir. A primeiridade ainda deve ser observada como uma categoria da *semiose* cercada por sensibilidade e que compreende as ações do impacto emocional; por esta razão ela afeta à princípio os sentidos do sujeito, pois, a primeiridade, ligeiramente falando seria compreendida como a popular primeira impressão que temos sobre as coisas.

A secundidade é uma qualidade que está encarnada na matéria. O livro como objeto feito, com características particulares a ele; ao seu formato, textura, a sua figuração simbólica com respeito ao que se configura como livro: um artefato de leitura. É o sentir que resulta num concreto, agora corporificado fora do abstrato, não deixando de advir e ser uma sensação mediada pelo pensamento, representada no estado de secundidade pelas reações que tem o sujeito em contato com as coisas existentes. Santaella (1990) “Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binaridade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.” Onde se fará jus ao que há de fantástico na primeira categoria dos signos de Pierce; tem-se no momento a palavra junto ao seu significado, e ainda mais, junto à sua representação real. O que corresponde toda descrição do objeto, agora, o signo possui um corpo vivo, é mais do que imaginável. Ele existe, esse objeto está ligado ao conceito e a constatação de ser o que é, que passam anteriormente pelo processo de *semiose*. Já terceira “[...] É a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro.” (NOTH, 2003, p.64). Faz uma síntese entre a primeiridade e a secundidade, ela define e qualifica as coisas, como que atribuindo adjetivos. É o modo como se percebe as coisas, traduzindo-as, fazendo uma interpolação entre o pensamento e o objeto observado. “O homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação, que Pierce denomina Interpretante da primeira.” (SANTAELLA, 1990). Um signo que representa outro. É o que Santaella chama de signo mais desenvolvido. Que diante da primeira idéia de signo que se dá no processo de *semiose*, é como se fosse uma escultura terminada de um signo primeiro que será considerado como protótipo de uma obra, agora, acabada. Mas que antes foi idealizada e existiu somente na mente de uma pessoa. Nesse processo, o signo se intensifica e

se desenvolve de modo a amadurecer em conceitos, e neste caso principalmente no aspecto físico, já que diz respeito a sua referência e ao que há por trás de sua formação e de sua essência. O *representamen* é o que traz algo de fora, um veículo que carrega para a mente da pessoa relações a respeito do objeto observado.

Resaltando que Segundo Coelho Netto (2005) em Pierce temos como “mente” ou “pensamento” o processo de *semiose* que corresponde á formação de significação. Um signo provoca na mente de alguém algo que é diretamente ligado a este objeto. Que só ele, e através dele é possível ter determinada certeza e sensação; o que reflete por exemplo sobre o livro-signo de alguém, assim, de forma única, o livro: A hora da Estrela” provocará em alguma pessoa determinadas inquietações. Assim, outra pessoa pode ter o mesmo livro, mas o contato e as sensações com este objeto será terminantemente diferenciado.

O signo é um fenômeno semiótico que está de certa maneira direcionado para alguém; pelo fato de criar na mente dessa pessoa outro signo equivalente ao primeiro, porém, também mais desenvolvido. Esse signo que deriva do primeiro é chamado de *Interpretante*, e como consequência tem como finalidade representar o objeto do signo, algo que anteriormente era nebuloso de ser percebido apenas pelo primeiro signo. Não esquecendo que representar não é ter propriamente ou se tornar o signo em questão, tomando assim suas características fiéis, como alerta Santaella, se assim fosse, um signo não seria signo e, portanto, o objeto propriamente dito. Desse modo, não necessitando ter uma representação através do signo. Deve-se notar que com respeito a este estudo sobre os livros como signos, é necessário atentar para o fato de que o livro só toma o lugar de signo porque ele é o objeto que provoca inquietações no indivíduo, estando este associado á primeiridade, secundidade e terceiridade. O livro dentro destas categorias torna-se o *representamen* das reações que o leitor pratica ao ter contato físico com ele, e ao realizar sua leitura. A similaridade tem papel claro dentro dessas categorias signicas.

Dimensões do signo:

SÍGNO	REPRESENTAMEN	OBJETO
O que se pensa que é	Como é representado.	Como realmente é.

A primeira dimensão é instável e carece da segunda para melhor compreensão do que seria o signo. A segunda dimensão é esclarecedora e tem características e propriedades que apontam para a confirmação do que é o objeto do signo. A terceira dimensão; podemos também não chamá-la assim, já que ela trata do objeto real. É a existência das duas dimensões

anteriores sem complexidade ou dúvidas. É o objeto original do signo, é o que faz sentido para a pessoa, se apresenta e representa para a mesma, este algo que lhe é particular. A terceira dimensão é o que dá fundamento as outras duas anteriores. As relações que produzem ideias e que se iniciam no primeiro estado do signo são expostas pelo *Interpretante* do signo. Na terceira dimensão o *Representamen* toma o lugar do objeto por possuir as qualidades próprias do signo.

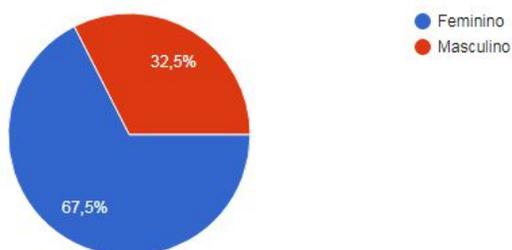
O signo pode ser observado sob certos aspectos, como um elemento que age cognitivamente ocasionando a mediação das ideias, que assim foi determinado por Pierce ao longo dos seus estudos linguísticos semióticos. O signo é, por tanto, “uma representação mediata que apresenta um conteúdo bem diferente daquela que tem em si mesmo.” (IBIDEM) In (NORTH, 2003, p.56) O que é signo, e o que é Símbolo? A teoria de Hegel (1830\$458) define símbolo como “uma percepção que pela sua natureza própria, é mais ou menos o conteúdo que manifesta.” Já o signo, pelo contrário, seu conteúdo perceptivo; e o conteúdo significativo não tem nenhuma relação. A formação de um signo diverge da construção de um símbolo, porque o signo é produzido inicialmente pelas ideias e não está ligado á sociedade de modo constante, sabendo-se que as primeiras instâncias de sua composição ocorrem na abstração do pensamento de uma pessoa. O símbolo, já nasce carregado de referências que lhe são atribuídas de modo rápido; sentidos diversos, que representam coisas e direcionamentos necessários para viver em sociedade.

4 O PERFIL DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPE E SEUS HÁBITOS DE LEITURA

O curso de graduação em Biblioteconomia da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, tem duração mínima de 8 semestres, e no máximo 12 semestres, situado no CAC - Centro de Artes e comunicação; lotado no Departamento de Ciência da Informação, turno da tarde. O Curso propõe formar profissionais aptos a trabalhar, e desenvolver competências e habilidades para disseminar e mediar a informação seu principal objeto de trabalho. Os períodos investigados fazem parte do novo perfil do curso, perfil 0406 de acordo com o novo Projeto Pedagógico do Curso firmado em 2011.

De acordo com os dados coletados pelo questionário, a maioria dos estudantes respondentes é:

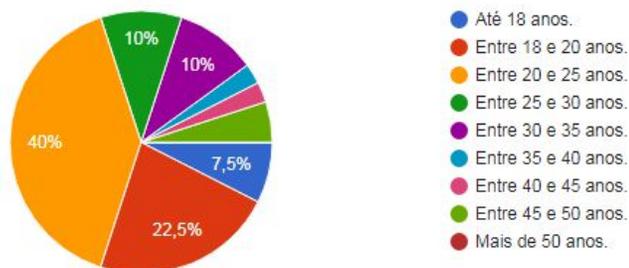
Gráfico 1 - Gênero dos leitores



Fonte: A autora.

Os alunos que responderam o questionário foram de períodos alternados do curso de Biblioteconomia, sendo respondentes do segundo período; quarto período do curso, do sexto período do curso e do oitavo. A seguir se vê a faixa etária dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, matriculados que responderam o questionário online:

Gráfico 2 – Faixa etária dos leitores

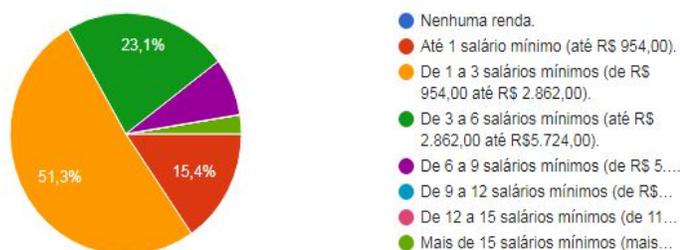


Fonte: A autora.

A renda mensal dos respondentes tem importância significativa para esta pesquisa; pois, no momento em que se pensa: como o leitor adquire os livros que lê? É necessário avaliar em quais condições financeiras o leitor encontra-se e assim pode-se ter uma ideia e estimar com que frequência seria possível comprar novos livros para realização de suas leituras. Até mesmo sabendo que muitos livros, hoje, estão disponibilizados para download em sites públicos, e também em outros que oferecem este serviço gratuitamente, mesmo os sites que vendem os livros em formatos de PDF, MOBI, TXT etc, para leitura em dispositivos eletrônicos de leitura.

A renda familiar mensal dos alunos será descrita pelo gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Renda familiar

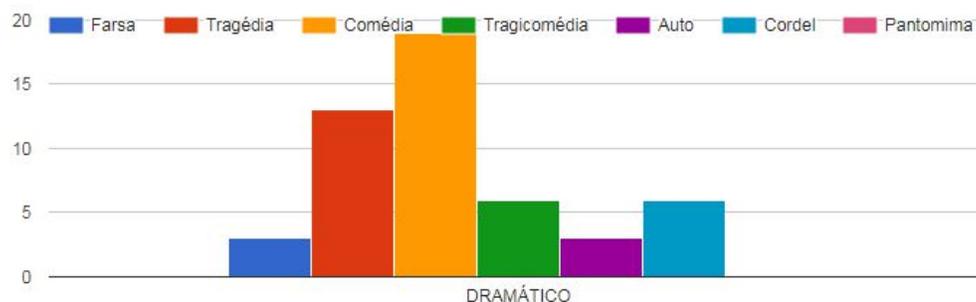


Fonte: A autora.

O próximo gráfico corresponde à questão do gênero dramático disposto em suas categorias: **Farsa, Tragédia, Comédia, Tragicomédia, Auto, Cordel, Pantomima**. Quando questionados sobre o gênero literário Dramático nota-se que 19% dos leitores preferem a categoria **Comédia**, 13% dos leitores optaram pela leitura da categoria

Tragédia; já 6% dos leitores preferem **Trágico comédia**, enquanto outros 6% lêem a categoria **Cordel**; ao menos 3% dos leitores preferem ler a categoria **Auto** e somente 3% dos leitores preferem a leitura da categoria **Farsa**. Nenhum leitor optou pela leitura da categoria dramática **Pantomina**.

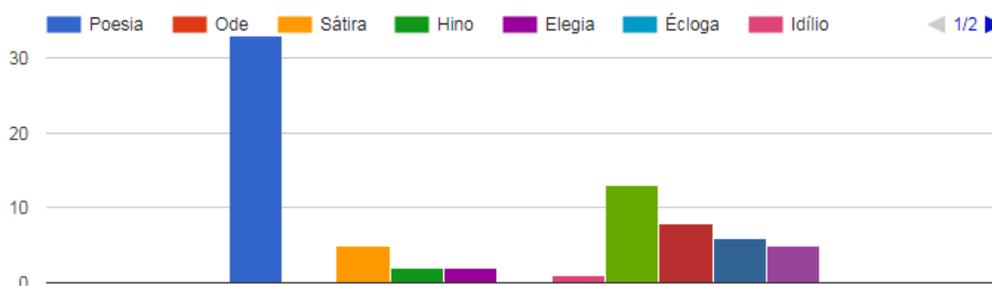
Gráfico 4 – Gênero Dramático.



Fonte: A autora.

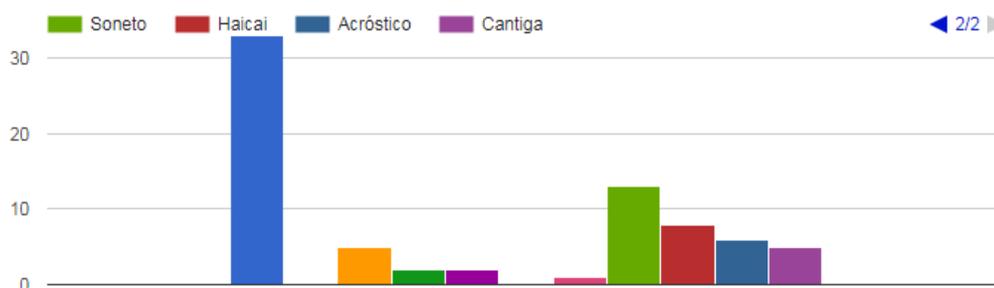
Já sobre o gênero literário Lírico percebe-se que 33% dos leitores preferem realizar a leitura da categoria lírica **Poesia**, em segundo com 13%, como preferência dos leitores fica a categoria **Soneto**. A **Sátira** 5% e o **Haicai** 8%, na preferência de leitura. As categorias **Acróstico** 6%, e **Cantiga** 5% nas opções de preferências. A categoria **Hino** e **Elegia**, correspondem cada uma a 2% de preferência de leitura no gráfico, e a categoria **Idílio** a apenas 1% de preferência.

Gráfico 5 – Gênero Lírico 1/2



Fonte: A autora.

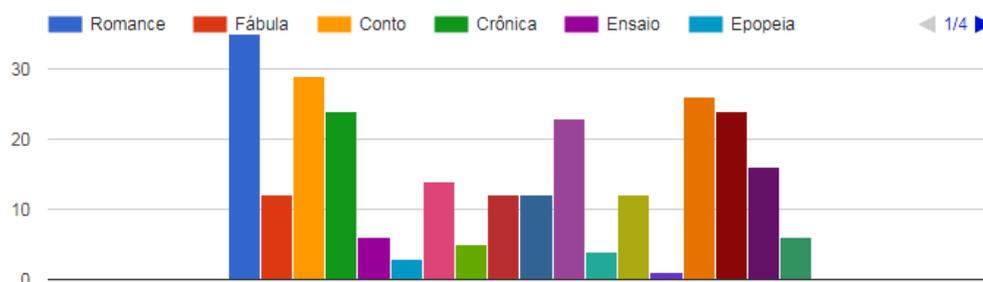
Gráfico 6 – Gênero Lírico2/2



Fonte: A autora.

Questionados sobre o gênero Literário Narrativo, 35% dos respondentes preferem ler a categoria **Romance**; já 29% optaram pela categoria narrativa **Conto**. Outros 26% dos leitores leem com mais frequência **Ficção científica**, os leitores que preferem as categorias: **Quadrinhos** são 23% dos respondentes, das **Crônicas** 24% e **Ficção fantástica** 24% de preferência de leitura. A categoria **Terror** tem 16% e a categoria **Biografia** corresponde a 14% das preferências de leitura. A categoria **Fábula** a 12%, as categorias: **Fanfic, Mito e Lenda** a 12% cada uma individualmente. Os que leem as categorias: **Auto-ajuda e Ensaio** também correspondem a 6% das escolhas cada uma. E a categoria **Parábola** a 5%, **Anedota** a 4%, **Epopéia** a 3% e **Apólogo** a 1% nas preferências dos leitores.

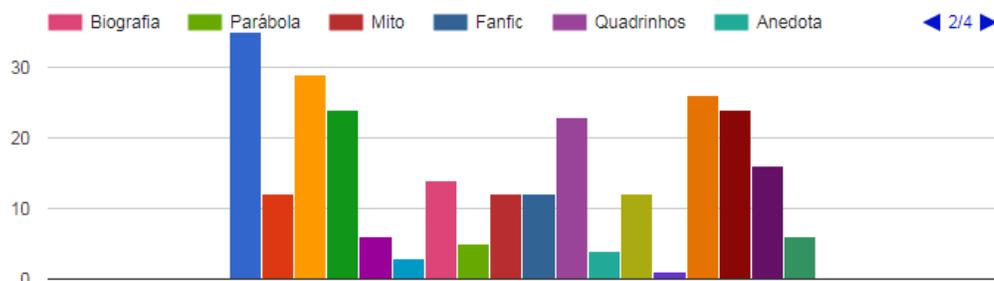
Gráfico 7 – Gênero Narrativo 1/4



Fonte: A autora.

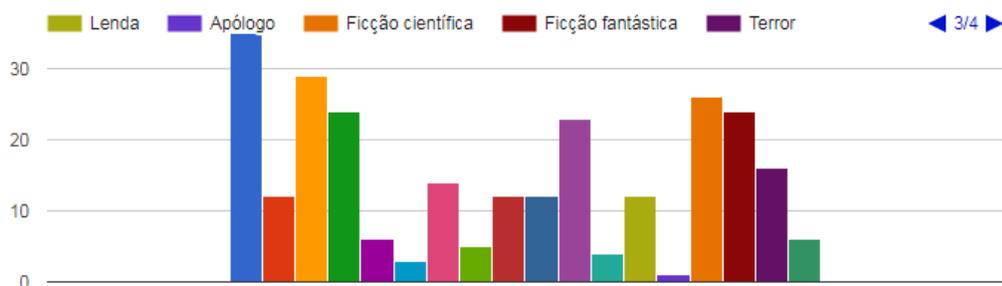
Outras categorias citadas pelos alunos foram: literatura de material acadêmico, suspense e roteiro de peças teatrais.

Gráfico 8 – Gênero Narrativo 2/4



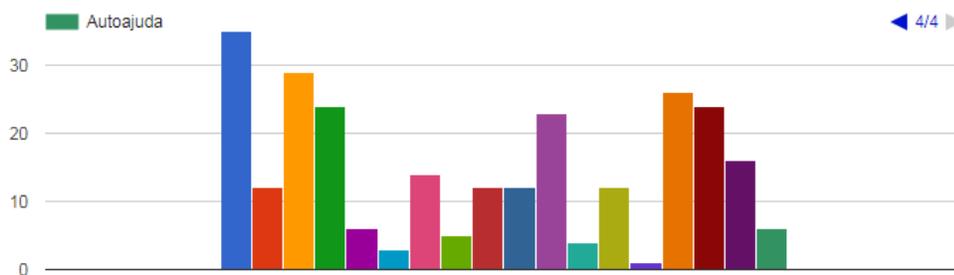
Fonte: A autora.

Gráfico 9 – Gênero Narrativo 3/4



Fonte: A autora.

Gráfico 10 – Gênero Narrativo 4/4

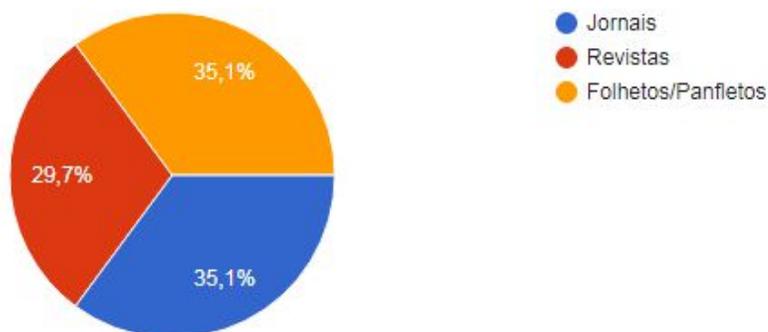


Fonte: A autora.

Perguntados se leem materiais como: Revistas, Jornais e Panfletos, 35,1% dos respondentes assinalaram que leem jornais impressos ou em formato digital. Outros 35,1% dos leitores afirmam que fazem a leitura de Panfletos, e 29,7% costumam ler revistas.

Considerando que estes materiais são geralmente encontrados pelos leitores em locais específicos, como redes sociais dos jornais, vendas em locais públicos como estações de metrô, bancas de jornal e revista; e paradas de ônibus. Outros locais onde os leitores podem encontrar com esses itens são salas de espera de consultórios médicos. Que deixam esse material à disposição dos pacientes e acompanhantes.

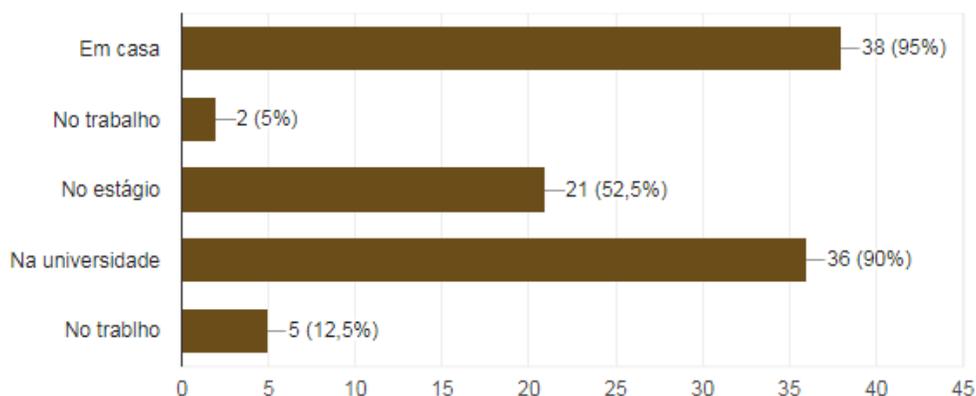
Gráfico 11 – Outros meios de leitura.



Fonte: A autora.

Aos alunos que não podem comprar os livros físicos e/ou em formatos digitais; nota-se que os leitores sempre dão um jeito de ter acesso aos materiais fazendo uso de outros meios que oferecem produtos e serviços de leitura. Muitos desses via internet e pensando nesse aspecto, questionou-se sobre os locais onde os leitores têm acesso à internet, vejamos:

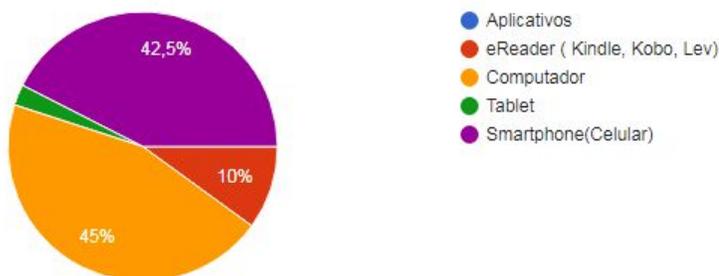
Gráfico 12 – Locais onde os leitores têm acesso à internet.



Fonte: A autora.

Os leitores digitais mais utilizados pelos alunos são:

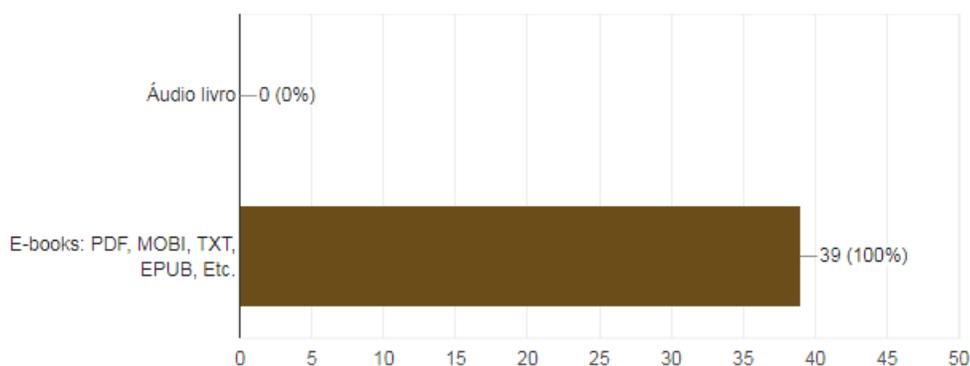
Gráfico 13 – Leitores digitais mais utilizados



Fonte: A autora.

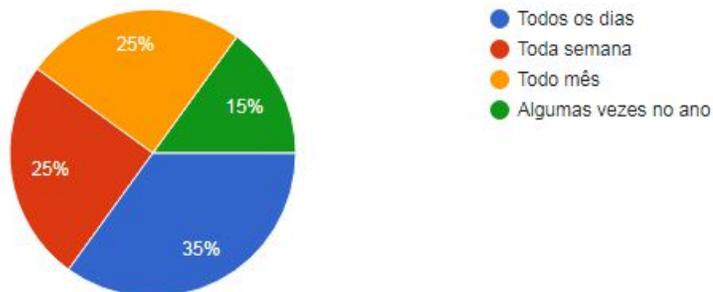
Tudo isso influencia na maneira em como as pessoas conseguem ter acesso a leitura, e ao livro. Com acesso a internet é possível realizar downloads de livros em pdf, áudio books, renovar livros no sistema da biblioteca, ler livros online e nos aplicativos e ainda há a possibilidade de fazer a compras de livros físicos pela internet em lojas virtuais. A respeito dos formatos digitais que mais são utilizados pelos leitores para ler:

Gráfico 14 – Formatos eletrônicos mais utilizados.



Fonte: A autora.

Sobre a questão “com que frequência você costuma ler livros físicos?”

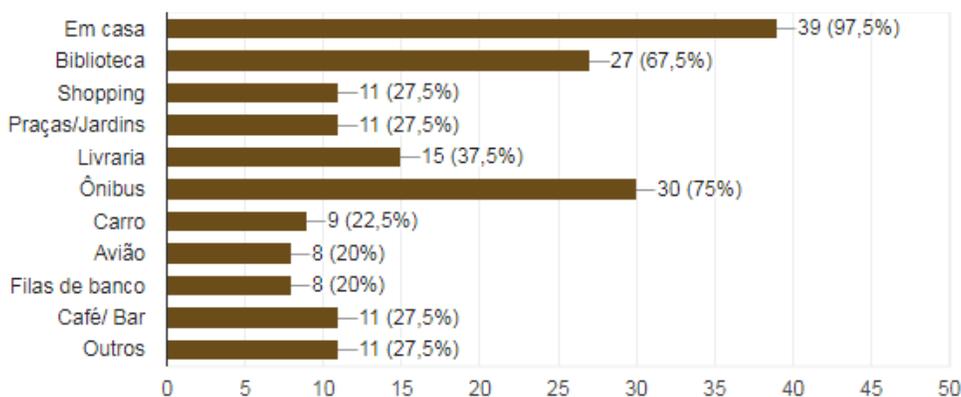
Gráfico 15 – Estimativa de leitura dos estudantes.

Fonte: A autora.

Sabe-se que a leitura é uma prática que pode ser realizada em diversos ambientes sendo os entrevistados universitários esta pesquisa leva em conta investigar por curiosidade os lugares em que os leitores costumam ler; e que acreditam ser mais confortáveis para realização desta prática. Segundo Márcia Abreu (2001):

O espaço público mostrou abrigar grandes quantidades de leitores, que se recostavam em árvores de praças, deitavam em gramados de parques, acomodavam-se em bancos de jardins, realizavam malabarismos equilibrando-se em ônibus, apoiavam-se em colunas de metrô.

As respostas foram às seguintes de acordo com as sugestões do gráfico:

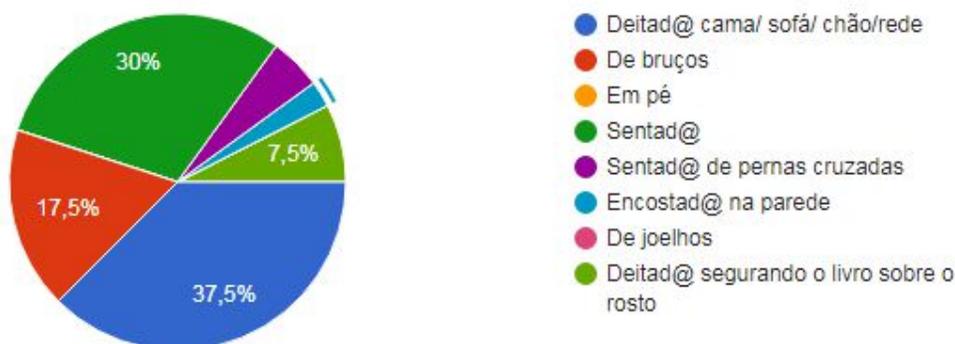
Gráfico 16 – Ambientes de leitura.

Fonte: A autora.

Alguns leitores ainda colocam que costumam ler nas filas do restaurante universitário, lojas, na praia e nos locais de trabalho e estágio. Após questionar sobre os possíveis lugares

onde os estudantes de Biblioteconomia costumam ler, foi-se questionado também sobre as posições de leitura em que os entrevistados costumam ler; foram sugeridas algumas pelo questionário, vejamos:

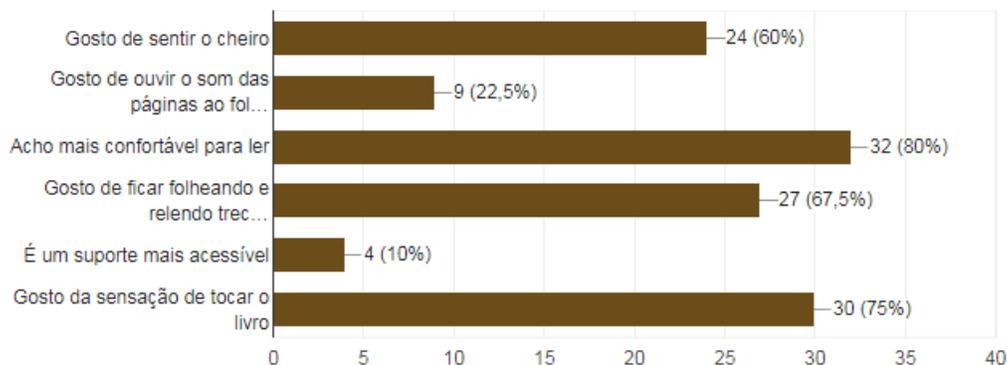
Gráfico 17 – Posições preferidas para leitura.



Fonte: A autora.

A categoria do signo que compõe a *primeiridade* é segundo Pignatari (1979, p.22) Uma experiência monódica: “uma qualidade de sentimento, por exemplo, certa cor vermelha pode ser imaginada como constituindo o todo da experiência de alguém, sem qualquer outro sentido de começo, fim ou continuação, sem qualquer autoconsciência distinta do sentimento da cor, sem comparação com outros sentimentos e ainda continuar a própria cor que vemos” o que se encontra nesta questão sobre o que motiva o leitor a preferir o livro físico.

Gráfico 18 – Atitudes dos leitores com o livro.



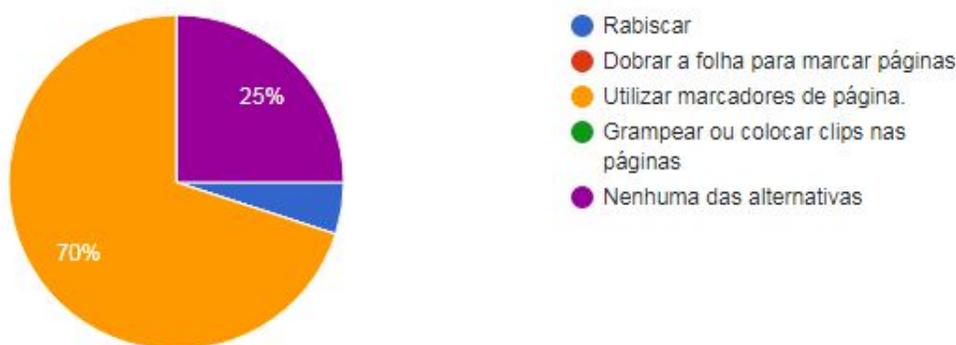
Fonte: A autora.

Nota-se que dos leitores afirmam que um dos motivos que os levam a preferir os livros físicos é pode sentir o cheiro da obra. Esta atitude é muito comum entre os leitores mais

assíduos. O suporte do livro físico com formato encadernado em brochura mais confortável para ler podendo levar esse critério em consideração para escolha do livro preferido. A importância do contato com o objeto físico pode ser percebida visto que os leitores afirmam que gostam da sensação de poder tocar o livro. Ainda dentro desta categoria semiótica do signo estão os sentidos; ouvir o som das páginas do livro inclui-se no nível de *primeiridade*

O leitor cuidadoso não costuma utilizar de artefatos e nem tomar atitudes que agridam a estrutura física do livro. Como rabiscar com canetas, lápis, ou marcadores; usar cliques de plástico ou ferro para marcar páginas; ou ainda dobrar folhas para marcar posição onde parou a leitura.

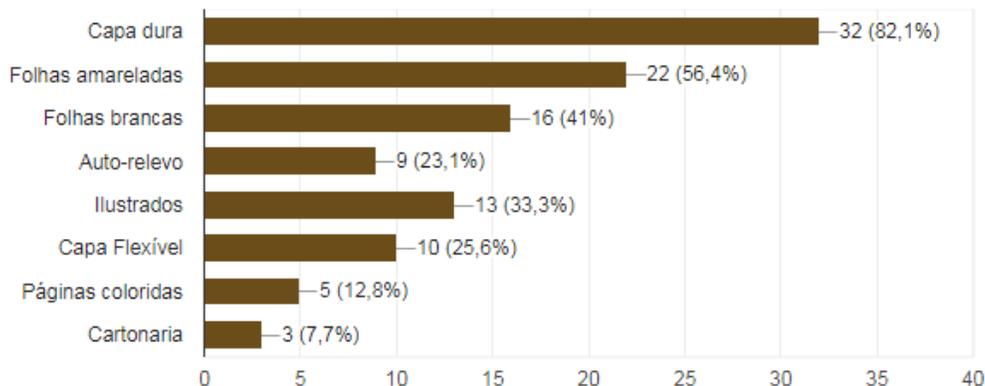
Gráfico 19 – Sugestão de itens para marcar páginas.



Fonte: A autora.

A característica física do livro é um ponto a ser observado neste estudo sobre os signos, a partir do momento em que se pensa o signo, se pensa também ao longo do processo de *semiose* sobre o seu formato o que caracteriza a categoria dos signos correspondente a *secundidade*. Os estudantes de biblioteconomia possuem preferências distintas como leitores de literaturas diversas ao responder sobre as características que mais prezam os formatos dos livros.

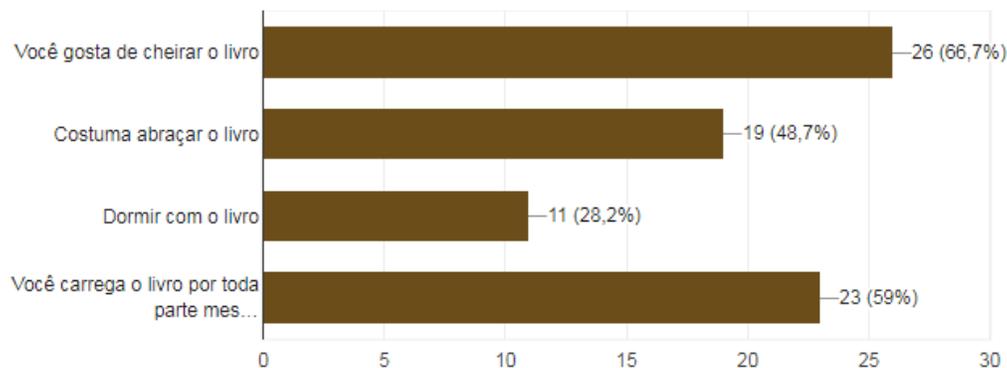
Gráfico 20 – Características físicas do livro.



Fonte: A autora

As outras características ainda citadas por alguns respondentes foram: livros esquecidos pelo tempo num sebo, com indícios de mofo, e livros que contenham letras grandes. A experiência diádica de acordo com Pignatari (1979) ”O sentido do que passou será um ego rudimentar, o sentido do que ainda vem será um não-ego rudimentar. Pois a experiência passada, para cada um de nós, é nossa, e aquilo que o futuro traz não é nossa e só se torna presente no instante da assimilação (...). A mudança instantânea envolveria uma espécie de choque consistindo na consciência bilateral. Esta experiência de reação é a segunda categoria cenopitagórica” (7.531). Quando se desenvolve afetividade, tanto em relação a pessoas, como para com objetos que se tem grande estima; costuma-se expressar esses sentimentos através de atitudes e reações físicas. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 21 – Hábitos desenvolvidos com o livro.



Fonte: A autora.

Ao questionamento: “**O que um livro precisa ter para se tornar especial para você?**” Muitos leitores responderam que o livro precisa trazer um enredo que se misture com ou esteja próximo a sua realidade ao seu estar no mundo. Como o autor descreve os lugares e as culturas nos ambientes em que se passam as histórias. Assim, os desvinculando da realidade em que vivem, transportando-os para os ambientes narrados, fazendo-os se sentir participantes das histórias que estão lendo. Que tenham personagens com um perfil com qual o leitor se identifique por possuir características que lhe são familiares e o façam refletir sobre atitudes, situações, posicionamentos e acontecimentos. Que seja carregado de significado quanto aos sentimentos, e principalmente que o livro seja capaz de despertar alguma lembrança sobre acontecimentos que marcaram suas vidas de algum modo. Outros gostam de livros que são, por exemplo: De edições especiais, e levam em grande consideração a estética física do livro. A cerca desse questionamento foram destacados alguns dos seguintes depoimentos coletados no questionário¹:

Quadro 1 – Gostos pelos livros

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Não tem uma característica específica, eu gosto mesmo de ler. Não me importa muito se ele é novo ou velho, se tá bem cuidado ou se iam jogar fora. Inclusive, eu esqueço tanto que há diferenças entre os livros que vez ou outra eu me pego cheirando livros que não tem lá um cheiro muito bom.
Adam	Uma história que eu me identifique, que me faça fugir da realidade ou que apele pra minha imaginação e gostos pessoais em outras coisas. Principalmente se eu sentir que o livro daria um ótimo filme/série.
Hawk	Uma história envolvente. Que me faça querer ler a cada tempo que eu tiver disponível. As folhas precisam ser amarelas, pois, não preciso fazer esforço pra ler (páginas brancas refletem muita luz e eu sou fotossensível).
Nadhine	“Uma história que me marque e que me deixe alguma lição pra vida.”
Célia	Que fale das questões relacionadas à como

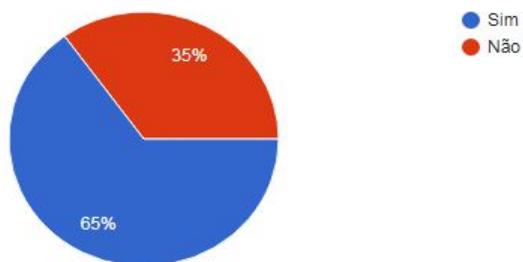
¹ Os nomes dos sujeitos que responderam os questionários foram omitidos por questões éticas. Em seu lugar foram inseridos nomes dos personagens de suas obras preferidas.

	os indivíduos relacionam-se com o mundo, seus sentimentos, medos, expectativas, histórias. Livros que trabalhem o ser nas suas interlocuções com os demais, os objetos e consigo próprio. É uma maneira de conhecer os seres por outras perspectivas e conseqüentemente à mim mesma.
Virginia	“Me fazer esquecer da realidade.”
Herminone	Ter sido um presente de alguém que eu ame, ou ter alguma historia envolvendo a maneira que ele chegou a mim.
Ma La La	Antes de qualquer coisa, olho a ilustração da capa. Se ela for agradável, representar de fato o título do livro; pra mim o livro torna-se especial. No caso do livro “A Cabana”, a ilustração me ajuda a idealizar aquele ambiente, e de certo modo posso também criar outras imagens mentais diferentes do lugar, questionar!
Caetano	Ele tem que me fazer viajar, fazer com que eu tenha vontade de está dentro da história, ou desejar ser algum personagem e que me prenda a ele de uma maneira em que eu fique muito ansiosa pelo término da história e ao mesmo tempo triste quando percebo que ela está chegando ao fim. Há também algumas leituras que ao término me deixam algumas reflexões, esses também costumam ser especiais pra mim.
Dhayun	Uma história cativante, uma capa (fonte do título, cores, imagem) bonita, e, principalmente, que tenha algum significado pra mim além do que está escrito.

Fonte: A autora

Sobre a questão: “O seu livro preferido traz consigo lembranças de algum momento especial para você?”.

Gráfico 22 – Leitores que afirmam ter lembranças a partir do objeto livro.



Fonte: A autora.

A seguir algumas respostas com os relatos dos estudantes que afirmam ter lembranças que são despertadas por seus livros preferidos. A lembrança é o um sentido recorrente do pensamento que faz parte da categoria do signo de Peirce pertencente à *Primeiridade*: Chamado por Pignatari (1979) de Primeiros que são sentimentos e sensações. A indeterminação no mundo físico, qualidades, crenças, artes.

Quadro 2 – Primeiros que são sentimentos e sensações

LEITOR	RESPOSTA
Adam	Quando li o livro, eu tinha 13/14 anos e me identifiquei logo de cara com a personalidade de um dos personagens. Inclusive brincava dizendo que o livro tinha sido escrito sobre mim.
Lizzie Bennett	Orgulho e Preconceito foi um dos primeiros livros físicos que eu li depois que entendi que gostava MESMO de ler. Tipo, no começo eu lia os livros indicados pela escola, ou os livros que tinha em casa (que nem sempre era de literatura). Também não tinha biblioteca nas escolas que eu estudei, nem perto de casa. Quando comecei a ler por prazer lia em pdf, porém sempre quis ler Orgulho e Preconceito, mas não queria ler em pdf. Acho que ele foi o primeiro livro que comprei real oficial com meu dinheiro. PS.: o primeiro que eu comprei foi roubado. Bem trágico.
Hawk	Com certeza a minha infância no sertão do estado na casa dos meus avós.
Florence Green	Eu o ganhei num momento em que estava em duvida sobre o curso, ele me lembra de nunca desistir dos meus sonhos.
Cristal	Minha melhor amiga me deu em um dos

	nossos encontros antes dela se mudar para Fortaleza.
Célia	Oliver Twist me trás lembranças da minha infância, este foi de todos os livros infantis que possui o que achava mais bonito e mais me intrigou com sua história. Lembro da minha mãe me fazendo contar a ela a história do livro e tirando minhas dúvidas.
Charllote	Foi uma das primeiras vezes em que saí sozinha. Foi para ir ao centro da cidade para a sessão de autógrafos com o autor do livro.
Afrodite	Foi o primeiro livro físico que ganhei da minha mãe na primeira vez que fui na Bienal.
Hermione	Era um livro que eu já havia lido, e disse aos meus pais que era fantástico, e que eu queria muito que os personagens fossem reais para abraça-los. Na noite de natal eu ganhei o box da trilogia inteira: Se eu não podia abraçar os personagens, eu poderia abraçar os livros (eu preferi abraçar meus pais).
Malala	Ganhei de presente de minha sogra logo no início do meu namoro com quem meu marido! Foi a primeira vez que fui pra Bienal do livro e fiquei encantada com aquele ambiente e no mesmo dia ganhei esse livro dela.
June	Meu livro favorito fala da perda de alguém muito querido pela protagonista. Era uma pessoa da família dela, e além de tudo isso, ele fala de como a gente precisa ter empatia e amor pra ajudar as pessoas que estão ao seu redor; que sentem a falta dessa pessoa tanto quanto você. E, isso fala muito da história que eu tive com meu pai; de como eu aprendi a lidar com as faltas e perdas da vida.
Vestida de Sol	Uma pessoa que eu não tinha muito contato me emprestou ele, ai desde esse dia viramos amigos.

Fonte: A autora

Foi perguntado também aos estudantes de Biblioteconomia: **“Como você costuma guardar o seu livro preferido?”** Grande maioria responde que guarda o livro nas estantes que tem em casa, no quarto ou sala. Muitos costumam guardar seus livros em armários, bem como em guarda roupas, prateleiras e gavetas. Outros estudantes demonstraram ter um cuidado bem mais especial a seu modo com os livros preferidos, relatam que: Embalam os

livros com papel plástico, que guardam em caixas de plástico e/ou de madeira ou de outros materiais que possam conservá-los longe da poeira e da umidade.

Alguns leitores costumam se empolgar com as leituras que realizam, durante determinadas leituras é possível perceber que o nível de envolvimento do leitor chega a ser intrigante aos olhos alheios. “E, a respeito disso temos a seguinte questão:” **Você expressa sentimentos e reações ao ler? Quais? Exemplo: você ri, se surpreende, grita, chora, sente raiva. Poderia dissertar sobre?”**

A maioria dos estudantes de Biblioteconomia, dizem se emocionar ao ler certos livros, e dependendo da situação se permitem chorar enquanto estão lendo. Um dos leitores respondeu que nunca parou para pensar nisso, mas que de modo involuntário já deve ter expressado qualquer tipo de reação a respeito da leitura que fazia. Alguns responderam que já assustaram os familiares por aparecer chorando sem ter um motivo aparente, e tiveram que se refazer e explicar que tinham chegado a tal situação porque se encontravam lendo determinado livro.

Além de sentir emoções de estilo romântico ou triste, alguns enredos podem provocar também sentimentos de raiva e injustiça. Os leitores chegam a desenvolver afeto pelos personagens e dependendo dos gêneros podem despertar o lado bem humorado dos leitores que se deleitam em risos.

É interessante verificar as reações físicas que a leitura pode provocar no sujeito leitor como: arrepio, choro, gritos, expressões faciais, e etc. Que se encaixam bem na categoria dos signos que pertence a *secundidade*. Pignatari (1979, p.24) Diz que: a secundidade “realiza-se ou é percebida nos estados de “choque”, surpresa, ação e percepção. Metafisicamente, caracteriza-se pela alteridade, pelo não-ego. O aqui-e-agora de uma qualidade constitui uma secundidade: “não é um conceito, nem uma qualidade peculiar: é uma experiência.”Vejam a seguir alguns depoimentos coletados no questionário online que se encaixam nesse pensamento.

Quadro 3 - Reações físicas que a leitura provocou nos leitores

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Ah sim, eu choro, grito, fecho o livro em um momento de vergonha alheia, depois abro de novo e continuo a ler. Às vezes tô lendo e acontece alguma coisa ai paro e fico imaginando. Quando fico com raiva dos personagens xingo muito. Quando tem expressões como: "deu de ombros",

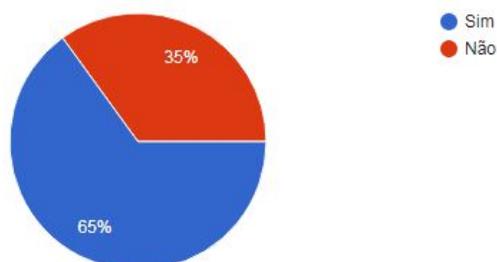
	"revirou os olhos", "arregalou os olhos", coisas desse tipo, eu sempre reproduzo. Eu cheguei até a levar um susto uma vez, sendo que: Como uma pessoa leva um susto lendo??
Greyce	Costumo rir, fico surpresa quando acontece algo inesperado ou tem alguma revelação e também choro ou fico emocionada.
Florence Green	Me arrepio, choro e sinto raiva de alguns personagens.
Célia	Sorrisos, lágrimas, reclamações, xingamentos, palavrões, suspiros de alívio, me envolvo com a história completamente e costumo exprimir isso de variadas formas, até mesmo comprimindo o corpo numa passagem de maior tensão da história
Hermione	Sim, expresso. Eu faço caretas, rio, choro, fico com a cara fechada, faço barulhos de surpresa, arregalo os olhos. Muitas vezes isso resulta em uma pessoa envergonhada: eu mesma, que costumo ler em lugares públicos. Quando leio em casa, muitas vezes assusto meus parentes ao aparecer chorando, o que muitos desprezam com um gesto afirmando "Ela estava lendo"
João	É muito fácil eu me surpreender e dizer um palavrão. Ainda mais fácil é chorar, só que a maioria das vezes são umas poucas lágrimas, uma vez ou outra eu fiquei mais acabado. Também acontece muito de eu me arrepiar, tanto na hora da leitura quanto em outros momentos onde eu me lembro de alguma parte de algum livro.

Fonte: A autora

Ao questionamento “**Por qual razão você indicaria a leitura do seu livro preferido?**” Os leitores responderam que os motivos se dão pelo fato de as histórias serem interessantes e muitas vezes porque trazem nelas, mensagens de motivação, como ensinamentos de que não se deve nunca desistir; seguir os sonhos, acreditar em si mesmo; mensagens que trazem visões sobre como perceber os valores das pessoas, prezando o melhoramento dos relacionamentos sociais. Aprendizado sobre áreas específicas, ou até mesmo como uma forma de relaxamento e reflexão, entre outras razões que motivariam outras pessoas a desejar ler o mesmo livro.

Após essa pergunta vem o questionamento que pode se tornar um drama para muitos leitores: **”Emprestaria o seu livro preferido?”**

Gráfico 23 - A respeito de emprestar o livro preferido.



Fonte: A autora.

Os leitores que se dispuseram a emprestar o livro preferido pra alguém, afirmam que fariam tal coisa porque desejam que outras pessoas possam ler a história e compartilhar à experiência seria gratificante; ou ainda para que outros pudessem ter a oportunidade de sentir as mesmas emoções ao ler; também por acreditar que o assunto que o livro traz é de suma importância e precisa ser visto por todas as pessoas possíveis; outros respondentes fariam isso sob condições de que as pessoas a quem emprestariam o livro seriam cuidadosas ao manipular o objeto.

Os leitores que não emprestariam os livros preferidos seriam por temer que as pessoas pudessem causar danos físicos aos seus livros, e ainda afirmaram que por motivos de sentir ciúmes também não emprestariam o seu livro preferido.

Como leitores temos que admitir que alguns livros sempre chamam mais a nossa atenção, então, a memória afetiva que o leitor tem pelo livro pode ser observada a partir da descrição que o dono faz do objeto que lhe pertence. Foi-se questionado sobre quais seriam os livros preferidos dos leitores e estudantes de Biblioteconomia. E as características físicas que eles possuem. Vejamos algumas respostas:

Quadro 4 - Livros preferidos e suas características

OBRA	CARACTERÍSTICAS
COBEN, Harlan. Confie em mim : até onde você iria por amor à sua família?. São Paulo:	“Confie Em Mim (Harlan Coben). Capa flexível, folhas amareladas, está danificado por conta de uma chuva que eu levei em 2012 quando estava

Arqueiro, 2011. 320 p.	indo com ele pra escola.”
AUSTEN, Jane. Orgulho e preconceito . São Paulo: Principis, 2018, 256 p.	Meu livro preferido é “Orgulho e Preconceito” da Jane Austen. Eu já (ou seria ainda?) tenho duas edições deste livro, uma em capa dura que é a coisa mais linda que você vai ver na sua frente e a outra é brochura, mas também é muito lindo.”
FITZGERALD, Penelope. A livraria . 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018, 160 p.	“A livraria. Um livro de capa flexível, pequeno, mas não de bolso.”
ROWLING, JK. Morte Súbita . 1.ed. São Paulo: Harper Collins BR, 512 p.	“Morte súbita. A capa dele é vermelha e amarela; bem chamativo. Tamanho normal, mais ou menos grosso, folhas amarelas.”
DICKENS, Charles. Oliver Twist . São Paulo: Richard Bentley, 1992.	“São dois, Oliver Twist e A Cabana. Oliver Twist (versão infantil) - Capa dura, folhas brancas, auto-relevo na capa, Ilustrado. A Cabana - Capa flexível, folhas brancas.”
MÁRQUEZ, Gabriel García, Cem anos de Solidão . Rio de Janeiro: Record, 1928.	“Cem Dias de Solidão de Amyr Klink. É uma edição antiga autografada pelo autor.”
MASS, Sarah J. Corte de Espinhos e Rosas . 1.ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.	“Corte de Espinhos e Rosas. As folhas são amareladas, a capa preta e enfeitada com espirais em alto relevo, o livro possui orelha.”
YOUNG, William P. A cabana . 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, 340p.	“A Cabana, foi um presente da minha sogra que é uma pessoa por quem tenho um apreço imenso! É um livro sem ilustração, de capa flexível e folhas amareladas. Sou apaixonada pela capa do livro.”
ZUSAK, Markus. A menina que roubava livros . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007, 480p.	“A menina que roubava livros. Ele tem as páginas amareladas, umas poucas ilustrações e possui a capa flexível.”
BRUNT, Carol Rifka. Diga aos lobos que eu estou em casa . São Paulo: Novo Conceito Editora, 2014.	“Meu livro favorito é “Diga aos lobos que estou em casa”, é um livro de capa verde, com um bule, um urso e o busto de uma menina na frente. O título está escrito numa caixa de texto tipo uma fita branca.”
HIGSMITH, Patricia. Carol . São Paulo: L&M Pocket, 2015.	“Carol, capa mole, folhas brancas.”
ITURBE, Antonio G. A bibliotecária de Auschwitz . 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2014.	“A bibliotecária de Auschwitz, brochura, folhas amarelas, sem ilustrações.”
MAAS, Sarah J. Corte de névoa e fúria . 1.ed. Rio de Janeiro: Galera, 2016.	“No momento um livro que mistura ficção e fantasia chamado: "Corte de Névoa e Fúria", segundo livro da série de Sarah J. Mas. Ele me parece aveludado, sinto o nome do livro em auto-relevo, tem folhas amareladas fora que amei os personagens...”
RAMOS, Graciliano. S. Bernardo . 89.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 270 p	“São Bernardo, de Graciliano Ramos. O livro tem a capa flexível, é um pouco maior que o de bolso.”

DOSTOIEVSKI, Fiodor. O idiota . 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1952	“O idiota. Ele é grande e tem muitas páginas e gravuras dos personagens principais.”
MELVILLE, Herman, Moby Dick . London: Longman, 1959 96p.	“Moby Dick. Livro com capa dura, com um pouco de auto-relevo. É a edição da cosac naify”
A Bíblia Sagrada : Antigo e Novo Testamento . 2. ed. rev. e atual. no Brasil	“Bíblia Sagrada. Capa dura, folhas brancas, papel macio, letras grandes.”
FLYNN, Gillian. Garota exemplar . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 446 p	“Garota Exemplar (Gone Girl), é um livro relativamente grosso, preto com detalhes brancos, e fonte de título vermelha.”
COLLINS, Suzanne. Jogos vorazes . 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 397 p.	“Eu sou nervosa, não consigo escolher um livro favorito. Mas um que eu era apaixonada, era: jogos vorazes, mas aí, eu só li o primeiro. Ele tem páginas flexíveis e as folhas brancas, a capa dele é preta com a escrita branca e o símbolo amarelo. Cores que em minha opinião conversam muito bem; e traz beleza ao livro. E tem um que é meu favorito pra chorar que é: a culpa é das estrelas.”
KINNEY, Jeff. Diário de um banana : apertem os cintos. São Paulo: Vergara & Riba, 2017. 217 p	“Diário de um banana. Vermelho, capa dura e, ilustrado.”
JONES, Diana Wynne. O castelo animado . São Paulo: Editora Galera, 2007, 320p.	“O Castelo Animado. É um livro com pouco mais de 300 páginas, de capa azulada, com a ilustração de uma velhinha, a protagonista, caminhando de encontro a um Castelo de aparência bizarra, com várias chaminés e dois pés que utiliza para se locomover.”
GILBERT, Elizabeth; ABREU, Fernanda (Trad.). Comer, rezar, amar : a busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 342p	“Comer, Rezar e amar. Livro de porte médio, com páginas meio amareladas...”.

Fonte: A autora

Para ter preferência por um livro, ou qualquer outro objeto precisamos desenvolver afeto por ele, assim desse modo, as características que a questão pede que o leitor descreva são válidas para a escolha do livro, e principalmente para que ele se torne o seu preferido. O que motivaria alguém a gostar tanto de um livro? Sua história? Seu formato, tamanho, cores e textura? Foi-se questionado então: “**Você já quis ler um livro por causa da sua aparência física/capa? Qual livro? Você teve a oportunidade de ler o tal livro?**” As maiorias dos leitores confirmam esta questão dizendo que já sentiram muita vontade ou curiosidade de ler

determinados livros porque a sua aparência, a capa ou título chamavam a sua atenção. E que puderam ler os livros cobiçados, e muitas vezes se surpreenderam ou se decepcionaram com a narrativa encontrada dentro dos livros. Seguem-se alguns depoimentos coletados pelo questionário desta pesquisa:

Quadro 5 - Depoimentos dos leitores

LEITOR	RESPOSTA
Jennie	Já. 'Em algum lugar nas estrelas' da Clare Vanderpool, ele é da darkside, a capa é linda, e o livro também. Ganhei de aniversário ano passado, ainda não li porque quero que seja em um momento que eu esteja completamente livre (tchau tcc) e que eu possa viver essa experiência.
Célia	Sim, vários. O último livro que me causou essa sensação foi No seu pescoço de Chimamanda Ngozi Adichie, por me identificar com a figura na capa. Este último que citei ainda não.
Ma lala	Sim. O pequeno príncipe, mas não gostei muito a obra é superestima trás uma mensagem bonita porem não é tudo isso!
Sabrina	Sim. Vampirologia a historia dos anjos caídos, é um livro bem simples juvenil, mas eu fiquei doida quando via a capa dele ai compre. e estou com uma paixão pelas capas de uma coleção de livros de Agatha Christie, já tenho dois com essa capa, é linda.
Buffy	Sim, é um livro que tenho e sempre terei uma vontade de ler, não apenas pela capa, mas por todo conteúdo que despertou meu desejo: Obra Poética - Sophia de Mello Breyner Andresen
Willow	Sim, A Biblioteca Invisível. Além de o título ser sobre biblioteca a capa era da minha cor favorita, com detalhes em azul. Não resisti, comprei, e acabou sendo uma leitura tão maravilhosa quanto à capa.
Alice	Sim, eu amo a série de livros A rainha vermelha, e a primeira coisa que me chamou atenção foi a linda capa do primeiro livro (que na época só tinha o primeiro) então eu pesquisei mais sobre a história e ela é tão bonita quanto a capa, eu não li nenhum até agora por falta de money pra comprar e por não conhecer ninguém que tenha.
Tara	Sim, A Bruxa. Não li porque acabei perdendo o interesse com o tempo.
Giles	Já na infância quis ler um livro de estudo sem mestre em alemão. Li um pouco, mas não houve identificação com o idioma.

Fonte: A autora

5 AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE O LEITOR E O LIVRO COMO SIGNO E OBJETO CULTURAL.

A sequência desta pesquisa agora irá tratar das entrevistas de protocolo verbal (PV) realizadas com alguns leitores que responderam ao questionário online do Google, e que, em suas respostas demonstraram interesse pelo livro físico. Além de descrever com propriedade a sua relação com este objeto cultural, que incorporam e se qualificam nas três categorias Piercianas do signo: *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

O primeiro quadro trata dos sentimentos de *primeiridade* do signo que são descritos pelos sentimentos e reações que permeiam o primeiro contato com o objeto que é signo de alguém, no caso o livro preferido dos leitores entrevistados apresentado a eles no modo natural.

Quadro 6 - Qual o primeiro sentimento que você tem quando vê o seu livro preferido?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Orgulho, e não é porque tem orgulho escrito na capa. É porque quando eu li esse livro pela primeira vez eu li em pdf, a história. E aí, tipo, eu me apaixonei pela história, aí eu queria ter o livro de todo jeito. E aí, eu acho que o livro que eu comprei com o meu dinheiro foi esse livro. Aí, tipo, não era nem esse. Era um que teve toda uma história, ele foi roubado e eu, fiquei bem triste. E aí, eu comprei esse livro, e eu acho essa edição muito linda e ele é todo lindo pra mim, e então eu fico com orgulho de mim mesma de ter conseguido ele.
Cristal	Eu tenho a sensação muito de...Eu não sei explicar, é como se eu não estivesse naquele momento. Eu lembro muito da época que eu tava lendo ele. Que no caso é o livro Morte súbita, né? É que pra mim foi um fase muito boa, assim... Foi quando eu estava me descobrindo E foi uma amiga minha que me deu quando estava se mudando, então eu, eu lembro muito desse sentimento de... Sei lá, eu me senti muito acolhido pelo livro mesmo, então toda vez que eu olhava pra ele eu lembrava de coisas muito boas.
June	Ah, sei lá é muito amor envolvido, muito amor mesmo assim, eu sinto... É como se o livro fosse uma pessoa e cada vez que eu pegasse nele eu sinto um carinho enorme por ele, assim quisesse cuidar e andar com ele de mãos dadas na rua.
Célia	Não sei se o sentimento é saudade... Eu acho que é aconchego. O sentimento é aconchego porque eu lembro da infância, e assim eu lembro muito da minha mãe. Não exatamente da pessoa dela, mas sim o clima que ela gostava de proporcionar. Então, o primeiro sentimento que vem assim, até mesmo quando eu não vejo, mas me lembro do livro é de aconchego, assim desse clima propício para ler, pra imaginar, pra exercitar essa leitura. Eu acho também que tem a forma como ela me trouxe esse livro; dizendo que era um livro legal. Que eu lesse, que era um livro importante. Que eu acho que pela história dele. Dessa

	coisa de tipo, as coisas podem acontecer, mas você vai dar um jeito e enfim, vai funcionar depois.
Adam	Ah, eu fico tipo sinto um calorzinho no coração sabe? Tipo, eu fico “Own” [expressão de fofura, segurando o livro próximo ao rosto]. Se eu fosse descrever meu sentimento é isso: Eu fico feliz, eu sinto um amorzinho, sabe quando você encontra uma pessoa que gosta muito? Então, eu fico: Ele é tão bonitinho! Oh, não só o livro, mas qualquer livro deste autor quando eu vejo tipo, na loja ou na livraria ou enfim. Eu fico tipo, meu Deus do céu! Aaaahh... [Cara de entusiasmo]

Fonte: A autora

De acordo com Machago e Dos Santos Neto (2014, p.5) A *primeiridade* contempla a mera qualidade que um signo possui. E age como suporte das significações que são extraídas do signo.

Diferente da *secundidade* que apresenta o objeto físico do signo, o que dá sentido e caráter de existência para o mesmo. Agindo dessa forma e trazendo as lembranças a quais o leitor tem a observar o objeto que remete ao signo. A relação de existência compete à veracidade mesmo que não contenha as mesmas características iguais a do objeto. A *secundidade* na sua amplitude é díspar e o signo nesse estágio não necessita e não é, igual ao objeto se comparado fisicamente, porque a sua função é de indicar e identificar e não a de ser propriamente aquilo que representa. Tem-se a exemplo disso, as lembranças que os livros são capazes de trazer a tona aos leitores. Já que o signo para se formar depende também de um hábito adquirido para existir.

Esta categoria também faz parte da *Terceiridade*, onde aponta a imprecisão que o signo causa, no sujeito quando está em processo de compreensão do que seria a representação do objeto que tem em mente, ou diante de si. Segundo Niemeyer (2003, p.39-40) Conforme citado por Machado e Santos Neto (2014, p.9) é o primeiro nível em relação ao significado impreciso, indefinido no sentido, “uma sensação, uma indeterminação, que se dá no instante inicial de contato com o novo — um certo espanto, uma surpresa”.

Quadro 7 - Este livro sempre terá a mesma representação ou lembrança para você?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Sim, eu acredito que sim. Faz muito tempo que eu li ele, mas eu to sempre com vontade de ler ele. Sempre é uma coisa nova. Ele sempre vai ter a mesma lembrança. Em casa ele não fica na estante, ele fica em cima da mesa. E tipo, ele fica numa pilha de livros ele fica em pé, assim, tipo eu sempre quero ver ele, no topo meio aberto. E vira e mexe eu sento na cadeira pra estudar ou pra fazer alguma coisa. Aí eu pego, aí eu abro, aí eu vejo alguma parte e aí eu cheiro e fico passando a mão. Aí mainha entra no quarto e fica rindo da minha cara. Ah, eu

	acho ele muito lindo, meu Deus. Espero que ele nunca perca esse cheiro, mas se ele perder eu vou continuar cheirando igual.
June	É tipo reconhecimento, reconhecer a si mesmo como pessoa. A primeira coisa que eu lembro quando eu vejo o livro é realmente assim a representação dele na minha cabeça, entende? A capa dele é um bulezinho que a personagem principal recebe no começo do livro que foi um presente do tio dela que faleceu. E era a única pessoa que ela considerava que conhecia ela verdadeiramente. Então eu lembro e penso muito assim, tipo, em como as pessoas são e representam na nossa vida, sabe? E o que cada uma particularmente tem de especial na nossa vida, sabe? O que cada um mudou um ponto ou outro, porque no meio da história a gente vê que ela cresce, é.. de forma significativa pessoalmente com a relação dela com o mundo, eu acho que a representação do bule é dizendo assim: que mesmo que o tio dela não esteja presente na vida dela mais, assim fisicamente , mas ele deixou coisas pra ela poder seguir.
Célia	Ah, então, minhas lembranças são comigo lendo o livro. Eu gostava muito de ler, na minha casa tinha uma escada e era uma escada, assim realmente de passagem que separava terraço, sala e o cômodo que tinha em baixo da cozinha, banheiro e os demais quartos. Então assim, a noitezinha no entardecer eu gostava de sentar na escada, mesmo sendo passagem, então as lembranças que me remetem é... Eu lendo o livro na escada. Os momentos em que minha mãe chegava e me perguntava como tinha sido o livro. E o que de novo eu tinha descoberto no livro. Então a gente tinha aquela conversa, eu consigo me lembrar disso também.
Adam	Então, ele lembra muito minha adolescência porque eu ganhei esse livro de aniversário, no meu aniversário de uns 13 para 14 anos. E, no ensino médio no caso e foi uma fase bem complicada da minha vida e tal, em que eu passa muito tempo muito triste. E aí quando eu li esse livro eu gostei muito dele porque eu me identifiquei com o protagonista logo de cara. Entendeu? E aí toda vez que eu leio o livro ou que eu penso nele ou que eu vejo ele em determinado lugar, eu lembro automaticamente desta fase da minha vida.
Cristal	É, acho que sim porque não só essa minha amiga que me deu o livro, mas pelo contexto de todas as coisas que aconteceram ao redor na época que eu ganhei ele. Ai eu tenho esse sentimento de acolhimento, e ele vai sempre representar isso. Todas às vezes.

Fonte: A autora

As reações que os leitores tem durante a leitura competem também a terceira categoria que é conhecida como: “Terceiro (Trid)- experiências *triádicas* ou *compreensões*; sendo, cada uma, uma experiência direta que liga outras experiências possíveis.” (PIGNATARI, 1979). Já que as reações são um indicio de que o leitor está envolvido em determinada situação lembramos também que está questão se fere a *secundidade*. Diz Souza (2006, p.160) a uma experiência que cabe a categoria da secundidade do signo. Quando ele afirma que: “O objeto

é uma forma de representação do referente. Faz parte da secundidade, da experiência existencial, é o que o Interpretante envia o signo em um processo de semiose.”.

Quadro 8 - Quais são suas reações durante a leitura?

LEITOR	RESPOSTA
Lizzie Bennett	Ah, eu vou lendo. Aí tem uma coisa comigo que é assim, aí a moça diz: Num sei quem deu de ombros. Aí eu dou de ombros. Num sei quem franziu o rosto, aí eu franzo assim o meu rosto. Num sei quê rio, eu rio. Num sei que tomou um susto. Ah teve uma vez que eu tava lendo esse livro e eu levei um susto porque a personagem levou um susto, porque eu estava tão presa na história tipo, meu Deus o que vai acontecer agora aqui, Aaaahhh... levei um susto! Aí tipo, eu fico rindo, fico passando a mão. Aí eu fecho assim o livro e fico meu Deus! Aí depois eu volto pra ler, aí depois eu fecho assim e digo: ah eu não vou ler. Aí depois, mentira! Eu quero! É bem assim, e tipo eu já li esse livro eu acho que bem umas dez vezes. E toda vez que eu leio eu tenho uma reação, pode não ser a mesma reação, pode não ser nas mesmas partes, mas eu sempre tenho alguma reação. Eu choro, eu fico rindo, eu fico com vergonha. Eu me coloco mesmo na história, sou dessas.
Cristal	Ah, todos os sentimentos que eu pude sentir eu senti. Têm um aparte que você sente muito medo com as coisas que vão acontecer, tem as partes que você fica muito triste, principalmente no final da história. Tem as partes de alegria que você vê que os personagens estão conseguindo; você tem o sofrimento junto com o personagem porque são muitos personagens e cada personagem passa por uma história então você vai acompanhando aquilo e você vai sentindo tudo aquilo, então eu chorei eu ri eu fiquei desesperado, eu fiquei com medo. Eu, eu tive todos os sentimentos possíveis. Até nojo eu tive.
Célia	Ah, eu tenho reações diversas, choro logo mesmo de montão. Sorrio também. Eu tenho também muita mania de fazer assim, muitas pessoas percebem porque isso acontece mesmo eu estando na rua, ônibus, fila de banco. Então eu sempre leio, não tem essa! E, aí eu sempre suspiro, assim, tipo o personagem está correndo, tá fugindo de alguém. Aí eu tô lá [A leitora faz cara de espanto] e solto um suspiro assustado. Ah, meu Deus! Tipo assim, tá nojento aí eu faço careta. E já aconteceu de pessoas virem me dizer que observaram, que viram que perceberam. Eu me lembro de um outro livro que eu estava lendo: A cabana, e aí eu meio que presumia o que iria acontecer, e quando se confirmava eu já estava em prantos, chorei muito. Passei a madrugada inteira lendo e chorei demais. Mas eu tenho muitas reações, assim, é... Eu adoro romance policial, gosto muito me entrete bastantes, eu me lembro dos meus primeiros romances policiais até hoje: Sherlock Holmes, Agatha Christie. Eu lembro que costumava colocar no espelho da cama, o máximo de travesseiros que eu podia. E que me recostava, porque eu lembro que sentia um frio na espinha, assim, daquele mistério a coisa acontecendo a história se afunilando. E eu lembro que ficava assim me contorcendo, minhas costas reta e naquela posição colocando os ombros para trás, tensa. Assim, sentindo aquele frio na espinha e lendo

	o livro. Acontecia muito. Hoje, às vezes acontece, mas aí quando você tá noutros lugares, o tempo de ler é muito menor. Aquela imersão não é da mesma maneira de quando você era criança. As coisas não tocam mais você da mesma maneira, aí hoje eu não me vejo tanto, mas ainda dá aquele susto. Eu solto aquele: Não acredito! [Fazendo cara de espanto]. Acontece bastante, choro muito, fico indignada.
June	Ah, é muito misturado que no início é.. eu fiquei muito assim, eu fiquei meio chateada com a personagem principal, que ela era muito infantil assim, meio coisada. Meio ante social por nada e depois assim eu fui vendo é.. que ela.. ela.. era praticamente, eu não sei, sei lá. Eu me identifiquei muito com ela, sabe? Porque de início que lembrei assim da pessoa que eu era e da pessoa que eu me tornei e aí, primeiro eu tive raiva depois eu tive empatia. Mas assim eu senti muito, muito assim, em uma determinada parte do livro que é quando ela descobre a vida secreta que o tio dela tinha, eu senti tipo traição porque ele não compartilhou essa parte da vida dele com ela. E depois eu senti que não era bem isso, era, não é nem reconciliação, era entender, entendimento mesmo do porque ele fez isso e no final eu senti que... Não sei... Sabe como é aquele sentimento de quando você partilha muitas coisas com várias pessoas diferentes e você em determinado momento para pra ouvir tudo o que todos eles estão dizendo é como se fosse um quebra cabeças. É eu acho que esse sentimento não tem nem nome, é... Foi isso, eu comecei com raiva, meio chateada, mas depois eu passei pra uma área de saudade depois eu fui pra parte da traição, do entendimento e depois eu juntei tudo isso e parece que tudo virou uma pessoa.

Fonte: A autora

Todo livro existe de uma forma cores, tamanho e texturas são diferentes uns dos outros. O livro existe de uma forma e o sentimento que o leitor desenvolve por ele, existe de outra maneira, e essa maneira nem sempre é física, porém depende da forma física do livro para existir.

Quadro 9 - O seu livro tem marcas que faz com que você passe a gostar mais dele?

LEITOR	RESPOSTA
June	Eu tenho, eu coloquei um adesivo no livro que era um adesivo antigo meu, que a minha mãe tinha me dado quando eu era pequena e eu o coloquei na capa. Não na capa, na contra capa do livro. E aí ficou lá registradinho que é meu.
Célia	Eu me lembro das características, agora assim, eu não sei dimensionar em centímetros o tamanho, mas ele não era muito grande. Mas era grosso e eu também me lembro que assim, ele não tinha marcas que ele ganhou ao longo do tempo. Essa questão da lombada rasgadinha, isso já foi quando eu reencontro o livro depois que passou aquela fase de eu ler e tudo mais. E aí dentro da minha casa, nas minhas coisas eu acabo reencontrando ele que é justamente com a lombada rasgada. Porque eu mudei de repende e o livro não foi comigo.

Cristal	Eu sei que é o meu livro porque ele tem uma dedicatória da minha amiga, logo na primeira página onde está o título do livro e , eu emprestei ele a uma amiga minha que ele voltou com o plástico soltando na frente, e aí eu sei que é ele por isso.
----------------	--

Fonte: A autora

Conclui-se que “A primeiridade é o reino dos possíveis; a secundidade, dos existentes; a terceiridade, das generalizações.” (PIGNATARI,p.29,1979). Sendo que o livro é, e pode ser visto como um objeto cultural de leitura e representação. E não somente como um item essencial aos estudos e pesquisas acadêmicas, mas ao lazer e ao encontro do indivíduo leitor com significações e vivências que são particulares a ele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa o livro como signo e objeto cultural de leitura, para os estudantes de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de pernambuco, trouxe um novo olhar a respeito dos hábitos de leitura. Propondo-se a investigá-los e constatar através do questionário e da entrevista, sinais e elementos que fazem parte dos conceitos semióticos que foram propostos por esta pesquisa.

A leitura foi validada como um hábito comum entre os estudantes, e as reações advindas da mesma, como consequência do ato de ler. Os leitores investigados nesta pesquisa tem uma forte tendência a realizar leituras fora de casa em ambientes diversos e até não muito comuns. A leitura é ainda uma forma de realização e de fuga do estar no mundo de cada sujeito, é principalmente subjetiva em seu significado para cada leitor individualmente. A mesma leitura que o leitor faz do livro, é a leitura que o leitor leva para o seu mundo, seja ele fantástico ou não, seguindo o pensamento Freiriano citado durante a pesquisa. Lê-se até o que não é escrito, porque a leitura também depende dos fatores externos e sociais em que o leitor está inserido.

O livro foi considerado como um objeto detido de significado e significações particulares a cada leitor. Um objeto cultural valoroso desejado historicamente e atualmente. Pode-se perceber que o livro é um corpo onde a leitura habita, e o leitor é o corpo onde a leitura reage, interage e modifica. E que tanto nos séculos passados, como no século atual, este objeto continua a ter um valor cultural expressivo para um vasto público de leitores. O que implica que sempre haverá um sujeito com desejo de ler, de ter e de interagir com o livro. E isto é o que individualiza os modos de se praticar a leitura.

E a partir disso, discorre-se também sobre o que o objeto livro passa a significar para os leitores atualmente. O signo semiótico que o livro se torna para cada leitor. O juízo de valor atribuído a cada livro pelo leitor que o leu. Foi visto de acordo com a investigação sobre as características físicas dos livros, que este é um ponto que chama muito a atenção do leitor e pode se tornar um incentivo para a escolha do objeto, num processo onde o leitor necessita fazer um empréstimo ou até mesmo a compra do item. Lembrando que esta pesquisa trata o livro como um objeto pessoal, um item de companhia para nas ocasiões de lazer. O que o livro representa e apresenta para os leitores, vem a ser o signo semiótico.

O perfil leitor dos estudantes de Biblioteconomia baseou-se em seus atos e hábitos de leitores, leitores que provaram não serem somente acadêmicos, mas leitores de ficções e fantasias, de poesias, e canções entre tantos outros gêneros citados dentro deste trabalho. São

leitores que têm apreço pelos vários tipos de leitura, que se identificam com ela e a partir disso constituem-se.

As relações de afetividade que os leitores desenvolvem pelo objeto cultural livro, foram analisadas e comparadas aos conceitos semióticos do signo com respeito às categorias Piercianas da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, tiveram o resultado esperado com respeito a se relacionarem aos conceitos apontados dentro desta pesquisa. Ao desejo de ler e de obter um livro o leitor se enquadra na categoria de primeiridade, da qualidade que desperta o querer, possuir esse objeto cultural de leitura. Dentro da secundidade estão incorporadas as reações, expressões que o leitor apresenta durante a leitura, e principalmente do contato físico com o livro, pois, a secundidade é uma categoria do existir, o signo apresentado fisicamente ao sujeito. E diante disso, surge a Terceiridade, momento onde o sujeito leitor completa o processo de semiose e passar reconhecer o livro como um signo, como objeto que tem certa influência sobre ele, suas vivências, sentimentos, é neste momento que o livro dentro da terceira categoria torna-se o representamen que contempla a junção das categorias anteriores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.120p.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.p635.
- BALDO, Alessandra. **Protocolos verbais como recurso metodológico: evidência de pesquisa**. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewFile/3976/5020>. Acesso em: 02 de Mai. de 2018.
- BAPTISTA, S. G. O.; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 168-184, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/4700>. Acesso em: 30 Abr. 2018.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: UFSC, 2002.
- BELO, André. História e livro e literatura. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.133p.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.105p
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 24 de nov. de 2017.
- DA CUNHA, Murilo Bastos. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Universidade de Brasília**, p. 1, 1982. Disponível em: http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CUNHA_1982.pdf. Acesso em: 24 de Mai. de 2018.
- DIAS, A. T. B. B. B.; VIEIRA, L. Análise semiótica de capas de livros didáticos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 10, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/32076>. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.
- DOS SANTOS NETO, J. G.; MACHADO, G.F. A semiótica e o processo de significação: uma análise da propaganda da coca-cola. In: Encontro de comunicação e mídia – Ecom. 2014, Campina Grande- PB. Disponível em: http://cesrei.com.br/site/wp-content/uploads/2015/08/CESREI-a_semiotica_e_o_processo_de_significacao-.pdf. Acesso em: 16 Nov. 2018.
- EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática,1997.80,p.
- EP Far, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.71.p.
- FERREIRA, Marilucy da Silva. **Introdução á Biblioteconomia: Curso Técnico em Biblioteconomia**. Recife: Secretaria Executiva de Educação Profissional de Pernambuco, 2018.

FERNANDES, José David Campos. Introdução à Semiótica. **Linguagens: usos e reflexões**, v. 8, p. 1-185. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf. Acesso em: 16 de Mar. de 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1998.
GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULART, I.C.V. **O livro**: objeto de estudo e memória de leitura. Disponível em: http://encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_7_10.pdf. Acesso em: 22 de nov. de 2017.
GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In CHATIER, Roger. (Org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.p.107-116.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 15.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, p. 23-56, 2011.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.118 p.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria do signo. Editora Perspectiva, 1980.

NORTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Pierce.3.ed. São Paulo: Annablume,2003.149p.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.127p.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**: icônico e verbal, Oriente e Ocidente. 2.ed. São Paulo:Cortes &Moraes, 1979.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANTAELLA, Lucia; NORTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. 248.p.

SANTOS, Hudson. Quase definitivo: Um local voltado pra falar de tudo um pouco. Disponível em: <http://blogs.ua.pt/bibliotecainforma/?p=3284>. Acesso em: 31 de Jul. de 2018

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: QuartierLatin, 2007. 237.p

SCHIESSL, Marcelo. **Triângulo Semiótico de Ogden e Richards adaptado**. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Triangulo-Semiotico-de-Ogden-e-Richards-adaptado_fig1_263268803. Acesso em: 19 de Nov. de 2018.

SOUZA, Lucia Soares de. **Introdução às teorias Semióticas**. Petrópolis, RJ: Salvador, BA, 2006.2010.p.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural. **Revista Mosaicum**, n. 18, p. 25, 2013.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO *ONLINE* – PROJETO DE PESQUISA 2

O presente questionário propõe identificar os estudantes de biblioteconomia que são leitores de livros físicos (impresso), e analisar sob perspectiva semiótica a relação dos leitores com respeito a este objeto cultural. Dentro das categorias do signo de Pierce: *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*.

INFORMAÇÕES SOBRE O LEITOR

Nome:

Nome social: Você faz uso do nome social conforme o decreto nº 8.727 de 28 de Abril de 2016?

Curso:

Período:

Email:

Gênero: M () F ()

Faixa etária:

() Até 18 anos

() Entre 18 e 23 anos

() Entre 20 e 25 anos

() Entre 25 e 30 anos

() Entre 30 e 35 anos

() Entre 35 e 40 anos

() Entre 45 e 50 anos

() Entre 45 e 50 anos

() Mais de 50 anos.

Qual aproximadamente é a sua renda mensal?

() Nenhuma renda.

() Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00).

- De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 954,00 até R\$ 2.862,00).
- De 3 a 6 salários mínimos (até R\$ 2.862,00 até R\$5.724,00).
- De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.724,00 até R\$8.586,00).
- De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.586,00 até R\$ 11.448,00).
- De 12 a 15 salários mínimos (de 11.448,00 até R\$ 14.310,00).
- Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$14.310,00).

Quais gêneros literários você geralmente costuma ler?

LÍRICOS	NARRATIVOS	DRAMÁTICOS
POESIA	ROMANCE	FARSA
ODE	FÁBULA	TRAGÉDIA
SÁTIRA	CONTO	COMÉDIA
HINO	CRÔNICA	TRAGICOMÉDIA
ELEGIA	ENSAIO	AUTO
ÉCLOGA	EPOPEIA	CORDEL
IDÍLIO	BIOGRAFIA	PANTOMIMA
SONETO	PARÁBOLA	
HAICAI	MITO	
ACRÓSTICO	FANFIC	
CANTIGA	QUADRINHOS	
	ANEDOTA	
	LENDA	
	APÓLOGO	
	FICÇÃO CIENTÍFICA	
	FICÇÃO FANTÁSTICA	
	TERROR	
	AUTOAJUDA	

Outros _____

Você costuma ler:

- Jornais
- Revistas
- Folhetos/panfletos

Em quais locais você tem acesso à internet?

- Em casa
- Universidade
- Trabalho
- Estágio
- Na rua (Telefone móvel)

Livros digitais

- Áudio livro
- E-books: PDF, MOBI, TXT, EPUB Etc.

Leitores digitais

- Aplicativos**
- eReader (*Kindle, Kobo, Lev*)
- Computador
- Tablet
- Smartphone/Celular

Com que frequência você costuma ler *livros* físicos?

- Todos os dias
- Toda semana
- Todo mês
- Algumas vezes no ano

Em que locais costuma ler:

- Em casa
- Biblioteca

() Shopping

() Praças/Jardins

() Livraria

() Ônibus

() Carro

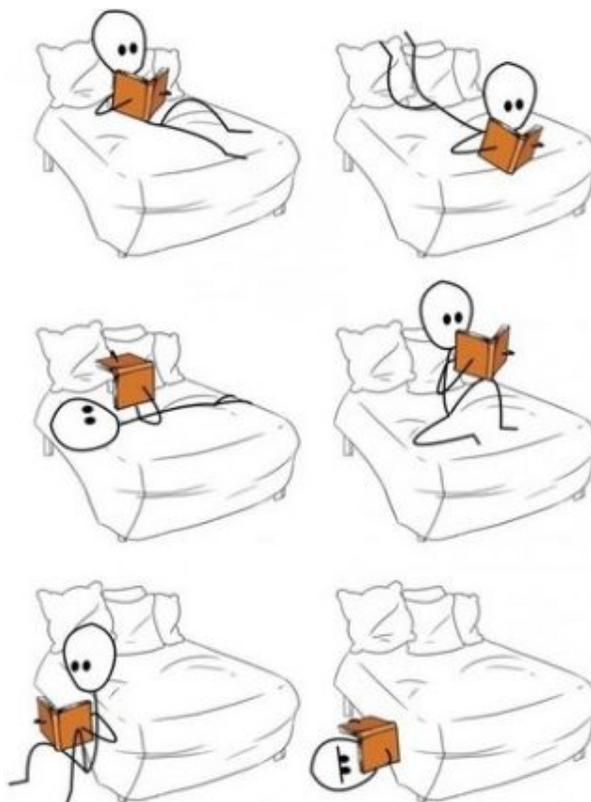
() Avião

() Filas de banco

() Café/ Bar

Outros _____

Posições para ler:



Posições para leitura.

Fonte: SANTOS (2011)

Deitad@ cama/ sofá/ chão/rede

De braços

Em pé

Sentad@

Sentad@ de pernas cruzadas

Encostad@ na parede

De joelhos

Deitad@ segurando o livro sobre o rosto

Outras _____

Quais desses motivos o faz preferir o livro físico?

Acho mais confortável para ler Gosto da sensação de tocar o livro

Gosto de sentir o cheiro Gosto de folhear

Gosto de ficar folheando e relendo trechos

É um suporte mais acessível

Você costuma:

Rabiscar

Dobrar a folha para marcar a página

Utilizar marcadores de página.

Grampear, colocar clips nas páginas

Nenhuma das alternativas

Qual o nome/ título do seu livro preferido?

Você prefere livros que contenham quais características físicas em seu formato:

- Capa dura
- Folhas amareladas
- Folhas brancas
- Auto-relevo
- Ilustrados
- Capa Flexível
- Colorido
- Cartonaria

Outras características:

Marque algumas das atitudes que você costuma tomar com os seus livros preferidos:

- Você gosta de cheirar o livro
- Costuma abraçar o livro
- Você dorme com o livro
- Você carrega o livro por toda parte mesmo que não o leia, aguardando a oportunidade de em algum momento lê-lo.

O que um livro precisa ter para se tornar especial para você?

O livro traz consigo alguma lembrança de um momento particular para você?

- Sim Não

Se você respondeu sim, explique. (Colocar opção de dissertar quando o respondente optar por sim)

Como você costuma guardar o seu livro preferido?

Você expressa sentimentos e reações ao ler? Quais? Exemplo: você ri, se surpreende, grita, chora, sente raiva. Poderia dissertar sobre?

Por qual razão você indicaria a leitura do seu livro preferido?

Emprestaria o seu livro preferido? Sim () Não ()

Por quê? _____

Já quis ler um livro por causa de sua aparência física/capa? Qual livro? Você teve a oportunidade de ler tal livro?
